

**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
**SUL-RIO-GRANDENSE**  
Câmpus Pelotas

**ESPAÇOS E CONFIGURAÇÕES PARA O  
ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: UMA  
INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO  
CURRÍCULO**

**Érica Pereira Martins**

31/07/2015

ÉRICA PEREIRA MARTINS

ESPAÇOS E CONFIGURAÇÕES PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO:  
UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO CURRÍCULO

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal Sul-riograndense, Campus Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

PELOTAS

2015

ÉRICA PEREIRA MARTINS

ESPAÇOS E CONFIGURAÇÕES PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO:  
UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO CURRÍCULO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagens Verbo-visuais e Tecnologias.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM: 31/07/2015

---

Presidente e Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas  
Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas

---

Convidado: Prof. Dr. Glaucius Décio Duarte  
Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas

---

Convidada: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lélia Cristina Silveira de Moraes  
Universidade Federal do Maranhão

---

Convidado: Prof. Dr. Luis Otoni Meireles Ribeiro  
Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas

Local: Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas

### Ficha Catalográfica

M386e Martins, Érica Pereira.

Espaços e configurações para o ensino de empreendedorismo : uma investigação a partir do currículo / por Érica Pereira Martins. – 2015.  
129 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2015.

1. Empreendedorismo. 2. Currículo. 3. Educação - Ensino superior. I. Rostas, Márcia Helena Sauaia Guimarães. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 658.421

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576  
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

Dedico essa dissertação a Deus, razão maior de tudo.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter estado junto a mim em todos os momentos dessa jornada. Sem a força e a presença do Senhor, bem como a intercessão da Virgem Maria, nada disso teria sido possível.

Gostaria de agradecer, especialmente, à minha mãe pelo apoio incondicional em todos os momentos dessa trajetória e pelo constante incentivo a ser melhor a cada dia e em cada situação. Tudo o que sou e que um dia serei, é inspirado no exemplo dela.

Agradeço ao meu noivo Vitor, que com sua paciência infinita me dá o amor e suporte necessários para buscar meus objetivos, ainda que isso implique em muitos momentos de ausência.

Outro agradecimento especial dedico à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Rostas. Ao ter aceitado orientar a proposta que trouxe, demonstrou ter uma das características que mais admiro em um verdadeiro professor: o respeito ao processo individual do aluno. Após várias vezes ter ouvido críticas à proposta desse trabalho, encontrar acolhimento e disposição para desenvolvê-lo foi motivo de grande alegria para mim. Palavras não seriam suficientes para expressar minha gratidão quanto à oportunidade de realizar uma pesquisa dentro de um tema que é muito caro para mim, e para outros tantos sonhadores nesse mundo.

Estendo esse agradecimento aos professores Glaucius, Lélia Cristina e Luis Otoni, que gentilmente aceitaram o convite de fazer parte da banca de qualificação e da banca de defesa, contribuindo significativamente para os rumos que a pesquisa tomou, considerando o objetivo a atingir.

Aos demais “filhotes” da dona Florinda: Regina, Alexandre, Ernesto, Leonice, Maicon, Márcio, Vera, meus colegas queridos, meu grande agradecimento. Em especial à Regina, que com o seu “vem, vem”, me oportunizou uma grande experiência, e ao Alexandre, que repetiu tantas vezes a frase: “currículo não é tudo, mas é 100%” que me influenciou a seguir os estudos do currículo.

Aos colegas do curso de bacharelado em Psicologia: Marcela, Mariana, Paola e Thiago, que souberam compreender minha ausência em função do mestrado, e me auxiliaram sempre que possível enquanto tentava conciliar as duas jornadas de estudo, meu obrigada nada “miçangueiro”.

Aos meus colegas da equipe diretiva do Campus Pelotas, bem como os colegas da Diretoria de Pesquisa e Extensão, meu sincero agradecimento. O suporte de vocês e a compreensão nas ausências foram fundamentais para que eu pudesse concluir essa jornada.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Educação Empreendedora e do Núcleo de Apoio ao Desenvolvimento do Empreendedorismo, Bruna, Charles, Diego, Emerson, Leandro, Maurício e Rosana, que compartilham dos mesmos anseios, crenças, esperanças e sonhos, não só agradeço como também afirmo que vocês fazem parte deste trabalho. Ver o brilho no olho de cada um de vocês quando estamos pensando o Empreendedorismo e a Educação Empreendedora me dá a certeza que estamos no caminho certo, e este trabalho também é fruto disso.

Aos demais amigos (que se fizesse o exercício de tentar nomeá-los utilizaria diversas páginas e ainda correria o risco de faltar alguém) que souberam conviver com a minha ausência em diversas ocasiões, quando a vários convites tive que responder: “hoje não dá, tenho que escrever!”, meu agradecimento também é direcionado.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço a todos aqueles que ousam acreditar na Educação Empreendedora, enxergando nela um virtuoso caminho para o término da miséria no país, e que embalados por esse sonho, buscam incansavelmente despertar o potencial empreendedor que existe em cada um. Nós ainda vamos mudar esse mundo!

Na prática nem tudo é consumido na temperatura em que é cozinhado durante  
acaloradas discussões teóricas.

(Otto Peters)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar quais os espaços e as configurações existentes para o ensino de Empreendedorismo em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, considerando o currículo como meio investigativo. Considera, como base teórica, o entendimento de que currículo é o conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas aos/às estudantes, e de que empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. A pesquisa, de acordo com seus procedimentos metodológicos, se caracteriza como um estudo de caso, uma vez que analisa o contexto do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet da referida instituição. Tem como fontes de dados o projeto pedagógico do curso, suas matrizes curriculares, os planos de ensino das disciplinas do eixo Gestão e Negócios, entrevistas realizadas com professores e questionários aplicados com alunos. As categorias elencadas para análise dos dados foram as perspectivas de saber, poder e identidade, próprias dos estudos curriculares. A investigação permitiu concluir que existe o espaço para o ensino de Empreendedorismo no curso avaliado, porém não existe uma única configuração, uma vez que as esferas de saber, de poder e de identidade sofrem alterações de acordo com a posição dos sujeitos envolvidos, podendo implicar de distintas formas na abordagem da temática e na sua significação.

Palavras-chave: Currículo. Empreendedorismo. Ensino Superior.

## **ABSTRACT**

It is objectified in this thesis to identify which locations and existing settings for teaching of entrepreneurship in a federal Institute of teaching, science and technology, considering the curriculum as an investigation to the matter. It is considered, as a theoretical basis, the understanding that the curriculum is the collective of all experiences of knowledge given to the students and that entrepreneurship is the process of involving people and processes that collectively leads to transformation of ideas into opportunities. The research, according to its methodological procedures, is characterized as a case study, once it is analyzed the context of the major of technology of systems for the Internet in the rendered institution. It is given as a source of information the teaching project of the course in the matter, its curriculum, the discipline teaching plans of the axis of managing and business, interviews realized with professors and a questionnaire filled by students. It was allowed by the investigation to conclude that the existence of space of the Entrepreneurship teaching in the evaluated course, once that the spheres of knowledge, power and identity are altered according to the position of subjects involved, allowing the implication of distinct shapes of approaching the theme and its significance.

Keywords: Curriculum, Entrepreneurship, Higher Education, Major.

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 – Faixa etária dos professores respondentes .....                     | 73 |
| Gráfico 2 – Tempo de docência dos professores respondentes .....                | 74 |
| Gráfico 3 – Tempo de docência dos professores respondentes no IFSul .....       | 75 |
| Gráfico 4 – Respondente participou do processo de criação do curso .....        | 76 |
| Gráfico 5 – Respondente participou do processo de revisão do projeto pedagógico | 77 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Artigos encontrados na busca “Educação” e “Empreendedorismo” .....                             | 19 |
| Quadro 2 – Artigos encontrados na busca “Ensino” e “Empreendedorismo” Fonte:<br>Pesquisa direta.....      | 20 |
| Quadro 3 – Teses e dissertações encontradas na busca “Currículo” e<br>“Empreendedorismo” .....            | 23 |
| Quadro 4 – Matriz analítica: Projeto Pedagógico .....   | 65 |
| Quadro 5 – Matriz analítica: Matriz Curricular .....  | 67 |
| Quadro 6 – Matriz analítica: Planos de Ensino.....  | 69 |
| Quadro 7 – Matriz analítica: Docentes do eixo Gestão e Negócios .....                                     | 72 |
| Quadro 8 – Respostas relativas aos componentes de Gestão e Negócios.....                                  | 78 |
| Quadro 9 – O que é Empreendedorismo na visão dos respondentes.....  | 79 |
| Quadro 10 – Matriz analítica: Docentes do curso superior de Tecnologia em<br>Sistemas para Internet ..... | 80 |
| Quadro 11 – Me considero um empreendedor? Justificativa. ....   | 83 |
| Quadro 12 – Matriz analítica: Alunos da disciplina Perfil Empreendedor .....                              | 84 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Faixa etária dos professores respondentes.....                      | 73 |
| Tabela 2 – Tempo de docência dos professores respondentes.....                 | 74 |
| Tabela 3 – Tempo de docência dos professores respondentes no IFSul.....        | 75 |
| Tabela 4 – Respondente participou do processo de criação do curso.....         | 76 |
| Tabela 5 – Respondente participou do processo de revisão do projeto pedagógico | 77 |
| Tabela 6 – Faixa etária dos estudantes .....                                   | 81 |
| Tabela 7 – Alunos que já haviam estudado na Instituição .....                  | 81 |
| Tabela 8 – Alunos que já haviam ouvido falar sobre o tema.....                 | 82 |
| Tabela 9 – Grau de interesse dos alunos sobre o tema.....                      | 83 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| RESUMO.....   | 7  |
| ABSTRACT .....  | 8  |
| LISTA DE GRÁFICOS.....  | 9  |
| LISTA DE QUADROS .....  | 11 |
| LISTA DE TABELAS .....  | 12 |
| 1 INTRODUÇÃO .....  | 14 |
| 2 ESTADO DA ARTE .....  | 17 |
| 2.1 Artigos científicos .....   | 17 |
| 2.2 Teses e Dissertações.....   | 21 |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO .....   | 27 |
| 3.1 Currículo .....   | 27 |
| 3.1.1 Teorias do Currículo: perspectivas de divisão .....   | 31 |
| 3.1.2 Componentes curriculares .....  | 44 |
| 3.2 Empreendedorismo .....  | 46 |
| 3.2.1 O que é Empreendedorismo? .....   | 46 |
| 3.2.2 Educação Empreendedora .....  | 49 |
| 4 METODOLOGIA.....  | 57 |
| 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS .....  | 62 |
| 5.1 Análise do Projeto Pedagógico do curso .....  | 62 |
| 5.2 Análise da Matriz Curricular do curso .....   | 66 |
| 5.3 Análise dos planos de ensino das disciplinas de Gestão e Negócios .....   | 67 |
| 5.4 Entrevistas realizadas com docentes dos componentes curriculares que incluem Empreendedorismo como temática ..... | 69 |
| 5.5 Entrevistas realizadas com os professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet .....         | 72 |
| 5.6 Questionários aplicados com os alunos da disciplina Perfil Empreendedor ....                                      | 80 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 86 |
| 7 REFERÊNCIAS.....  | 90 |
| ANEXOS .....  | 96 |
| ANEXO I - MATRIZ CURRICULAR DO PROJETO PEDAGÓGICO 2008/2 .....  | 97 |
| ANEXO II - MATRIZ CURRICULAR DO PROJETO PEDAGÓGICO 2015/1 .....   | 98 |

|   |     |
|---|-----|
| ANEXO III - PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PERFIL EMPREENDEDOR .....   | 99  |
| ANEXO IV - PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA GESTÃO DE NEGÓCIOS.....  | 102 |
| APÊNDICES.....  | 106 |
| APÊNDICE I - Roteiro de entrevista a ser aplicada com docentes dos componentes curriculares que incluem Empreendedorismo como temática .....        | 107 |
| APÊNDICE II - Questionário aplicado junto aos estudantes .....  | 108 |
| APÊNDICE III - Roteiro utilizado para condução do grupo focal junto aos professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet ..... | 110 |
| APÊNDICE IV - Questionário aplicado junto aos professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet.....                            | 111 |
| APÊNDICE V- Termo de consentimento .....  | 113 |
| APÊNDICE VI - Entrevista realizada com o professor titular da disciplina de Perfil Empreendedor.....  | 114 |
| APÊNDICE VII - Entrevista realizada com o professor substituto da disciplina de Perfil Empreendedor .....   | 122 |
| APÊNDICE VIII - Transcrição da entrevista no grupo focal.....   | 126 |

## 1 INTRODUÇÃO

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia são instituições de ensino brasileiras que foram instituídas pela Lei 11.892/2008 e que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nos últimos anos houve um expressivo crescimento do número dessas instituições, em consonância com a política do Governo Federal para a educação profissional e tecnológica.

Considerando esse cenário expansionista, diversas reflexões envolvendo a realidade dessas instituições podem ser propostas e encaminhadas por meio de investigações científicas. O presente estudo se dedica a uma em especial, que diz respeito ao Empreendedorismo. Partindo do conceito de Dornelas (2008, p.22), o qual define Empreendedorismo como “o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades”, o presente trabalho foi concebido.

Os novos paradigmas das relações de trabalho na sociedade atual convidam as instituições de ensino a repensar a formação que vem sendo dada aos estudantes. Nesse contexto, tentemos fazer o exercício de deixar de lado as discussões que se destinam a criticar o modelo econômico vigente. Por mais que tenham pertinência dentro dos estudos da Educação, o presente trabalho não se dedicará a dar conta delas, por assumir que é mais urgente repensar alternativas para o que está posto enquanto realidade, antes de embarcar no vasto processo de desconstrução dessa lógica.

A Educação para o Empreendedorismo, ou simplesmente Educação Empreendedora, como é comumente conhecida, é um movimento que vem crescendo no país, e que tem como propósito difundir o tema em todos os níveis de ensino, da educação básica à pós-graduação. Partindo do pressuposto que empreender não se resume a ser empresário, e que ser empreendedor é uma definição ligada principalmente a atitudes comportamentais, o ensino do Empreendedorismo será abordado como tema desta pesquisa.

Considerando tal cenário, a presente pesquisa tem origem ao se observar a pluralidade de características de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, em especial no que diz respeito aos diversos níveis de ensino em que atua. Por força de lei, essas instituições estão aptas a ofertar cursos técnicos de

nível médio, cursos superiores de tecnologia, bacharelados e licenciaturas, bem como cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*. Somado isso ao fato de que muitas dessas instituições são antigas Escolas Técnicas ou Centros Federais de Educação Tecnológica que foram transformadas, e, considerando que durante anos existiu – e ainda existe – uma concepção de que a formação proporcionada nesses espaços é especificamente voltada para mão de obra, a investigação proposta encontra justamente aí um paradigma a ser investigado, e, porque não, rompido. Assim, o problema gerador da pesquisa se transcreve em seu próprio título: “qual é o espaço para o ensino de Empreendedorismo em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia?”.

Para adentrar nessa realidade, a ferramenta escolhida foi o currículo, considerando a definição proposta por Silva (1995, p.184), o currículo é “entendido como o conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas aos/às estudantes”. Não somente restrito aos conteúdos formais, como é considerado no senso comum, o currículo dá conta de tudo que envolve a experiência de ensino que o estudante tem na instituição. Por isso sabemos que há muito mais no currículo do que as matrizes curriculares revelam, abrindo espaço assim para a noção de currículo oculto, que, de acordo com Silva (2013, p.78) “é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”.

Nesse sentido, essa investigação tem como objetivo geral identificar qual é o espaço, e qual a sua configuração, para o ensino de Empreendedorismo em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, considerando o currículo como meio investigativo. Como objetivos específicos, são estabelecidos: conhecer o entendimento dos sujeitos envolvidos no processo a respeito do tema; investigar quais marcas de saber e de poder o ensino de Empreendedorismo deixa no currículo; e, compreender que identidades se buscam nesse processo.

Para realização desta pesquisa, o local escolhido foi o Campus Pelotas do Instituto Federal Sul-rio-grandense, se tratando de um estudo de caso aplicado no curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no capítulo 2, será apresentada a atividade de estado da arte, que traz um relato de quais trabalhos científicos de temas semelhantes a este já foram realizados. No capítulo 3 é

apresentado o referencial teórico que sustenta a presente investigação, seguido da descrição dos procedimentos metodológicos adotados, descritos no capítulo 4. No capítulo 5 são apresentados e discutidos os dados coletados, direcionando o estudo para as considerações finais propostas no capítulo 6. A presente dissertação encerra apresentando os referenciais bibliográficos utilizados, bem como seus respectivos anexos e apêndices.

## 2 ESTADO DA ARTE

Ao se definir um objeto de pesquisa, uma iniciativa que pode contribuir muito para a trajetória posterior é pesquisar o que já foi dito, discutido e/ou escrito sobre tal tema, a fim de que se possa delimitar o tema da pesquisa com mais precisão, visando contribuir para o desenvolvimento daquele campo de estudo em especial.

Nesse sentido vem sendo realizadas as atividades de Estado da Arte, também conhecidas como Estado do Conhecimento, as quais são semelhantes a uma das etapas das pesquisas classificadas como bibliográficas. Diz respeito ao mapeamento e catalogação de outros estudos de temática similar, buscando identificar aproximações (ou ainda distanciamentos) conceituais e metodológicos. Nesse sentido, é possível compreender que:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (ROMANOWSKI; ENS. 2006, p.39)

Considerando que minha dissertação, intitulada “Espaços e Configurações para o Ensino de Empreendedorismo: uma investigação a partir do currículo”, aborda principalmente os conceitos de Currículo e Empreendedorismo, foi realizada busca com essa finalidade. Conforme definição prévia, foram admitidos que os materiais a serem considerados deveriam ter sido publicados em até 5 anos. Assim, considerou-se o material publicado após 2010 para efeitos dessa pesquisa. Foi estabelecido como filtro que a publicação fosse brasileira, no idioma português.

### 2.1 Artigos científicos

Primeiramente foi realizada uma busca na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), considerando sua abrangência e relativa popularidade. Ao procurar ambas as palavras juntas (currículo + empreendedorismo)

não foram localizados resultados. Ao procurar as palavras de forma combinada, na modalidade de busca avançada, foi localizado um artigo, intitulado “*Entrepreneurship education in Portugal*”, o qual não será levado em consideração para essa investigação, uma vez que os filtros delimitam que serão considerados apenas resultados de publicações brasileiras.

Uma vez que não foram localizadas ocorrências, o termo “currículo” foi substituído por “educação”, mantidos os filtros previamente definidos. Foram localizadas quatro ocorrências, como podemos observar no quadro 1, a seguir:

| Ano  | Título  | Autor   | Palavras-chave  | Periódico                              |
|------|---|---|---|--|
| 2011 | A educação básica na proposta da Confederação Nacional da Indústria (CNI) nos anos 2000                                   | Alessandro de Melo  | Educação básica;<br>Confederação Nacional da Indústria;<br>Empreendedorismo;<br>Capital humano;<br>Empresariado;<br>Educação. | Educação e Pesquisa                    |
| 2012 | Parcerias tri-setoriais no empreendedorismo social: discurso e prática dos atores a partir de círculos de ação e reflexão | Carla Bronzo;<br>Armindo dos Santos de Sousa Teodósio; Márcia Cristina Gomes da Rocha | Parcerias tri-setoriais, Políticas públicas, círculos de ação e reflexão; Organizações Não- Governamentais.                   | Revista de Administração Contemporânea |
| 2014 | Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor                   | Estevão Lima de Carvalho Rocha,<br>Ana Augusta Ferreira Freitas                       | Empreendedorismo;<br>Formação empreendedora; Perfil empreendedor.   | Revista de Administração Contemporânea |
| 2015 | Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação?   | António Nóvoa   | Excelência;<br>Empreendedorismo;<br>Empregabilidade;<br>Europeização;<br>Liberdade;<br>Universidades.                         | Educação e Pesquisa                    |

**Quadro 1 – Artigos encontrados na busca “Educação” e “Empreendedorismo”**

Fonte: Pesquisa direta

Adicionalmente, foi realizada uma busca conjunta dos termos “ensino” e “empreendedorismo”, dados os resultados obtidos com a combinação apresentada, e, também, considerando que os termos por vezes são usados como sinônimos, postas suas proximidades conceituais. Aplicando os mesmos filtros, foram identificados cinco resultados, descritos abaixo, no quadro 2:

| <b>Ano</b> | <b>Título</b>   | <b>Autor</b>   | <b>Palavras-chave</b>  | <b>Periódico</b>                          |
|------------|---|--|--|---|
| 2010       | Inovação e empreendedorismo em pesquisa científica  | Celso da Costa Carrer; Guilherme Ary Plonski; Célia Regina Orlandelli Carrer; Celso Eduardo Lins de Oliveira   | Ciência e Tecnologia, Empreendedorismo, Inovação, Pesquisa e Desenvolvimento, Universidade Empreendedora   | Revista Brasileira de Zootecnia           |
| 2011       | Estratégia de crescimento no mercado brasileiro de cursos pré-vestibular: caso Sistema Elite de Ensino    | Oscar Camilo Silva Evangelista; Cristiane Pizzutti dos Santos  | Caso de Ensino; Marketing de Serviços; Estratégia de Crescimento; Marketing Estratégico; Empreendedorismo. | Revista de Administração Contemporânea    |
| 2012       | Empreendedorismo institucional e profissionalização do desenvolvimento rural da região do sisal no Brasil | Patrícia Maria Emerenciano Mendonça; Mário Aquino Alves.   | Profissionalização, Desenvolvimento Rural, Empreendedorismo Institucional.                                 | Revista de Administração USP              |
| 2012       | Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem  | Dirce Stein Backes; Maristel Kasper Grandó; Michelle da Silva Araújo Gracioli; Adriana Dall'asta Pereira; Juliana Silveira Colomé; Maria Helena Gehlen | Modelos de enfermagem. Teoria de Enfermagem. Saúde da família. Cuidados primários de saúde. Enfermagem.    | Esc. Anna Nery                            |
| 2014       | A fábrica de painéis: caso de ensino  | Roque Alberto Zin  | Finanças; Empreendedorismo; Orçamento; Controles gerenciais.   | Revista Eletrônica de Administração UFRGS |

**Quadro 2 – Artigos encontrados na busca “Ensino” e “Empreendedorismo” Fonte: Pesquisa direta**

Dentre os nove resultados encontrados, depois de realizada a leitura dos artigos, identificou-se apenas um que apresenta relação próxima com a proposta desta pesquisa, intitulado “Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor”.

Cabe salientar que mais de um artigo dentre os acima citados adotam uma concepção de Empreendedorismo que diferem da que está sendo assumida no presente trabalho. Tal motivo não ocasionou que as publicações não fossem consideradas como relevantes, porém, é um dado que chama a atenção, uma vez que existe uma hipótese prévia, defendida nesta pesquisa, de que a polissemia a respeito do conceito, por vezes, implica em distorções conceituais que podem comprometer o entendimento do leitor a respeito do que o Empreendedorismo (também) pode ser.

O artigo selecionado para análise, previamente indicado, tem como objetivo analisar um instrumento que tem como função mensurar a aprendizagem do ensino de Empreendedorismo, verificando a alteração do perfil empreendedor de 407 estudantes universitários, participantes e não participantes de disciplinas relacionadas ao tema. A pesquisa parte do pressuposto que existe certa dificuldade em avaliar processos de ensino-aprendizagem envolvendo esta temática.

No que diz respeito à metodologia, a pesquisa se apresenta como sendo descritiva e de campo, com delimitação de corte transversal. O instrumento de coleta de dados é um questionário autoaplicável, composto por 22 itens, os quais estão relacionados a uma escala validada. Ao fim, o autor embasa suas conclusões em uma visão estrita de empreendedor como sendo empresário, identificando quais características foram mais desenvolvidas nos estudantes que participaram de disciplinas as quais se voltavam ao ensino de Empreendedorismo.

A relação entre o artigo analisado e o presente trabalho é a de que ambos evidenciam a preocupação com a prática do ensino de Empreendedorismo, porém, com enfoques distintos. A perspectiva de pesquisa adotada neste trabalho é a de uma investigação a partir do currículo, cujo objeto transita na área da Educação. O artigo analisado foi publicado em um periódico da área da Administração, o qual figura entre os mais conceituados no país; possivelmente a distinção do enfoque

esteja relacionada à diferença de área do conhecimento de origem, na qual a pesquisa foi concebida.

## 2.2 Teses e Dissertações

Severino (2007, p.223) afirma que “na elaboração de uma tese ou dissertação (...) o caráter monográfico do trabalho é um significativo aval de sua qualidade e de sua contribuição ao desenvolvimento científico da área”. Nesse sentido, entende-se que incluir teses e dissertações no processo de mapeamento do estado da arte é de suma importância, pois nessas produções estão atualizações e novas descobertas produzidas nas diferentes áreas do conhecimento.

Foi realizada uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com os mesmos critérios adotados para a busca de artigos científicos.

Buscando a combinação de termos “currículo” e “empreendedorismo”, foram localizados três resultados que atendem os filtros propostos, apresentados no quadro 3, a seguir:

| Ano  | Título   | Autor                    | Nível de ensino | Palavras-chave  |
|------|--|--------------------------|-----------------|---|
| 2010 | O uso de multimeios no processo de aprendizagem análise de um curso de gestão de negócios  | Rejane Leatrice de Marco | Mestrado        | Andragogia;<br>Audiovisual;<br>Currículo;<br>Empreendedorismo;<br>Método de ensino.                         |
| 2011 | O saber empreendedor: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey: reflexão e proposta | Raul Ribas               | Doutorado       | Currículo para formação de empreendedores;<br>Escola experimental;<br>Empreendedorismo;<br>Visão de negócio |

| Ano  | Título   | Autor                            | Nível de ensino | Palavras-chave   |
|------|--|----------------------------------|-----------------|--|
| 2014 | Os profissionais de administração: entre as competências desenvolvidas nos cursos de graduação e as competências requeridas pelo mundo do trabalho | Fabíola Maciel Sarubbi Marangoni | Doutorado       | Administração - Estudo e Ensino;<br>Ensino superior - Administração;<br>Competência profissional - Educação;<br>Competência organizacional |

**Quadro 3 – Teses e dissertações encontradas na busca “Currículo” e “Empreendedorismo”**  
Fonte: Pesquisa direta

Uma vez que foram localizados resultados envolvendo os conceitos base da presente pesquisa, não foram realizadas buscas por conceitos complementares, a exemplo do que ocorreu na categoria de artigos científicos. Após a identificação desses trabalhos, foi procedida uma leitura, a fim de identificar possíveis similaridades entre essas investigações.

A dissertação intitulada “O uso de multimeios no processo de aprendizagem análise de um curso de gestão de negócios” consiste em uma pesquisa cujo objetivo foi de investigar as percepções dos participantes de um curso promovido pelo SEBRAE, o qual tem como propósito orientar pessoas sobre gerenciamento de pequenos negócios. O estudo foi conduzido de forma a avaliar se o processo de aprendizagem vivencial, proposto pela metodologia própria da capacitação, de fato trazia impactos positivos para os participantes. A verificação desse impacto se deu mediante análise de cartas que os participantes deveriam escrever a um amigo, descrevendo o impacto da capacitação na vida deles. Redigir a carta era uma atividade prevista no roteiro da capacitação, e a pesquisadora utilizou desse material para sua investigação. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo.

Embora “currículo” seja identificado como palavra-chave, a fundamentação teórica, no que diz respeito às teorias da Educação, ficou bastante centrada em cima do conceito de Andragogia, que é definida pela própria Marco

(2010, p.63) como sendo “uma ciência e pode ser considerada como a arte de educação de adultos”. Não há uma abordagem teórica que defina o entendimento de currículo adotado pela autora, ficando o tema implícito em algumas argumentações a respeito da necessidade de um modelo de educação direcionado para o público adulto.

Já no que diz respeito ao Empreendedorismo, a autora reserva um subtítulo de sua fundamentação teórica para apresentar definições. A definição adotada por Marco (2010, p.85) é declarada nessa sentença: “Empreendedorismo é a consequência de atitudes e comportamentos das pessoas que possuem um desejo, um sonho”. Tal entendimento é próprio da perspectiva comportamental de definição de Empreendedorismo, e é bem próximo ao conceito adotado neste trabalho, o qual será apresentado na seção posterior.

Como conclusão, a autora identificou que a combinação de recursos tecnológicos e procedimentos vivenciais foi eficiente como método de ensino para adultos, em consonância com o aporte teórico adotado referente aos conceitos de Andragogia.

Seu curso de Pós-Graduação é vinculado a um programa de Pós em Educação, e a ênfase desse curso é em Currículo. Possivelmente, em virtude dessa ênfase, é que currículo consta como palavra-chave no trabalho, porém, uma vez que não há um uso teórico específico para problematização do tema, não há como traçar uma relação direta entre esse trabalho e o que aqui se apresenta. Todavia, é importante conhecer de que forma temas similares vem sendo trabalhados e que outros movimentos de pesquisa tem se concretizado envolvendo as mesmas temáticas.

Na tese intitulada “O saber empreendedor: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey: reflexão e proposta” é possível identificar algumas aproximações em torno do objeto de estudo dessa pesquisa. O autor se propõe a contribuir com o estado da arte dos estudos dessas temáticas, bem como criar uma proposta para uma iniciativa que ele denomina de Programa para Formação de

Empreendedores. Como estratégias de pesquisa ele indica as metodologias de revisão bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

Na conceituação teórica sobre Empreendedorismo o autor aborda o caráter polissêmico do termo, apresentando as concepções de diversas escolas do pensamento. Encerrando essa discussão, Ribas (2011, p.20) explicita o entendimento conceitual que será adotado no trabalho: “Empreendedorismo é o processo individual de acúmulo permanente de experiências e de realizações produtivas, que se idealiza pela inovação e se concretiza por uma ação empreendedora”. Embora em um primeiro momento essa definição possa se relacionar à ideia de Empreendedorismo enquanto atitude – adotada neste trabalho –, ao trazer dados estatísticos sobre o tema, o autor lança mão de informações relacionadas à abertura de negócios, o que evidencia a dificuldade de se descolar essa acepção ao se tratar o assunto.

Posteriormente o autor propõe uma discussão sobre as diferentes escolas do conhecimento e suas proposições, dando ênfase maior às ideias de John Dewey, como estudioso que deu outra vertente para o Pragmatismo. Defendendo as ideias da Escola Progressiva, ele opta por essa abordagem como linha epistemológica para a finalidade de sua pesquisa. Ribas (2011) faz essa escolha em virtude de que, segundo ele, a Escola Progressiva está baseada em um processo dinâmico, com conteúdo flexível e interativo, focado na construção do próprio saber.

Ao fazer sua proposta para a formação de empreendedores, Ribas (2011, p.87) traz conceitos de David Hamilton e José Gimeno Sacristán, adotando a definição de currículo como “o percurso que deve ser percorrido para o atingimento de uma meta”. Defende a adoção da estratégia de organização de currículos por projetos, e apresenta sua proposta para formação de empreendedores definindo módulos, carga horária e unidades temáticas, bem como metodologia de ensino e de avaliação próprias. Sua conclusão é a de que as instâncias governamentais deveriam criar um programa nacional de base comunitária para o desenvolvimento do Empreendedorismo.

O Programa de Pós-Graduação a que o autor está vinculado, e que lhe confere o título de doutor a partir deste trabalho, é na área de Educação, pela

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Esse trabalho, dentre todos os analisados, é que o apresenta maior proximidade de recorte temático com relação a esta dissertação, não apenas pela igualdade de área de origem, mas pela proposta de unir currículo e Empreendedorismo como objetos de estudo.

Por fim, a tese “Os profissionais de administração: entre as competências desenvolvidas nos cursos de graduação e as competências requeridas pelo mundo do trabalho”, não apresenta nenhuma relação com o recorte adotado pela presente dissertação para objeto de estudo.

O propósito de realizar o levantamento caracterizado como estado da arte é de tentar identificar em que contexto de produção a respeito do tema irá se inserir o trabalho proposto. Mediante a pesquisa realizada, considerando que as fontes usadas para busca foram referências em cada gênero de produção, foi possível perceber que as contribuições que esse trabalho se propõe a trazer, são, de certa forma, inéditas. Embora tenha se identificado uma tese que faz uso de Currículo e de Empreendedorismo como conceitos base para sua investigação, a trajetória de pesquisa se direcionou por caminhos distintos.

A originalidade desta pesquisa está na medida em que se propõe a agregar visões de diferentes agentes envolvidos no processo de ensino de Empreendedorismo, através de um estudo de caso, discutindo uma realidade já posta, uma vez que o tema está previsto mediante um componente curricular.

Neste capítulo foi apresentado um levantamento de produções científicas que abordaram os temas Currículo, Educação, Empreendedorismo e Ensino. Essa contextualização se faz necessária a fim de se possa caracterizar o campo de estudo no âmbito das publicações científicas que vem sendo realizadas, facilitando a compreensão do tema. Por meio dessa atividade foi possível identificar o ineditismo da presente pesquisa, em especial no que diz respeito a seus objetivos. No capítulo seguinte será apresentada a fundamentação teórica que embasa o presente trabalho, a qual compartilha de algumas fontes comuns em relação às publicações identificadas na atividade de estado da arte aqui apresentada.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Com a finalidade de embasar teoricamente a pesquisa que se propõe, serão apresentados conceitos referentes a dois grupos de definições necessárias para o desenvolvimento do trabalho: Currículo e Empreendedorismo. Compreender a definição de Currículo através do entendimento de sua evolução conceitual, bem como suas diferentes óticas de concepção, bem como conhecer o que é Empreendedorismo e qual o propósito de que esse conhecimento seja trazido para a formação escolar/acadêmica é fundamental para a realização deste trabalho.

#### 3.1 Currículo

As preocupações referentes ao que ensinar e ao que o sujeito precisa aprender permeiam toda a história da atividade pedagógica. Embora essas preocupações sejam tratadas de formas distintas ao longo da história da sociedade, elas sempre estão presentes em qualquer fazer pedagógico, uma vez que estão estritamente vinculadas com a razão da educação em suas mais amplas perspectivas.

Desde tempos remotos da história da humanidade, já era possível identificar que o propósito do processo de ensino/aprendizagem sempre foi levado em consideração:

A doutrina pedagógica mais antiga é o *taoísmo* (*tao* = razão universal), que é uma espécie de *panteísmo*, cujos princípios recomendam uma vida tranquila, pacífica, sossegada, quieta. Baseando-se no taoísmo, Confúcio (551-479 a.C.) criou um sistema moral que exaltava a tradição e o culto aos mortos. O confucionismo transformou-se em religião do Estado até a Revolução Cultural, promovida na China por Mao Tsé-Tung, no século XX. Confúcio considerava o poder dos pais sobre os filhos ilimitado: o pai representava o próprio Imperador dentro de casa. Criou um sistema de exames baseado no ensino dogmático e memorizado. Esse memorismo fossilizava a inteligência, a imaginação e a criatividade, hoje exaltadas pela pedagogia. A educação chinesa tradicional visava reproduzir o sistema de hierarquia, obediência e subserviência ao poder dos mandarins. (GADOTTI, 1993, p. 22)

Como é possível observar, a fundamentação de Confúcio, destacada por Gadotti (1993), para o desenvolvimento de seu sistema educacional não é desconectada da realidade em que vivia. O filósofo se serviu da religião para instaurar um sistema educacional com objetivos e propósito claros. De posse de sua

visão de homem e de mundo, delimitou um propósito para educação, e elegeu saberes a serem transmitidos por meio desse sistema, que foram sendo legitimados à medida que conseguiam proporcionar o atingimento do objetivo ao qual o modelo em questão se propunha.

Beyer e Liston (1996, p.15) destacam que “*the curriculum is the centerpiece of educational activity*”<sup>1</sup>. Dada sua importância central nesse processo, o currículo foi sendo percebido como território de poder, conforme a definição de Silva (2013, p. 147) que afirma que “o conhecimento corporificado no currículo carrega as marcas indelévels das relações sociais de poder”. Na medida em que essa percepção foi se consolidando, as formas de pensar, conceber e praticar o currículo foram sofrendo alterações, dando origem a perspectivas que se relacionam com tempos históricos, e podem ser classificadas como tradicionais, críticas e pós-críticas. Elas serão apresentadas e discutidas posteriormente.

Apesar da existência histórica da preocupação com objetos do currículo (o que ensinar, para quê, para quem, com qual propósito), Sacristán (2000, p. 13) afirma que “o currículo é um conceito de uso relativamente recente entre nós, se considerarmos a significação que tem em outros contextos culturais e pedagógicos nos quais conta com uma maior tradição”. Ainda que o uso da palavra possa ser considerado relativamente novo, o currículo em ação está posto em qualquer situação educacional, independente do nível de consciência dos sujeitos envolvidos a respeito do fato.

Na tentativa de aproximação do que possa ser uma definição de currículo, primeiramente buscamos a conceituação básica na ferramenta que apresenta definições da língua padrão vigente, o dicionário. O Dicionário Aurélio apresenta como definição para o verbete a assertiva “as matérias constantes de um curso” (FERREIRA, 2008, p.281). Já o Dicionário Houaiss define currículo como “programação de um curso ou de matéria a ser examinada” (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, 2011, p.252). Essa pontual e breve definição carrega consigo uma grande possibilidade de desdobramentos. Como se escolhem que matérias<sup>2</sup> farão parte desse currículo? Como se avalia a supremacia de um saber em relação a

---

<sup>1</sup> “O currículo é a peça central da atividade educacional” (tradução nossa).

<sup>2</sup> Neste trabalho, será utilizada a expressão “componente curricular” ao se referir à “matéria” escolar utilizada pelos dicionários em suas definições. O uso desta palavra nesse parágrafo é de cunho estilístico, tendo como propósito retomar a definição proposta pelos glossários.

outro? Quem escolhe quais serão essas matérias? Que sujeitos serão formados por meio dessas matérias? Algumas dessas reflexões são pontos de conflito entre as distintas teorias do currículo, dada a complexidade das possíveis respostas.

Considerando a etimologia, Pacheco (2005, p.35) aponta que a palavra currículo é “proveniente do étimo latino *currere* [o qual] significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir”. Assim, de acordo com o autor *ibid*, contempla a ideia de sequência ordenada, bem como de totalidade de estudos.

Adentrando a seara acadêmica em busca desta definição, teóricos afirmam que

Indo dos guias curriculares propostos pelas redes de ensino àquilo que acontece em sala de aula, currículo tem significado, entre outros, a grade curricular com disciplinas/atividades e cargas horárias, o conjunto de ementas e os programas das disciplinas/atividades, os planos de ensino dos professores, as experiências propostas e vividas pelos alunos. Há, certamente, um aspecto comum a tudo isso que tem sido chamado currículo: a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo”. (LOPES. MACEDO, 2013, p.19)

Percebemos que no âmbito da teorização acadêmica, a compreensão do que pode ser o currículo se expande. Passa a ser impossível definir currículo em uma única frase, como o fez o dicionário. Lopes e Macedo (2013) trabalham ainda com a premissa de que definir currículo é um trabalho de criação de sentidos, uma vez que sempre que se estabelece uma definição, se faz referência a um entendimento anterior, seja para negá-lo ou reconfigurá-lo.

Essa noção é complementada na autoria de Silva (2013, p. 12) que afirma que “um discurso sobre o currículo, mesmo que pretenda apenas descrevê-lo ‘tal como ele realmente é’, o que efetivamente faz é produzir uma noção particular de currículo”. Em uma breve reflexão, se faz clara a ideia de que definir algo tão complexo como o currículo não é simples tarefa, e talvez possa ser considerada tarefa infundável.

Desta forma, a fim de dar conta do dilema entre a necessidade de uma definição teórica e a diversidade que se apresenta na tentativa de obter uma definição, adotamos a perspectiva a seguir, a fim de não comprometer a continuidade do presente estudo

Insistir numa definição abrangente de currículo poder-se-á tornar extemporâneo e negativo, dado que, apesar da recente emergência do currículo como campo de estudos e como conhecimento especializado, ainda não existe um acordo totalmente generalizado sobre o que verdadeiramente significa. (PACHECO, 2005, p. 35)

Adicionalmente, não é possível excluir dessa reflexão inicial a noção de currículo oculto. Silva (2013, p. 78) propõe como definição de currículo oculto a ideia de que ele é “constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. Nesse sentido, se pode ampliar o debate analisando o que mais a escola transmite além do conhecimento tido como formal, por exemplo. Essa reflexão inevitavelmente nos levará a repensar desde a disposição das mesas e cadeiras na sala de aula até mesmo o conjunto de normas e regras vigentes no sistema educacional de um país.

Assim, em busca das distintas definições sobre o que é o currículo, se empreenderá um breve estudo das diversas teorias do currículo. Embora Eyng (2012) proponha que a teorização do currículo pode ser agrupada entre teorias conservadoras e teorias transformadoras, nesse trabalho adotaremos a perspectiva proposta por Silva (2010), que agrupa os estudos sobre o currículo de acordo com as concepções, conceitos e dimensões sócio-históricas. Nesse sentido, a classificação proposta pelo autor divide as perspectivas como sendo teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas. Silva (2013, p. 14), afirma que “a questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado”.

Silva (2013) problematiza, ainda, a ideia da existência de uma teoria do currículo, ressaltando que assumir a validade de uma teoria acerca de algo implica na criação desse objeto, uma vez que a teoria descreve a realidade, caracterizando uma produção específica. Adicionalmente, Silva (2013, p.13) afirma que “apesar dessas advertências, a utilização da palavra teoria está muito amplamente difundida para poder ser simplesmente abandonada”. Assim, fica evidente a necessidade de ter claro que uma teoria, independente do viés adotado por ela, funciona como um agente elaborador daquilo que ela escreve.

Malta (2013, p.341) destaca que “é precisamente a questão do poder que vai separar as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas do currículo”. As teorias críticas e pós-críticas trazem consigo uma característica mais questionadora, assumindo que existe uma relação de poder permeando todos os processos relacionados ao currículo.

Reconhecendo a existência de diferentes formas de conceber e vivenciar o currículo e a realidade em que se insere, foram se estruturando as distintas teorias. Pacheco (2005, p.79) ressalta que a “função da teoria curricular é a de descrever e compreender os fenômenos curriculares, servindo de programa para a orientação das atividades resultantes da prática com vista à sua melhoria.” As teorias curriculares buscam organizar pressupostos teóricos afins para dar conta das distintas problemáticas do currículo, partindo de diversos pontos de vista. Por outro lado, não se pode incorrer na expectativa de buscar uma teoria curricular com o propósito de encontrar ali um saber acabado, uma resposta pronta. O currículo é amplo, é dinâmico e é construção sócio-histórica, o que se evidencia na medida em que se organizam várias teorias que se dispõem a dar conta da sua problemática.

Por fim, para que se possa prosseguir em uma jornada de estudos sobre o currículo, é necessário, de acordo com Raid *apud* Pacheco (2005) assumir como axioma inicial a ideia de que o objeto de abordagem da teorização curricular tem por finalidade a melhoria da prática.

Assim, para que se possa traçar um breve panorama dos estudos curriculares de maior destaque, a seguir serão apresentadas algumas teorias do currículo, cujas contribuições são as mais expressivas para o desenvolvimento e a compreensão desse campo de estudo.

### 3.1.1 Teorias do Currículo: perspectivas de divisão

Considerando uma perspectiva de divisão adotada por Silva (2013), que classifica as teorias do Currículo em teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas, de acordo com suas afinidades epistemológicas, se adotará essa proposta, uma vez que se entende ser de acessível compreensão.

O surgimento das teorias tradicionais referentes ao currículo está intimamente relacionado ao cunho do termo em si, como é possível perceber com a seguinte argumentação:

Provavelmente o currículo aparece pela primeira vez como um objeto específico de estudo e pesquisa nos Estados Unidos dos anos vinte. Em conexão com o processo de industrialização e os movimentos imigratórios, que intensificavam a massificação da escolarização, houve um impulso, por parte de pessoas ligadas sobretudo à administração da educação, para

racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem de currículos. (SILVA, 2013, p.12)

As décadas iniciais do século XX foram marcadas, em especial na nação estadunidense, pela emergência da industrialização, o que implica em novos desdobramentos técnicos para dar conta da nova realidade. Paralelamente, Lopes e Macedo (2013, p.23) apontam que “a escola ganha novas responsabilidades: ela precisa voltar-se para a resolução dos problemas sociais gerados pelas mudanças econômicas da sociedade”. Assim a organização escolar se depara com a questão da utilidade dos saberes, uma vez que é confiada a ela uma missão desafiadora. Isso culmina em uma institucionalização da escola, ainda que imposta como impacto da industrialização.

Dado esse cenário, surgem movimentos que começam a pensar e discutir o papel da escola e o propósito do currículo, dentre outros aspectos inerentes a essa realidade. Tais iniciativas são lideradas por diversos pensadores, conforme é possível observar:

(...) o currículo começa a adquirir foros de cidadania epistemológica com os trabalhos de Dewey (1902 – *The child and the curriculum*; 1900 – *The school and society*), Bobbitt (1918 – *The curriculum*; 1924 – *How to make a curriculum?*), Charters (1923 – *Curriculum construction*), Herrick e Tyler (1947, publicado em 1950 – *Toward improved curriculum theory*) e Tyler (1949 – *Basic principles of curriculum and instruction*). Tal cidadania reforça-se com a criação, nas universidades norte-americanas, dos departamentos de currículo e instrução, entretanto associados ao estudo das políticas educativas.” (PACHECO, 2005, p.14)

Considerando o exposto, se percebe que os nomes de Dewey, Bobbitt, Charters, Herrick e Tyler são chave para a conceituação das Teorias Tradicionais. Brevemente serão abordadas as linhas de pensamento de cada um, a fim de que se compreenda suas contribuições para o estudo do Currículo.

John Dewey foi um filósofo, pedagogo e psicólogo estadunidense. Gadotti (1993, p. 148) observa que “Dewey praticou uma crítica contundente à obediência e submissão até então cultivadas nas escolas. Ele as considerava verdadeiros obstáculos à educação”. Embasado por seus princípios liberalistas, Dewey estava preocupado com o aspecto psicológico da Educação, defendendo a ideia de que o ensino deveria se dar pela ação e não pela instrução. Santos (2011, s.p.) afirma que a filosofia pragmatista proposta por Dewey “(...) defendia a ideia de que a ciência e o conhecimento geral deveriam ser pensados como uma forma de atender as necessidades humanas (...)”.

Segundo Gadotti (1993, p.48) “a educação preconizada por Dewey era essencialmente pragmática, instrumentalista. Buscava a convivência democrática sem, porém, pôr em questão a sociedade de classes”. O não questionamento à raiz das desigualdades sociais foi um dos grandes alvos das críticas a Dewey.

John Franklin Bobbitt foi um educador norte-americano, o qual é notadamente conhecido por sua obra “*The curriculum*”, a qual foi publicada em 1918. Em consonância com o cenário político, econômico, social, cultural e educacional em que se encontrava, a obra traz uma visão de currículo como sendo, de acordo com Silva (2013, p.12), “um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos”. A ideia de que a educação é algo que necessita de objetivos, métodos, procedimentos, que juntos culminarão em resultados que podem ser numericamente mensurados, proposta por Bobbitt e inspirada nas premissas de Frederick Taylor sobre a administração científica, é amplamente criticada. Em sua obra magna, Bobbitt pretendia levar o modelo taylorista também para a escola.

Grande parte da crítica se dedicava ao questionamento tecnicista e burocrata que tal perspectiva poderia trazer à educação. Silva (2013, p.24) observa que em uma “perspectiva que considera que as finalidades da educação são dadas pelas exigências profissionais da vida adulta, o currículo se resume a questão de desenvolvimento, a uma questão técnica”.

Werrett Wallace Charters foi pesquisador e professor, também estadunidense, assim como Dewey e Bobbitt. Paraskeva (2005, p.13) observa que para Charters “o currículo era compreendido como uma série de objetivos que os estudantes deviam atingir, através de uma série de experiências de aprendizagem”. Em contraponto a Bobbitt, dedicou especial atenção ao método de construção curricular, embora o método de construção do currículo defendido por ambos fosse bastante similar.

Silva (2013, p. 24) afirma que “o modelo de currículo de Bobbitt iria encontrar sua consolidação definitiva num livro de Ralph Tyler, publicado em 1949”. A obra *Basic principles of curriculum and instruction* trouxe consigo uma proposta que se estabeleceu e dominou o campo do currículo nos Estados Unidos, influenciando diversos outros países. Pacheco (2005, p.14) destaca que na obra em questão, “(...) Tyler salienta a necessidade de uma teoria sobre o currículo, já que o

desenvolvimento do currículo sem uma teoria tem fatais resultados, e uma teoria do currículo sem o desenvolvimento nega o fim último da teoria”.

A visão de teoria que Tyler trazia era essencialmente técnica, assim como a de Bobbitt, os quais defendem que a educação deve contar com objetivos claramente definidos e estabelecidos. Juntamente com Virgil Herrick, Tyler protagonizou um trabalho de tentar compreender o currículo através de múltiplas vertentes da teorização curricular. Silva (2013) destaca que Tyler defendia a ideia de que a organização e o desenvolvimento do currículo devem primordialmente buscar trazer resposta aos seguintes aspectos: quais objetivos educacionais a escola pretende atingir; quais experiências educacionais podem ser oferecidas para o alcance desses propósitos; como as experiências educacionais podem ser eficientemente organizadas; e, como se pode ter certeza que os objetivos propostos estão sendo alcançados.

No Brasil, até a década de 1980, “o campo [do currículo] foi marcado pela transferência instrumental de teorizações americanas”, observam Lopes e Macedo (2013, p.13). As práticas nacionais estavam voltadas à assimilação de modelos para a elaboração de currículos, grande parte com características funcionalistas. Nesse período, com a nova democratização brasileira, os referenciais norte-americanos vão sendo abalados, dando espaço às vertentes marxistas.

As críticas às teorias tradicionais do currículo se estabeleceram possivelmente na década de 1970, com o surgimento de abordagens de cunho sociológico, que prenunciaram o advento das teorias críticas do currículo. Apesar de todos os pontos negativos identificados acerca das teorias tradicionais do currículo, Pacheco (2005) ressalta que justamente por ter sido tão intensamente trabalhada em nível conceitual é que a palavra currículo ganhou tanto valor quando diz respeito ao questionamento e problematização das realidades escolares e educativas.

Para encerrar as considerações a respeito das Teorias Tradicionais do Currículo, lanço mão das palavras-chave identificadas por Silva (2013, p.17), as quais definem as preocupações vigentes nessa linha de entendimento: “ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência, objetivos”.

Durante a década de 1960 diversos movimentos sociais e culturais ganharam espaço mundialmente. Silva (2013, p.29) afirma que “não por coincidência

foi também nessa década que surgiram livros, ensaios, teorizações que colocavam em xeque o pensamento e a estrutura educacionais tradicionais”.

Nesse sentido, os questionamentos propostos por este *zeitgeist*<sup>3</sup> atingiram todas as verdades postas na sociedade, chegando também aos estudos curriculares. Em contraponto à concepção de currículo vigente à época, que se ocupava de discutir e avaliar as melhores formas de organizá-lo, consistindo em uma atividade técnica, novos entendimentos acerca do que poderia ser o currículo foram surgindo. O advento de uma perspectiva crítica com relação à concepção estabelecida, de acordo com Malta (2013) fez com que os estudos sobre o currículo ganhassem maior complexidade, na medida em que se percebeu que o currículo também é um campo ético e moral.

Este cenário foi o berço para o surgimento do que veio a ser denominado ‘Teoria Crítica do Currículo’. Simultaneamente diversos estudiosos investiram esforços em questionar radicalmente o que se entendia e como se praticava educação, chegando, inevitavelmente ao campo do currículo. Silva (2013, p. 29) destaca que “as teorias críticas do currículo efetuam uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais”.

O movimento de reconceptualização nos Estados Unidos, a Nova Sociologia da Educação de Michael Young, os postulados de Paulo Freire, os escritos de Althusser e de Bourdieu são distintas concretizações do mesmo sentimento crítico que foi ganhando força em um cenário de profundas transformações mundiais. Adicionalmente, as contribuições de Michael Apple, Henry Giroux e de Basil Bernstein corroboraram para esse movimento, ampliando a discussão acerca das concepções sobre o currículo e o que ele representa.

Embora as primeiras teorizações sobre currículo tenham surgido nos Estados Unidos, algumas décadas após, no próprio país, se deu origem a um movimento marcado pela crítica às verdades postas por Bobbitt e Tyler, o qual foi chamado de movimento de reconceptualização. William Pinar, professor norte-americano, liderou esse movimento, o qual foi marcado pela ampliação da concepção inicial proposta ao currículo, buscando relacioná-lo com as teorias sociais, superando a visão estritamente técnica e administrativa vigente.

---

<sup>3</sup> Entende-se *zeitgeist* por “espírito de época”

Paralelamente, Michael Young, sociólogo britânico, deu início à primeira corrente sociológica dedicada à discussão do currículo nessa perspectiva, a intitulada Nova Sociologia da Educação (NSE). De acordo com Moreira (1990), a Sociologia da Educação se difundiu na década de sessenta devido a dois fatores: a inclusão de estudos sobre Sociologia no curso de formação de professores, com o aumento de sua carga horária total, e o insucesso das propostas governamentais que buscaram reduzir as desigualdades sociais. O grande diferencial das contribuições postuladas pela NSE foram as discussões acerca do conteúdo transmitido nas escolas e a base social do conhecimento escolar. Essas discussões foram ampliadas também no sentido de questionar as formas de acesso à Educação e sua abrangência, questões intimamente relacionadas ao currículo, de acordo com essa corrente teórica.

No âmbito brasileiro, se destacam nesse contexto das Teorias Críticas da Educação as contribuições de Paulo Freire. Menezes e Santiago (2010, p. 396) destacam que esse educador “formulou uma concepção de educação libertadora, fundamentada numa visão humanista crítica, que vê o ser que aprende como um todo – sentimentos, pensamentos e ações – não se restringindo à dimensão cognitiva”. Freire não se dedicou especificamente aos estudos sobre o currículo, propondo uma nova concepção sobre o tema, assim como fizeram outros autores à época. Sua obra está mais voltada a um pensamento sobre a educação, alicerçada em dois grandes pilares: crítica à educação bancária e formulação de uma educação libertadora. Freire (1987) conceitua educação bancária como sendo aquela em que o educador apenas faz narrativas sobre o conhecimento, cuja dinâmica está baseada em memorização e repetições por parte dos estudantes. Tal concepção foi caracterizada por ele como equiparadora da educação a um ato de depósito, em que educadores agem como depositantes de conteúdos, ao passo que educandos seriam os depositários. Já a educação libertadora, sua mais conhecida proposta, parte do princípio que a educação é uma prática de liberdade e que deve ser fundamentada com base em uma ideia de encontro de sujeitos para a transformação do mundo. Na medida em que Freire demonstra, em seus estudos, que a educação e suas práticas nunca são neutras, mas sim impactadas pelo poder, suas contribuições vão ao encontro das ideologias que perpassam as teorias críticas do currículo, demonstrando sua contribuição para o movimento.

Outra contribuição teórica que foi ao encontro do postulado pelas teorias críticas do currículo foram as ideias de Louis Althusser, destacado filósofo da corrente estruturalista francesa. Com ideais conectados aos pressupostos de Karl Marx, teoriza sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Althusser (1970, p.43), afirma que “designamos por aparelhos ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Nesse sentido, elenca algumas unidades que se classificariam neste conceito, indicando a religião, a escola, a família, o judiciário, a política, os sindicatos, os meios de comunicação e a cultura. Com relação à escola, o filósofo defende que é o aparelho mais importante para a classe dominante, alegando que o sistema escolar contribui para a manutenção de sua ideologia. Nesse aspecto é que os estudos de Althusser se alinham aos questionamentos propostos pelas teorias críticas. Uma vez que seus estudos estão baseados na conceituação e nas implicações de ideologia, sua análise evidencia o papel chave do currículo nesse processo. Uma vez que cabe ao currículo a definição dos saberes legítimos nos percursos formativos, as perspectivas marxistas, compartilhadas por Althusser, são incisivas em afirmar que é justamente ele quem contribui para o status da escola como aparelho ideológico de Estado. Essa perspectiva tem muitos adeptos, os quais comungam em torno de uma mesma conclusão: o modelo escolar não serve para todas as classes sociais, sendo necessária uma nova criação que possa atuar de forma libertadora do homem às suas amarras.

Em consonância com as ideias de Althusser, Pierre Bourdieu é outro filósofo francês que propõe um distinto modelo de interpretação da escola, abrindo uma forte crítica à ideia de que a escola pública e gratuita garantiria a oportunidade de igualdade entre os cidadãos, visão amplamente acalentada no século passado como sendo a solução ideal para a sociedade. Bourdieu critica essa suposição, chamando atenção para as desigualdades escolares, conforme essa afirmativa elucida com precisão:

Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA. NOGUEIRA, 2002, p.17)

Bourdieu tornou-se amplamente conhecido por conta de sua publicação “A Reprodução”, em 1970, a qual foi elaborada juntamente com Jean-Claude Passeron, professor de Sociologia também francês. Com relação ao currículo, Silva (2013, p.35), afirma que na visão de Bourdieu e Passeron “o currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante”. Dessa forma, existe por parte desses autores um entendimento que os oriundos das classes dominantes teriam facilidade na compreensão do código compartilhado por meio da escola, pois ele é inerente às suas realidades. Porém, para as demais classes, tal código poderia configurar-se como inacessível. Silva (2013), ainda afirma que Bourdieu e Passeron propõem, através do conceito de pedagogia racional – que consistiria em uma possibilidade de educação de todos na cultura que é própria da classe dominante – uma proposta pedagógica. Porém, Nogueira e Nogueira (2002, p.34) afirmam que “esse otimismo pedagógico, no entanto, foi rapidamente abandonado”, defendendo a ideia de que para Bourdieu se tornou inevitável que o processo de reprodução das estruturas sociais ocorresse nas escolas. Por trás de toda essa discussão em torno de uma concepção, está explícita a questão do currículo, uma vez que é em torno das questões “o que ensinar?” e “para quem ensinar?”, dentre outras que surjam de possíveis desdobramentos, que se instaura esse debate.

Ampliando as iniciativas de Althusser e Bourdieu, Michael Apple, teórico da educação, defende que a crítica deve estar fundamentada no questionamento acerca do currículo e do conhecimento escolar. Os estudos de Apple dedicam-se a entender como o currículo reforça as ideologias hegemônicas da classe dominante. Alinhado a pressupostos das teorias críticas, seus estudos propõem uma reflexão sobre temas que são caros para os estudos curriculares:

Objetivando superar as análises deterministas da escola, Apple mostra a necessidade de problematizar as formas de currículo encontradas nesta, de maneira que se possa desmascarar seu conteúdo ideológico. Para isso, propõe que três questões sejam investigadas: a quem pertence esse conhecimento? Quem o selecionou? Por que é organizado e transmitido dessa forma? (EUGÊNIO, 2006, p. 51)

Silva (2013, p. 49) afirma que “em suma, na perspectiva de Apple, o currículo não pode ser compreendido – e transformado – se não fizermos perguntas fundamentais sobre suas conexões com relações de poder”. Nesse sentido, Apple acrescenta a ideia de escola como instituição de distribuição cultural, afirmando que

os recursos culturais se relacionam com formas econômicas desiguais, centro de sua crítica de base neomarxista.

Também estadunidense, Henry Giroux, estudioso da Sociologia da Educação, uniu-se às vozes que apresentavam questionamentos críticos acerca do currículo. Uma de suas maiores contribuições foi a ideia de pedagogia cultural, que segundo Costa (2005, p.144) se refere à “(...) ideia de que a coordenação e a regulação das pessoas não se dá apenas pelos discursos circulantes nos espaços pedagógicos institucionalizados como as escolas e seus similares”. Nessa perspectiva, entende-se que todos os espaços em que a cultura é perpassada pelo poder são educativos. Assim, também o currículo é um espaço, o qual constrói significados e valores culturais, bem como de produção e criação de significados sociais.

Complementando as premissas de Giroux, Silva (2010) afirma que a cultura e o conhecimento são produções sociais. Uma vez que o conhecimento e o currículo compartilham uma estreita relação, se observa que cultura e currículo de fato estão articulados. Silva (2010) propõe que se considere que o currículo e a cultura podem ser compreendidos como prática de significação (uma vez que dizem respeito à produção de sentido), prática produtiva (precisam ser vistos como processos em desenvolvimento, não como produtos acabados), relação social (são produzidos por relações sociais que deixam marcas), relação de poder (os distintos grupos sociais não estão proporcionalmente legitimados no processo de produção cultural) e uma prática que produz identidades sociais (a identidade se produz a partir de uma prática de significação).

Destaca-se, por fim, as notáveis contribuições de Basil Bernstein às teorias críticas do currículo. Bernstein foi um dos principais expoentes da Nova Sociologia da Educação, juntamente com Michael Young. Seus estudos tiveram como foco investigar as conexões entre currículo e poder, considerando a forma como o conhecimento se organizava no currículo e analisando como isso representava uma distribuição de poder. Uma das principais contribuições dos estudos de Bernstein foi a ampliação da compreensão do papel da escola no processo de reprodução social e cultural.

O grande destaque que Bernstein dá para o currículo é em função do papel que para ele o currículo ocupa no conhecimento educacional formal. Segundo

Silva (2013), Bernstein entende que o conhecimento educacional formal se realiza através de três sistemas de mensagem: o currículo, a pedagogia e a avaliação. O currículo define o que é considerado conhecimento válido; a pedagogia define o que conta como transmissão válida do conhecimento; e, a avaliação define o que é considerada realização válida desse conhecimento, na perspectiva de quem é ensinado.

A contribuição de Bernstein não se dedica, porém, ao conteúdo do currículo. Sua análise, de natureza sociológica, se preocupa com as relações estruturais entre os diferentes componentes do currículo. As diferentes estruturas, para o autor, refletem princípios diferentes de controle e de poder. Nesse sentido, ficam evidentes as possíveis contribuições da teoria de Bernstein para a realização do presente estudo.

Dentro da perspectiva das teorias críticas, é impossível desconsiderar a ideia de currículo oculto. O termo currículo oculto foi utilizado pela primeira vez por Philip Wesley Jackson, educador norte-americano, em seu livro *Life in Classrooms*. A respeito do currículo oculto, é possível afirmar que

O *curriculum* oculto faz referência a todos aqueles conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que se adquirem mediante a participação em processos de ensino e aprendizagem e, em geral, em todas as interações que se dão no dia-a-dia das aulas e escolas. Estas aquisições, no entanto, nunca chegam a explicitar-se como metas educativas a conseguir de forma intencional. (SANTOMÉ, 1995, p. 201)

Essa definição vem ao encontro do que Silva (2013, p. 78) salienta a respeito do currículo oculto, destacando que ele “é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes”.

Nesse sentido, tudo aquilo que transcende o previsto nas disciplinas e no currículo explícito pode ser considerado fonte do currículo oculto. A instituição escolar proporciona aos estudantes saberes além daqueles que constam nos planos e documentos, e que tem forte influência em suas trajetórias. Perrenoud (1996) complementa essa noção afirmando que o currículo oculto está no campo do não-dito, do que escapa a uma formulação precisa, comportando os componentes não cognitivos ou sócio afetivos.

Práticas escolares que frequentemente passam despercebidas, bem como a concepção de todo o fazer pedagógico vigente na instituição, são elementos que reforçam a existência do currículo oculto. Silva (2013, p. 80) destaca que a ideia

de currículo oculto “condensa uma preocupação sociológica permanente com os processos invisíveis, com os processos que estão ocultos na compreensão comum que temos da vida cotidiana”. Dessa forma, é necessário pensar como a subjetividade dos indivíduos é influenciada pelos elementos ocultos do currículo, uma vez que, por vezes, eles estão imperceptíveis às consciências dos sujeitos.

Retornando ao conceito desse grupo de teorias, Pacheco (2005, p. 91) destaca que a teoria crítica “é um projeto interdisciplinar que, partindo da teoria marxista de mudança social, foi muito divulgada pela escola de Frankfurt. A sua base é a reflexividade e o interesse emancipatório dos agentes”. Pacheco (*ibid*) ainda afirma que a teoria crítica busca ser aquela que não reduz a realidade ao que existe. Apoiadas nessa concepção, as preocupações com conhecimento e currículo sempre estiveram no alvo das preocupações das teorias críticas.

Silva (2010, p. 10) destaca que “a tradição crítica compreendeu, há muito, que o currículo está no centro da relação educativa, que o currículo corporifica os nexos entre saber, poder e identidade”. Assim, na medida em que essas três esferas se conjugam, elas são alvo de grandes disputas influenciadas pela realidade social vigente. Na contemporaneidade, os processos culturais ganham mais força, influenciando também essa relação de nexos. As teorias pós-críticas sobre o currículo surgem nesse cenário: no ponto em que o multiculturalismo dialoga e interage com a educação, e por consequência, com o currículo.

Para encerrar as considerações a respeito das Teorias Críticas do Currículo, lanço mão das palavras-chave identificadas por Silva (2013, p.17), as quais definem as preocupações vigentes nessa linha de entendimento: “ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência”.

Por fim, o último grupo de teorias do Currículo, nessa perspectiva de classificação, são as Teorias Pós-Críticas. Essas teorias podem ser consideradas como as mais recentes contribuições para o desenvolvimento da área. De acordo com Eyng (2012, p.37), para essa concepção “os currículos são práticas de subjetivação, de significação e discurso produzidos na relação saber-poder”.

Amparadas pela ideia pós-estruturalista de conhecimento, que poderia ser definido como algo incerto e indeterminado, as teorias pós-críticas estão alinhadas com as premissas da pós-modernidade. Segundo Silva (2013, p. 112), “o pós-

modernismo tem uma desconfiança profunda, antes de mais nada, relativamente às pretensões totalizantes de saber do pensamento moderno”.

Porém, as contribuições pós-críticas não estão contrapondo as perspectivas críticas, assim como estas fizeram em relação às teorias tradicionais do currículo, a saber:

É importante destacar que as teorias pós-críticas não se opõem às teorias críticas. Na verdade ampliam, alargam os questionamentos, e, com ênfase na cultura, propõem práticas curriculares que superem os estereótipos, a discriminação e que incluam as diferenças, especialmente as que se manifestam nas questões de gênero, etnia, raça, sexualidade e multiculturalidade. (EYNG, 2012, p.37)

Nesse sentido, os questionamentos são alargados em uma abordagem crítica de conceitos vigentes da modernidade, como razão e ciência, dando espaço também a uma ideia de confronto das relações entre cultura e poder.

A ampla discussão acerca da concepção de cultura é uma marca das teorias pós-críticas. Entendendo a legitimidade dos movimentos de reivindicação dos diversos grupos culturais, os quais clamam por representatividade de suas culturas em uma abrangência nacional, as teorias pós-críticas defenderão que não existe possibilidade de separação entre cultura e poder.

A compreensão de cultura enquanto processo dinâmico, não implicando em um produto acabado é necessária para o entendimento das teorias pós-críticas. Silva (2010) define que o currículo enquanto cultura, em uma abordagem pós-crítica, pode ser compreendido como uma prática de significação, uma prática produtiva, uma relação social, uma relação de poder e uma prática que produz identidades sociais.

O currículo enquanto cultura só pode ser compreendido por meio de sua dimensão da prática de significação, que é uma parte vital de sua existência e características de funcionamento. Ambos são formas de compreender o mundo social e de produzir sentidos a respeito dele. Nesse sentido, também podem ser considerados práticas produtivas, uma vez que ambos são criados e recriados a todo o momento, constituindo um espaço de produtividade. A ideia de currículo e cultura como relação social se soma à essa perspectiva, influenciada pela ideia marxista de relações de produção enquanto sociais. Considerando que currículo e cultura são documentos que revelam identidades, eles são marcados por relações sociais que refletem relações de poder inclusive. Silva (2010, p. 23) defende que “os significados são função de posições específicas de poder e promover posições

particulares de poder”. Nesse ponto também são produzidas identidades sociais, que se consolidam em ambientes de significação, seja de maneira afirmada, contestada, excluída ou transformada.

Autores da pós-modernidade, como Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault e Jean-François Lyotard, expoentes dos ideais desse movimento, contribuem para a compreensão do que pode vir a ser o currículo. Uma vez que uma das práticas da pós-modernidade é a tentativa de dar voz aos excluídos do sistema, que por sua vez preconiza o totalizante e padronizado, é inevitável visualizar uma estreita implicação desse movimento com o currículo. A tentativa de dar voz certamente adentra os muros das instituições de ensino, e solicita reflexo nos saberes legitimados em seu interior.

Berticelli (1998, p.173) afirma que “uma das mais recentes tendências quanto aos estudos curriculares é a de ligar o tema às questões culturais”. Assim, abordagens como estudos culturais e multiculturalismo ganham força nesse cenário, bem como as questões de gênero, raça, cor, sexo, entre outras utilizadas ao longo dos séculos para classificar os indivíduos.

Considerando as novas realidades e necessidades da sociedade atual, é inconcebível que questões como raça, gênero, etnia e sexualidade sejam apartadas dos saberes e fazeres escolares. Nesse sentido está a grande contribuição das teorias pós-críticas: a urgência do alinhamento entre mundo e educação.

Nesse sentido, Corazza (2005, p. 103) sugere a definição de pós-curriculum que é “aquele, como seu próprio prefixo diz, um currículo que pensa e age inspirado pelas teorias pós-críticas”. Nessa conceituação estão compreendidas ideias pós-estruturalistas, pós-modernistas, pós-colonialistas e multiculturalistas, abrangendo ainda a filosofia da diferença e pedagogias da diversidade. Paraíso (2004) salienta diversas contribuições das perspectivas pós-críticas, que culminaram na criação de novos conceitos: currículo como fetiche, currículo como linguagem, currículo como máquina desejante, currículo-mapa, currículo vagamundo, dentre outros. Destes, em especial, salientamos a contribuição de Corazza (2001), que afirma que o currículo também é entendido como linguagem, como prática discursiva e não discursiva, que se materializa em saberes, normas, prescrições, relações, valores, Tal ideia será retomada posteriormente, pois também é adotada na concepção deste trabalho.

Para finalizar essa breve reflexão, lanço mão dos conceitos-chave apontados por Silva (2013, p. 17) como sendo representantes das teorias pós-críticas: “identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação, discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade, multiculturalismo”.

Dentre as perspectivas abordadas, entende-se que o presente trabalho não está conceitualmente alinhado com somente uma delas. No que diz respeito aos critérios para análise que serão adotados para análise dos dados coletados em busca dos objetivos propostos, entende-se que estão mais próximos dos pressupostos das Teorias Tradicionais e das Teorias Críticas do Currículo.

Outro entendimento importante para a compreensão desta pesquisa é a noção de componente curricular, uma vez que o estudo do Empreendedorismo, dentro dos procedimentos metodológicos adotados, se dará a partir deste espaço. Tal conceito será abordado a seguir.

### 3.1.2 Componentes curriculares

Uma vez que o objeto desse estudo faz uso da ideia de componente curricular, essa subseção será dedicada a uma breve conceituação a respeito do termo.

Juliá (2002, p.37) afirma que “a história das disciplinas escolares propriamente dita relaciona-se com questões recentes formuladas pelos historiadores da educação”. A formatação atual, que transpõe áreas do conhecimento para matérias de ensino não é uma realidade que sempre esteve presente.

Cabe observar uma importante colocação a respeito do tema “componente curricular”. Fazendo uso do senso comum, frequentemente pessoas tratam palavras como “matéria”, “disciplina” e “cadeira” como sendo sinônimas ao termo “componente curricular”. Nesse sentido

A expressão “componente curricular” tem sido empregada para designar a forma de organização do conteúdo de ensino em cada grau, nível ou série, compreendendo aquilo sobre o qual versa o ensino, ou em torno do que se organiza o processo de ensino-aprendizagem. (SAVIANI, 2003, p. 115)

Ao passo que os componentes curriculares exercem importante papel na tarefa de organizar e distribuir os conteúdos dentro dos ciclos escolares e acadêmicos, sabe-se que se são a materialização do resultado das disputas que ocorrem entre os saberes. Saviani (2003, p. 117) salienta “(...) o risco de fragmentação do conhecimento que pode derivar desse tipo de organização curricular”.

Ao mesmo tempo em que os saberes organizados em forma de componentes curriculares servem para aprofundamento do conhecimento e integralização de um percurso, eles também são distorcidos como resultado do jogo de poder e prestígio que se instaura entre as áreas do conhecimento. Juliá (2002) salienta que não se pode pensar em definir a ideia de componente curricular conservando a mesma visão que se teve quando da sua criação, chamando a atenção para três tentações a ser evitadas nesse processo: tentar estabelecer genealogias, que podem acabar sendo enganosas; crer que uma disciplina não é ensinada em virtude de não constar no programa escolar; e, imaginar um funcionamento dos componentes curriculares da mesma forma em que era antigamente, sem considerar as atuais transformações educacionais.

Macdonald *apud* Pacheco (2005, p.103) afirma que “o referente principal do currículo não é o aluno, nem a sociedade, nem a herança cultural, mas o processo político de escolaridade”. Assumindo a ideia de escola como organismo político, e adicionando à essa ideia o fato de que seus saberes formalizados estão expressos no currículo através de componentes curriculares, se fortalece a discussão a respeito da relevância deles, ao mesmo tempo em que se reforça a disputa instaurada entre eles. “As finalidades das disciplinas nunca são unívocas”, salienta Juliá (2002, p. 51). Muitos estudos se dedicam a comprovar o quanto cada componente curricular serve a um princípio de manutenção da realidade atual, e tecem calorosas críticas a essa descoberta.

Por fim, Juliá (2002) também salienta que para se analisar o ensino de um componente curricular em particular se deve levar em conta todos os elementos que a constituem, utilizando como exemplos: a finalidade da disciplina, as práticas reais de ensino e a vida cotidiana em sala de aula. Tais aspectos serão levados em consideração na etapa de campo dessa pesquisa, em que serão feitas as coletas de dados, conforme explicado posteriormente no capítulo referente à metodologia.

## 3.2 Empreendedorismo

Apresentar a origem e as diferentes perspectivas a respeito da temática Empreendedorismo se faz necessário para que seja possível compreender o recorte de estudo desse trabalho, bem como a pertinência do assunto para a formação escolar e acadêmica. Nesse sentido, serão apresentados nessa seção três tópicos: conceituação de Empreendedorismo, sua aplicação à Educação e, por fim, outros entendimentos a respeito da pertinência da presença do tema na atividade educativa.

### 3.2.1 O que é Empreendedorismo?

Ao se pensar nas origens do termo, pode-se afirmar que os economistas foram os precursores do estudo do Empreendedorismo. Chiavenato (2007) afirma que Cantillon e Jean-Baptiste Say foram os primeiros teorizadores sobre o tema, associando a ideia de empreendedor a aquele indivíduo que obtém lucro com vendas, em uma visão bastante restrita comparada às compreensões atuais. Chiavenato (*ibid*) ainda afirma que foi Cantillon que usou o termo pela primeira vez, designando por empreendedor aquele que assume riscos.

Adicionalmente, Chiavenato (2007, p.5) afirma que “o Empreendedorismo tem sua origem na reflexão de pensadores econômicos dos séculos XVIII e XIX, conhecidos defensores do *laissez-faire* ou liberalismo econômico”. Nessa época, a ideia de empreendedorismo estava muito conectada à atividade econômica, sendo os entendimentos que levavam à conceituação do empreendedor ligados à sua relação com o capital.

O empreendedor, enquanto sujeito do Empreendedorismo, já foi conceituado de diversas maneiras, apresentando variações de acordo com a época e região. Por algum tempo, de acordo com Dolabela (2008), empreendedor foi considerado aquele que tinha firme resolução em realizar algo. Nos séculos XIX e início do século XX, empreendedor foi um termo utilizado para designar grandes industriais.

O estudo do Empreendedorismo, fenômeno que cresce cada vez mais (ao se consultar o termo na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, mais de 500

produções que levam a palavra em seu título são identificadas) é potencializado pela ideia de que não existe uma definição única para o termo. Algumas proposições clássicas, porém, sempre são levadas em consideração. Dornelas (2007, p.4) afirma que “a destruição criativa postulada por Joseph Schumpeter nos anos 30 é uma dessas proposições”. Nessa compreensão, o processo de destruição criativa está intimamente ligado ao processo de inovação, uma vez que algo novo surge para o atendimento de necessidades, renovando conhecimentos e modos de fazer. Entende-se que o empreendedor, na condição de alguém que concretiza ideias, é um dos propulsores desse processo.

Em uma definição primária, pode-se fazer uso das palavras de Dolabela (2008, p. 59), que afirma que “empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship*, utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades e seu universo de atuação”. Ainda que por muito tempo a atividade empreendedora tenha sido necessariamente vinculada à ideia de atividade empresarial, para fins desse trabalho é adotada a perspectiva de Dornelas (2007, XVIII) que diz que “é importante salientar que para ser empreendedor não é necessário ser empresário”.

Nesse sentido, cabe destacar que o conceito que baliza esse trabalho é o de que empreendedorismo é entendido como “o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades”, conforme define Dornelas (2008, p.22). Fillion (2000, p. 31), outro importante expoente contemporâneo dessa concepção, define empreendedor como “... uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”. Identifico, enquanto pesquisadora do tema, que existe uma grande necessidade de investir esforços em desconstruir a ideia de que Empreendedorismo se deve essencialmente à atuação empresarial. Tal entendimento estrito do conceito frequentemente é causa de lacunas de entendimento as quais não permitem que se pense sua aplicabilidade em diversos âmbitos, dentre eles, na educação.

Nesse sentido, é importante observar a definição de empresário. De acordo com o Código Civil brasileiro, que, em seu Art. 966 traz a seguinte definição: “Considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou a circulação de bens ou de serviços.” Evidencia-se que empresário é uma figura jurídica, e, portanto, seria uma incorreção equiparar em

termos de igualdade a definição de empresário com a de empreendedor. Essa associação, frequente no senso comum, muitas vezes prejudica uma ampla e atualizada compreensão do fenômeno do Empreendedorismo, implicando em grandes doses de preconceito, por membros de algumas áreas do conhecimento, quando se fala em tentar estimular o potencial empreendedor de cada indivíduo.

Apesar de sua origem estar ligada ao saber econômico, não foram apenas teóricos da Economia que se interessaram pelo estudo do Empreendedorismo.

Na década de 1960, David McClelland, um psicólogo norte-americano foi parceiro de uma pesquisa de grande importância promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) a qual tinha como foco o mapeamento de características de personalidade de empreendedores que pudessem vir a compor um modelo. Tal estudo foi um marco na aproximação entre Psicologia comportamentalista e o estudo do Empreendedorismo.

A pesquisa culminou com a definição de dez aspectos de personalidade, os quais foram batizados de características comportamentais empreendedoras e atualmente são amplamente difundidos pela ONU em suas ações de fomento ao Empreendedorismo. O modelo de McClelland postula que essas posturas são: busca de oportunidades e iniciativa; correr riscos calculados; exigir qualidade e eficiência; persistência; comprometimento; busca de informações; estabelecimento de metas; planejamento e monitoramento sistemático; persuasão e rede de contatos; e, independência e autoconfiança. Esse modelo se aproxima de outros estudos sobre motivação, também conduzidos por psicólogos.

Estudos mais recentes sobre Empreendedorismo ganham destaque com as contribuições de Gifford Pinchot, Peter Drucker, Robert Hirsch e Louis Jaques Fillion. Gifford Pinchot foi pioneiro ao sugerir que existe a possibilidade de alguém trabalhar como empregado e ser um empreendedor na medida em que, por meio de seus talentos pessoais, promove realizações dentro de uma organização; a esse comportamento, ele denominou intraempreendedorismo. Peter Drucker abordou a inovação como componente estimulador à ação empreendedora, dando destaque para o caráter prático da abordagem do Empreendedorismo. Robert Hirsch abordou a ideia de que o Empreendedorismo é um processo que implica na criação de algo diferente, mediante combinação de recursos adequados. Por fim, Louis Jaques

Filion enfatizou a capacidade de determinar objetivos que é própria do perfil empreendedor, sendo essa sua contribuição mais relevante.

O presente trabalho de pesquisa parte da ideia que ser empreendedor está ligado a um conjunto de características comportamentais, e que qualquer pessoa, independente da atividade que exerça (seja estudante, empregado, empresário) pode ser empreendedor. De acordo com Dolabela (2003, p.30) afirma que um dos mitos que a ideia de educar para o empreendedorismo encontra é o “de que ser empreendedor é coisa para poucos, um saber impossível de ser transmitido e que, portanto, tem a natureza de dom”. Esse entendimento vem sendo desconstruindo mediante estudos teóricos, pois a partir das contribuições da Psicologia comportamentalista, é possível assumir que Empreendedorismo é uma questão de comportamento, e, uma vez que é um comportamento, é passível de ser ensinado e aprendido.

Partindo do pressuposto que o Empreendedorismo é um saber relevante para a sociedade atual, o encontro entre a educação e esse conhecimento não pode ser desconsiderado. Nesse sentido, serão apresentados a seguir, pilares que sustentam e definem o conceito intitulado “Educação Empreendedora”.

### 3.2.2 Educação Empreendedora

Considerando que as características comportamentais empreendedoras podem ser desenvolvidas nos indivíduos, atribui-se ao meio externo o papel de proporcionar oportunidades para o desenvolvimento dessas posturas. De acordo com Coan (2014, p. 148), “a educação para o empreendedorismo é bandeira no quadro de referência em termos de estratégia que deve ser desenvolvida pela política educacional dos Estados-Membros da Comunidade Europeia”. O autor (*ibid*) cita ainda a política da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que propõe a inclusão da capacidade empreendedora nos projetos de educação para todos.

Essas informações mostram a necessidade da inserção das instituições de ensino no processo, as quais podem ser responsáveis por promover essa mudança necessária nos indivíduos, de modo a desenvolver empreendedores por meio da educação. Mas, para isso, é necessária a adoção de mecanismos e

procedimentos pedagógicos que estimulem o desenvolvimento de competências básicas empreendedoras, a partir de uma nova leitura do educador, vislumbrando a maior aproximação entre o ensino e o mercado, de acordo com Crisostimo e Scabeni (2008).

Nesse sentido, Fernando Dolabela, professor brasileiro, elaborou uma proposta que foi intitulada como Pedagogia Empreendedora. Tal atividade é conceituada como:

uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio, que utiliza a Teoria Empreendedora dos Sonhos, não se propondo a ser uma metodologia educacional de uso amplo. (DOLABELA, 2003, p.55)

A Teoria Empreendedora do Sonho, conceito cunhado pelo próprio autor, diz respeito à capacidade do indivíduo de desenvolver um sonho e buscar sua realização, passando por etapas de aquisição de conhecimentos necessários para a concretização desse ideal.

Outra metodologia complementar a essa é a Oficina do Empreendedor, também desenvolvida por Dolabela, porém, mais voltada ao ensino superior. Ambas as metodologias buscam difundir o pressuposto defendido por Dolabela (2008, p. 154) de que “mais do que criar novos produtos, serviços, processos, empreender significa modificar a realidade oferecendo novos valores positivos para a coletividade”.

A Pedagogia Empreendedora e a Oficina do Empreendedor, ícones exponenciais de propostas nacionais para o ensino do empreendedorismo, buscam, como finalidade maior, a formação de novos empreendedores. Para tal, embasam suas propostas em três grandes objetivos para o estudante: conhecer a si mesmo; conhecer a realidade em que está inserido; e, conhecer a natureza do seu sonho. Esse sonho, nessa perspectiva, pode ser tanto individual quanto coletivo. Sonho coletivo é aquele que está vinculado com a imagem que uma comunidade constrói de si para o futuro, e que pode ser construído a várias mãos. Sonho individual é aquele que, ainda que seja projetado em uma esfera mais particular como concepção, é coletivo enquanto finalidade, uma vez que todo sonho realizado oferece valor ao meio em que se insere, no âmbito do entendimento vigente para os proponentes dessa abordagem.

Ainda que se mostre algo louvável em sua essência, a ideia de difusão da educação empreendedora esbarra em alguns mitos, conforme define Dolabela (2003). Dentre esses mitos, se pode citar: mito de que ser empreendedor é coisa para poucos; mito de que as comunidades não são capazes de transformar suas próprias realidades; mito de que somente o dinheiro é um grande indicador de sucesso; mito de que a estabilidade na atividade profissional só é possível em um vínculo que por sua natureza tenha esse direito assegurado, dentre outros. Essas inverdades por vezes se apresentam como obstáculo para uma difusão da educação empreendedora. Pode ser empreendedor um professor, um estudante, um funcionário público, um governante, um empresário, enfim, toda a sorte de ocupações pode vir a desenvolver atitudes e realizações de cunho empreendedor.

Diante dessas argumentações, pode-se constatar que a abertura de espaço para o ensino do Empreendedorismo do ensino básico à pós-graduação aparece como uma boa prática para disseminar os conceitos e aplicações do tema, bem como minimizar a ideia de que é preciso que a pessoa nasça com perfil próprio para ser empreendedor. E uma vez que a escola já é naturalmente um ambiente de aprendizagem, é de fundamental importância a preparação das instituições de ensino e dos educadores para a abordagem dessa temática, se não nos moldes metodológicos propostos por Dolabela, que seja de outras tantas formas que podem ser empreendidas.

Com o ensino de Empreendedorismo se pretende ensinar os sujeitos a serem autores e realizadores de seus próprios sonhos, não importa qual a natureza desse sonho. Pretende-se ainda desenvolver nas pessoas atitudes e características necessárias para que possam empreender e ser autores de suas próprias histórias.

Dolabela (2008) afirma que o ensino tradicional tem habilidade em gerar e transmitir conhecimentos, porém, precisa evoluir para novas formas que incorporem a esses processos elementos como a emoção, a criatividade, o conceito de si, o não conformismo e a persistência.

Existem muitas formas para empreender, afirma Filion (2000), desde a empresa familiar ao trabalho autônomo, das cooperativas ao empreendedorismo setor, dentre outras tantas possibilidades. Ensinar às pessoas a buscar – ou criar – oportunidades é mais uma das pretensões dessa iniciativa.

Não se pode desconsiderar nessa análise a perspectiva de empreendedor empresário. Com a grande mudança de paradigmas nas relações de trabalho, sabe-se que muitas pessoas estão buscando o empreendedorismo empresarial como opção de carreira, por conjunturas que vão desde características pessoais como cenários econômicos. Por mais que exista uma grande crítica ao modelo econômico capitalista vigente, que frequentemente é estendida ao Empreendedorismo (muitas vezes por desconhecimento de sua conceituação, conforme abordado anteriormente), sabe-se que muitos estudantes estão nos bancos escolares e acadêmicos com essa pretensão. Ignorar essa realidade, em prol da defesa de outra ideologia, faz com que na prática o estudante seja penalizado, pois nem todas as pessoas comungarão da crítica ao sistema vigente, trilhando outros caminhos para os quais não houve uma oportunidade de preparação durante seu percurso na escola ou universidade.

Adicionalmente, não se espera que a escola seja o único agente de disseminação do Empreendedorismo. Cabe a outras esferas do cenário social unir-se à causa, tomando responsabilidade por aquilo que lhes é atribuição. Um governo que busque o desenvolvimento econômico do país, bem como a qualidade de vida da população, também pode ser agente de destaque nesse movimento.

Por fim, o que se pretende com o ensino do empreendedorismo é o fomento da cultura empreendedora, em consonância com o que diz Chiavenato (2007, p.3), “o espírito empreendedor está também presente em todas as pessoas que — mesmo sem fundarem uma empresa ou iniciarem seus próprios negócios — estão preocupadas e focalizadas em assumir riscos e inovar continuamente”.

### 3.2.3 Outras perspectivas sobre o ensino de Empreendedorismo

É entendimento compartilhado entre vários estudiosos da Educação enquanto ciência a busca de rompimento com a ordem vigente, tanto no âmbito político quanto social ou econômico, e o estratégico papel dessa área do conhecimento em prol desse objetivo. Um exemplo desse entendimento fica expresso na colocação a seguir:

A educação escolar deve contribuir para que as pessoas não internalizem como suas as metas de reprodução da ordem sociometabólica do capital e deve estar presente no enfrentamento dos desafios de superação do modo capitalista de produção, como projeto societário, e de construção de um modelo societário no qual o homem se emancipe de toda forma de exploração e opressão. (COAN, 2014, p.167)

Considerando argumentos expostos anteriormente, é possível compreender que, dada a origem da definição de empreendedorismo ter acontecido no âmbito das Ciências Econômicas, por vezes o tema seja interpretado como algo que não pode estar presente dentro da prática educativa, uma vez que seria um reforçador da ordem vigente.

Nesse sentido, foram selecionadas três produções as quais comungam de um mesmo entendimento de oposição ao ensino de Empreendedorismo, conforme defendido no âmbito da Educação Empreendedora: o artigo de Coan (2014), intitulado “Educação para o Empreendedorismo como *slogan* do capital”, o artigo de Cêa e Luz (2006), denominado “Empreendedorismo e Educação: Reflexões sobre um Velho Sonho Liberal” e a dissertação defendida por Souza (2006), “Jovens e Empreendedorismo: que discurso é esse?”.

Coan (2014) defende que a tentativa de dar forma a uma Educação Empreendedora é fruto do atual estágio do capitalismo, que, por meio de seus adeptos, busca adentrar em todas as esferas possíveis da sociedade. As principais críticas apresentadas por ele em relação a essa iniciativa são: a pretensão de ajustar os indivíduos às demandas da sociedade capitalista, em consonância com a globalização da economia; ausência de análise crítica a respeito das relações capitalistas de produção; fragilidade dos fundamentos epistêmicos da proposta, em função de que não faz esforço no sentido de explicar as contradições sociais; e, foco na necessidade de mudança das pessoas, mas não do sistema capitalista. Como conclusão, Coan (2014, p.165) declara que “educar para o empreendedorismo é, simultaneamente, uma mercadoria e uma ideologia do capital”.

Na obra em que propõe a Pedagogia Empreendedora, Dolabela (2003, p. 17) postula a seguinte definição: “o tema central do empreendedorismo no Brasil deve ser a construção do desenvolvimento humano e social, includente e sustentável”. A proposta de Dolabela faz uso da Teoria Empreendedora do Sonho, conforme mencionado anteriormente, a qual é voltada essencialmente para a concretização de ideais aos quais as pessoas se propõem. Nesse sentido, os métodos para realização dos objetivos levam em conta a definição proposta por Dolabela, que não está essencialmente conectada a uma proposta capitalista. Adicionalmente, são levadas em consideração características da sociedade

brasileira, as quais influenciam a composição do modelo proposto, expressas na citação acima.

Possivelmente o entendimento de Coan e sua argumentação estão baseados na perspectiva de Empreendedorismo na aceção de estímulo à abertura de negócios, inclusive em virtude de ter utilizado vários materiais didáticos do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em seus referenciais e análises.

Nessa mesma linha crítica, Cêa e Luz (2006) afirmam que “a proposta de Pedagogia Empreendedora apresentada e defendida (...) não questiona e nem propõe o rompimento com o modelo perverso de produção capitalista”. O artigo dos autores se propõe a apresentar reflexões iniciais sobre a incorporação do Empreendedorismo no campo educacional, e, para tal, tomaram como base os escritos da proposta de Pedagogia Empreendedora de Dolabela, apresentando uma análise de suas principais ideias e fundamentos.

A crítica tem a mesma tônica das ideias de Coan (2014), na medida em que associa os ideais da Pedagogia Empreendedora com a manutenção do modelo capitalista. A interpretação de Cêa e Luz (2006) é de que a matriz teórica que embasa a Pedagogia Empreendedora são os pensamentos liberais clássicos, e por conta disso se embasa sua crítica. Novamente aqui a contestação surge a partir da consideração estrita da dimensão empresarial que o Empreendedorismo pode abarcar, desconsiderando a proposição comportamental, que busca difundir a ideia de que os indivíduos são capazes de estabelecer objetivos e os concretizar, independente de sua raiz ideológica.

O estudo de Souza (2006, p.130) defende a ideia de que a Educação Empreendedora é um discurso “sobretudo, pragmático e ideológico, ao reforçar o individualismo próprio da racionalidade neoliberal”. O autor também utiliza materiais de Dolabela para sua análise, em especial as obras Pedagogia Empreendedora e Oficina do Empreendedor, utilizadas na construção do embasamento teórico deste trabalho.

A pesquisa buscou desenvolver um estudo a respeito do conteúdo de Empreendedorismo e seu direcionamento aos jovens. Como base teórica, o autor apoiou-se nas ideias de Gramsci, e como metodologia usou os procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental.

Uma das críticas apresentadas por Souza (2006, p.14) é que uma das tensões constantes das relações de trabalho ocasionada pelo capitalismo é “de transferir cada vez mais para o trabalhador o sentimento de que ele é o principal responsável pela sua empregabilidade”, questionando a pertinência da teoria do Empreendedorismo como solução para tal problemática. Nesse sentido, Dolabela (2003, p.129), afirma que “empreender não é preocupação individual, mas da comunidade, da região, do país”. Percebe-se que a crítica está voltada para algo que está sanado como concepção base do entendimento desta pedagogia, o que novamente sugere a diferença de interpretações a respeito da proposta.

Em sua conclusão, Souza (2006) destaca a ideia de que o discurso a respeito da teoria do Empreendedorismo é ideológico. Cabe salientar que, buscando amparo nos estudos da linguagem, é possível saber que Bakhtin 2006[1930] afirmam que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Sendo assim, todo o discurso pode ser entendido como algo ideológico, dado o caráter social que é próprio do(s) enunciator(es). Nessa perspectiva, tanto o discurso, seja favorável ou contrário ao tema, é ideológico.

Dolabela (2003, p.31) defende que “educar (...) é substituir a lógica do utilitarismo e do individualismo pela construção do humano, do social, da qualidade de vida para todos”. Adicionalmente, o autor sustenta que esse princípio é levado em conta na elaboração da Pedagogia Empreendedora.

Pode-se observar que existem alguns entendimentos conceituais similares entre os autores que tecem críticas à Educação Empreendedora e o teórico que é seu principal expoente no Brasil. Reforça-se novamente a ideia de que as críticas aqui apresentadas são fruto da análise de um recorte específico dentro da totalidade da proposição teórica, aliados a uma orientação política e teórica que busca a transformação do sistema econômico vigente.

Coan, Cêa e Souza são pós-graduados na área de Educação, e Dolabela, embora não tenha pós-graduação nessa área do conhecimento, atua como professor universitário. De certa forma, todos os autores estão envolvidos com o saber e com o fazer da Educação, o que evidencia que não existe apenas um único entendimento conceitual nessa *práxis*.

As abordagens teóricas apresentadas neste capítulo sustentam o entendimento dos dois principais conceitos abordados: Currículo e Empreendedorismo.

As diversas perspectivas a respeito da conceituação de currículo demonstram o quanto existe a preocupação com esse tema enquanto campo de estudo, considerando sua relevância para a área da Educação. Sempre que se discute o fazer pedagógico, se faz isso em torno de um entendimento de currículo, sejam os sujeitos esclarecidos ou não a respeito desse posicionamento. Refletir a respeito da realidade educacional, é, sobretudo, pensar sobre o currículo. As distintas concepções que foram apresentadas, as quais se aproximam de acordo com seus valores comuns, são várias formas de conceber o currículo e seus desdobramentos. Independente da orientação de cada perspectiva, todas as teorias do currículo compartilham da convicção do papel central que o seu objeto ocupa na Educação.

Quanto ao tema do Empreendedorismo, o cenário não é muito distinto. Conceito frequentemente assumido como sinônimo de criação de empresas, é passível de outras conceituações de acordo com o olhar teórico que se desdobra. A visão de empreendedor como aquele que possui determinadas características comportamentais, que podem – ou não – culminar na abertura de um negócio, é um entendimento mais contemporâneo a respeito do tema, e que é adotado no presente trabalho.

A investigação a respeito dos espaços e configurações para o ensino de Empreendedorismo a partir do currículo, exercício que este trabalho se propõe a realizar, é importante na medida em que se percebe que esse saber é relevante para a formação de cidadãos e profissionais. Os principais autores utilizados para as análises de dados que se darão a seguir serão Silva nos assuntos relacionados ao Currículo, e, Dolabela, nas questões relacionadas à conceituação de Empreendedorismo. A seguir será apresentada a metodologia adotada nesta pesquisa, a fim de que seja possível compreender o percurso metodológico percorrido.

## 4 METODOLOGIA

Serão apresentadas, nesse capítulo, as definições e estratégias metodológicas por meio das quais o trabalho foi concebido, contribuindo para uma melhor compreensão do campo da pesquisa.

O Campus Pelotas do Instituto Federal Sul-rio-grandense, local onde foi realizado o estudo, oferta, na modalidade presencial, dez cursos de ensino técnico de nível médio (Comunicação Visual, Design de Interiores, Edificações, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Mecânica, Química, Restauro de Edificações e Telecomunicações), sete cursos superiores (Bacharelado em Design, Engenharia Elétrica, Engenharia Química, Tecnólogo em Gestão Ambiental, Licenciatura em Computação, Tecnólogo em Saneamento Ambiental e Tecnólogo em Sistemas para Internet), quatro cursos de especialização *lato senso* (Educação Profissional com habilitação para a Docência, Educação, Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias e Química Ambiental) e um programa de pós-graduação *stricto senso* (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia).

Adicionalmente, o campus oferece cursos de nível técnico, superior e de pós-graduação *lato senso* na modalidade à distância, por meio da Universidade Aberta do Brasil e do Programa Profucionário, sendo este executado no âmbito da Rede e-Tec Brasil.

Discussões aprofundadas a respeito do ensino de Empreendedorismo neste ambiente vêm sendo realizadas sistematicamente através de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa em Educação Empreendedora, do qual faço parte, tendo sido objeto de vários projetos de pesquisa. A partir de meu ingresso no curso de Mestrado, e com os posteriores estudos sobre as Teorias do Currículo, optei por analisar a questão por meio desta ótica, definindo como objeto de pesquisa o currículo, a partir das disciplinas do eixo de Gestão e Negócios. Considerando os limitadores de tempo e de dimensões para elaboração de uma dissertação, foi necessário escolher um curso, dentre os ofertados neste campus, como campo para aplicação da pesquisa.

Para realização do estudo de caso aqui proposto, o curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet foi escolhido em virtude de ser, dentre os

cursos superiores no campus Pelotas, aquele que mais reserva carga horária para disciplinas do eixo Gestão e Negócios dentre as cadeiras obrigatórias, totalizando duas.

Para compreender o que significa essa reserva de carga horária, é necessário conhecer a estrutura de organização do ensino do campus Pelotas, e, conseqüentemente do curso em questão. Os cursos estão organizados, de forma geral, de acordo com os saberes técnicos das suas áreas de conhecimento. Paralelo a essa estrutura, existe o departamento denominado de “Formação Geral”, que congrega professores das disciplinas de Biologia, Educação Física, Física, Matemática, Química e das áreas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Dentro dos saberes abrangidos pela área de Ciências Humanas e suas Tecnologias está o eixo de Gestão e Negócios, dentro do qual se situam as disciplinas de Empreendedorismo. Sendo assim, as demandas dos cursos, independente de nível de formação, que necessitem conhecimentos desse eixo, serão atendidas sistemicamente por professores pertencentes ao departamento de Formação Geral.

Cabe salientar também que o espaço em que foi realizado o estudo é uma instituição derivada do antigo modelo de Escola Técnica Federal, que posteriormente foi Centro Federal de Educação Tecnológica, passando a ser Instituto Federal Sul-rio-grandense. Essas alterações de identidade institucional certamente deixam marcas na organização das atividades escolares e acadêmicas, sendo, uma destas, a organização da estrutura de ensino anteriormente citada. Por ser um espaço tradicional de ensino técnico, as disciplinas entendidas como de Formação Geral, dentre elas as do eixo Gestão e Negócios, são concebidas em um contexto externo ao do curso específico em que serão ministradas.

Outro fator determinante na escolha do curso que é analisado neste estudo de caso foi a definição de perfil que consta no Projeto Pedagógico Institucional (2006):

O egresso do Curso Superior de Tecnologia em Desenvolvimento de Sistemas para Internet deverá ter uma formação ética, técnica, criativa e humanística, que possibilite, ao futuro profissional, ser um cidadão responsável, empreendedor, investigador e crítico, apto a desempenhar sua profissão, interagindo em uma sociedade plena de transformações, no que concerne ao desenvolvimento de sistemas de informação para a internet e às tecnologias associadas a estes processos. (INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE, 2006, p.64)

O Projeto Pedagógico preconiza que seu egresso tenha uma formação que o possibilite, dentre outras competências, ser um cidadão empreendedor. Percebe-se, no enunciado, a inclinação para a formação empreendedora, portanto, considerando que esse documento explicita tal intenção, se reforça novamente a pertinência dessa pesquisa, ao mesmo tempo em que revela estar assegurado um espaço para o ensino de Empreendedorismo.

Enquanto procedimento metodológico, a estratégia adotada foi o estudo de caso, que, de acordo com Yin (2015, p.4), “é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”. A escolha do estudo de caso se deu em função de o objetivo geral do trabalho requerer uma investigação de detalhada e *in loco*. A definição de estudo de caso atende a essa necessidade:

O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga o fenômeno (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes. (YIN, 2015, p.17)

Quanto à abordagem adotada, esta pesquisa adota práticas qualitativas e práticas quantitativas. As pesquisas na área da educação comumente se utilizam de investigações qualitativas, uma vez que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 16) dados qualitativos são “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”. Tal característica vem ao encontro das necessidades da Educação e suas concepções enquanto área do conhecimento.

Embora a abordagem qualitativa seja a mais indicada, no que diz respeito aos dados referentes aos alunos foi necessário trabalhar em uma perspectiva quantitativa. Essa escolha se deu em função de que seria o procedimento para coleta de dados que tomaria menos tempo da aula, sendo mais fácil que os professores disponibilizassem com mais facilidade a aplicação dos instrumentos. Considerando que a sala de aula, durante o horário da disciplina, seria o local adequado para contatar a todos os alunos, optou-se pela agilidade que a coleta de dados de acordo com a abordagem quantitativa pode oferecer. Da mesma forma ocorreu com uma parte dos dados coletados junto aos professores do curso, conforme será explicitado posteriormente.

As fontes de dados adotadas para realização desta investigação foram: projeto pedagógico do curso de Tecnologia em Sistemas para Internet, bem como a

matriz dos componentes curriculares; planos de ensino das disciplinas do curso que abordam a temática de Empreendedorismo; informações provenientes dos estudantes dessas disciplinas, dos professores da área de Gestão e Negócios, e, dos demais professores das disciplinas específicas do curso.

No que diz respeito aos documentos (projeto pedagógico, matriz curricular e planos de ensino), o procedimento utilizado pode ser classificado como pesquisa documental, considerando essa definição:

No caso da pesquisa documental tem-se como fonte de documentos no sentido amplo, ou seja, não são de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2007, p. 122/123)

O projeto pedagógico e as matrizes curriculares foram solicitados diretamente ao coordenador do curso. Os planos de ensino foram solicitados aos professores ministrantes das disciplinas.

As informações coletadas junto aos professores das disciplinas das áreas de Gestão e Negócios foram coletadas mediante entrevista individual, conforme roteiro apresentado no Apêndice I. A conceituação de entrevista proposta por Marconi e Lakatos (2010, p.178) define como o procedimento foi conduzido: “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Foi entrevistado o professor titular destas disciplinas, que no momento está afastado de suas atividades em virtude de licença capacitação, e a professora substituta, que está atuando temporariamente.

As informações provenientes dos estudantes das disciplinas do eixo Gestão e Negócios, ministradas no curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet e identificadas como relacionadas com o propósito dessa pesquisa, foram coletadas por meio de aplicação de questionários durante a aula. O questionário foi o instrumento escolhido, dada sua especificidade:

[É] um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. (SEVERINO, 2007, p.125)

O questionário utilizado está no Apêndice II deste trabalho, e foi aplicado junto a seis estudantes.

Os dados coletados junto aos professores das disciplinas específicas do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet foram coletados de duas formas. Mediante autorização do coordenador para utilização de um espaço durante a reunião semanal de colegiado, foi realizado um procedimento de grupo focal e aplicação de questionários. Ambos os procedimentos envolveram 16 professores, atingindo quase a totalidade do grupo em questão.

A coleta de informações por meio de grupo focal foi uma iniciativa adotada no sentido de proporcionar maior interação entre o grupo, sensibilizando-os para o tema. De acordo com Ressel *et al* (2008, p.780), grupos focais são “grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate”. O roteiro de questões utilizadas para promover o debate está apresentado no Apêndice III desse trabalho.

Considerando a possibilidade de que a participação no grupo focal não fosse expressiva por parte de todos, foi elaborado um questionário individual a ser aplicado posteriormente a esse procedimento, de forma combinada, buscando conhecer melhor a totalidade das percepções. Tal hipótese se confirmou na medida em que participaram do grupo focal 16 pessoas, porém, apenas 7 se pronunciaram durante o debate. O questionário utilizado nessa etapa está disponível no Apêndice IV.

Todos os participantes, antes do início das entrevistas, serão orientados sobre a finalidade da pesquisa e convidados a assinar o termo de consentimento disposto no Apêndice V. A importância do consentimento informado é defendida por Bogdan e Biklen (1994) como um princípio ético e como proteção dos sujeitos envolvidos contra qualquer espécie de dano. Será solicitado também consentimento dos respondentes, nos casos de entrevista e grupo focal, quanto à gravação da entrevista em áudio, a fim de tornar mais rápido o processo.

Para análise e discussão dos dados levantados foram adotadas categorias. Considerando que Silva (2010, p.145) afirma que o currículo “é uma questão de **saber, poder e identidade**”, se assumiu esses três eixos como categorias para a análise dos dados, buscando relacionar as informações com os postulados do autor sobre o tema.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os dados coletados, bem como sua análise e discussão proposta nesta pesquisa. Conforme indicado no capítulo anterior, as fontes de coleta de dados foram: projeto pedagógico e matriz curricular do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet, plano de ensino das disciplinas Perfil Empreendedor e Gestão de Negócios, entrevista realizada com professores do eixo Gestão e Negócios, questionários aplicados junto aos alunos, entrevista de grupo focal e questionários aplicados junto aos professores do curso. Todos esses dados são analisados buscando compreender quais são os espaços e configurações existentes para o ensino de Empreendedorismo no curso em questão.

A cada elemento analisado serão evidenciados a relação entre o objeto dessa pesquisa e as categorias aqui elencadas: de **saber**, de **poder** e de **identidade**, que para Silva (2010) são características inerentes ao currículo, e que foram elencados como referência para análise dos dados dessa investigação.

### 5.1 Análise do Projeto Pedagógico do curso

Ao solicitar o projeto pedagógico para o coordenador, fui informada de que o curso estava passando por uma transição. Durante o ano passado foi realizada uma revisão do projeto, a qual entrou em vigência no semestre 2015/1, portanto, tive acesso a dois documentos: o projeto anterior e o projeto novo. Dada a extensão, em páginas, de tais documentos, não os colocarei como anexos nesta dissertação, porém, transcreverei alguns trechos que evidenciam elementos que sejam necessários para a realização da pesquisa.

Os dois projetos pedagógicos estão estruturados no seguinte esquema: denominação; vigência; justificativa e objetivos; público alvo e requisitos de acesso; regime de matrícula; duração; título; perfil profissional e campo de atuação; organização curricular; critérios de avaliação de aprendizagem aplicados aos alunos; recursos humanos; infraestrutura; e, anexos. Dentre esses itens, os que apresentaram alterações na atualização do documento foram: justificativa e objetivos; regime de matrícula; e, duração. As principais alterações observadas

foram: objetivos do curso, aumento da carga horária total, aumento do campo de atuação e ampliação do enfoque.

No que diz respeito ao **saber**, como categoria proposta para análise, os documentos evidenciam a descrição dos conhecimentos formais que são próprios ao curso. Às quatro áreas técnicas que o curso atende (Linguagens de Programação, Banco de Dados, Engenharia de *Software* e Redes de Computadores) são somadas disciplinas relacionadas às áreas gerais de conhecimento, o que será discutido com mais profundidade na seção 5.2, na análise da matriz em que constam os componentes curriculares. Pode-se observar que a carga horária do curso, a qual passou por alteração na revisão do projeto pedagógico, totaliza 2.700 horas na versão atual. De acordo com o Ministério da Educação (2001), o parecer do Conselho Nacional da Educação a respeito de carga horária mínima para os cursos superiores de tecnologia da área de Informática é de 2.000 horas. O projeto pedagógico prevê que a duração do curso tenha um total de horas acrescido de um montante correspondente à aproximadamente um terço da carga horária mínima de referência, o que demonstra a preocupação do preparo técnico do profissional, elemento direto da perspectiva do saber.

Como elemento de **poder**, o projeto pedagógico revela quais saberes são selecionados como válidos para essa formação, dentro da infinidade de possibilidades que pertence ao campo da Informática, dentro do qual emerge essa formação profissional. Silva (2010, p.16) destaca que “selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder”. As quatro linhas teóricas de atuação, é, de certa forma, uma manifestação dessa operação de poder. Não cabe aqui uma análise técnica a respeito dessa escolha, uma vez que não tenho formação na área, porém, é evidente a relação de que definir o saber é uma ação de poder.

No que diz respeito à **identidade**, é possível perceber três dimensões de análise: identidade do contexto em que o curso está inserido, identidade do curso em si, e a identidade do egresso. A identidade do contexto em que o curso está inserido se expressa no projeto pedagógico, na medida em que leva em consideração o mercado profissional de atuação dessa área de conhecimento, mencionando que há uma necessidade de profissionais para *web*.

A identidade do curso está expressa em seu histórico, descrita no projeto pedagógico. O curso é um aprimoramento de um curso técnico de modalidade subsequente, intitulado curso técnico em Sistemas de Informação, oferecido anteriormente pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Sul, que posteriormente tornou-se Instituto Federal Sul-rio-grandense. Nesse sentido, existe uma alteração de identidade de modalidade de ensino, o que implica em um novo perfil de ingressante – outra dimensão de identidade.

A implantação do curso de tecnologia se deu no ano de 2007, e seu projeto pedagógico original revisado em 2013 e reformulado em 2014. Segundo o documento:

A principal motivação para oferta desse nível de ensino surgiu da percepção, por parte da instituição, de uma crescente necessidade por profissionais cada vez mais capacitados a desenvolver sistemas computacionais complexos executados na *Web*. Diante do exposto, o objetivo deste curso é formar profissionais, de nível superior, capacitados a atuar no desenvolvimento de aplicações com foco específico na Internet. (CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SISTEMAS PARA INTERNET, 2014, p. 4)

Esse trecho revela muito sobre a identidade do curso, uma vez que explicita a motivação de sua criação, a qual partiu de uma percepção institucional. A origem do curso tem estrita relação com sua identidade, uma vez que o curso é relativamente novo, e ainda está em período de consolidação se comparado com a trajetória histórica de cursos que estão presentes desde a fundação da instituição, há mais de 70 anos.

Outra informação que esse trecho traz é a respeito da identidade do egresso. A definição acerca do perfil profissional pauta, teoricamente falando, toda a combinação de recursos que são utilizados no processo formativo. O documento traz também seis objetivos específicos, os quais expressam as habilidades que os egressos deverão desenvolver, a saber:

- 1) Desenvolver o raciocínio lógico através de algoritmos e transcrevê-los para linguagens de programação visando o desenvolvimento de sistemas informatizados para a *Web*; 2) Analisar, projetar e desenvolver soluções sob o paradigma, garantindo a qualidade de software através de métricas e estratégias de testes; 3) Planejar, implantar, integrar e gerenciar de ambientes seguros de redes de computadores; 4) Oportunizar práticas de gerenciamento de projetos, coordenação de equipes e elaboração de projetos e trabalhos acadêmicos utilizando-se normas técnicas e científicas; 5) Disseminar conhecimentos que possibilitem aos alunos o uso da pesquisa visando o aperfeiçoamento profissional continuado, a capacidade de comunicar-se com clareza e a empreender negócios na área de

informática; e, 6) Promover o trabalho em equipe, o espírito ético e o respeito ao meio ambiente. (CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SISTEMAS PARA INTERNET, 2014, p. 7)

Nesse fragmento observa-se o emprego de um vocábulo próprio de um dos conceitos chave deste trabalho, porém, com um direcionamento bem específico. Empreender negócios na área de informática resgata a ideia apresentada anteriormente no capítulo reservado ao referencial teórico, de que o conceito de Empreendedorismo frequentemente é estritamente vinculado à abertura de negócios. Assim, evidencia-se aqui uma relação entre o perfil de egresso previsto no Projeto Pedagógico da instituição para o egresso do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet, apresentado no item 4.1 deste trabalho, o qual, dentre outras características aponta que o egresso deve ser empreendedor, e a possível aceção de Empreendedorismo que é adotada nessa definição. Tal evidência fica ainda mais explícita nas falas dos professores do curso, que será discutida posteriormente.

Para que se compreenda melhor o que revelam as categorias analisadas, foi elaborado o quadro 4, apresentado a seguir:

| Fonte \ Categoria           | Saber  | Poder  | Identidade   |
|-----------------------------|--|--|--|
| Projeto Pedagógico do curso | Descrição dos conhecimentos formais do curso | Saberes selecionados como válidos para a formação (quatro linhas teóricas) | -Do contexto do curso: considera o mercado de atuação profissional;<br>-Do curso: originou-se de um curso técnico;<br>-Do egresso: definição do perfil profissional. |

**Quadro 4 – Matriz analítica: Projeto Pedagógico**

Fonte: Pesquisa direta

Assim, o projeto pedagógico como elemento do currículo revela uma relação muito próxima entre os elementos de saber, poder e identidade, bem como dá uma pista da configuração adotada como Empreendedorismo para a prática pedagógica. A operação de poder, explícita na escolha dos saberes eleitos para formação profissional, implica em uma específica identidade: a do egresso, conforme prevê o projeto pedagógico. Tal relação fica mais explícita mediante as

análises das matrizes e seus componentes curriculares, bem como dos planos de ensino das disciplinas, que serão apresentadas a seguir.

## 5.2 Análise da Matriz Curricular do curso

Como anexos dos projetos pedagógicos estão as matrizes dos componentes curriculares dos cursos em forma de fluxograma. Tais documentos estão disponíveis no Anexo I deste trabalho (Matriz Curricular do Projeto Pedagógico 2008/2) e no Anexo II (Matriz Curricular do Projeto Pedagógico 2015/1). Conforme anteriormente abordado, no item 3.1.2, a relação entre os componentes curriculares evidencia questões de **poder**, podendo ser entendida como um resultado da disputa entre os saberes.

O aumento de carga horária que aconteceu do Projeto Pedagógico vigente em 2008/2 comparado ao vigente em 2015/1, passando de 2.160 horas para 2.700 horas, fica evidente no desenho das matrizes. Esse aumento de 540 horas é fruto de um novo entendimento de relações de **saber**, e, conseqüentemente, de poder. Silva (2010, p.15) afirma que “um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão ‘seguir’ aquele currículo”. Assim, o expressivo aumento de carga horária no projeto pedagógico reflete que houve uma nova compreensão a respeito da identidade daqueles que serão formados com base nele.

As disciplinas do eixo Gestão e Negócios, identificadas em um primeiro momento por suas nomenclaturas, são as intituladas “Perfil Empreendedor” e “Gestão de Negócios”. Na disputa de poder entre os saberes, percebe-se, ao comparar ambas as matrizes, que suas conjunturas permaneceram-se inalteradas. As duas disciplinas se mantiveram com a mesma carga horária e na mesma posição dentro do ordenamento lógico de conhecimentos a ser adquiridos na formação profissional.

Considerando que algumas disciplinas foram extintas, tanto de saberes de conhecimento geral quanto de saberes técnicos da área específica, pode-se concluir que houve uma manutenção do status quo que foi dado ao Empreendedorismo na concepção do curso. A manutenção desse formato fica evidenciada nas falas dos professores do curso, as quais serão discutidas posteriormente, no item 5.5.

No que diz respeito à identidade, não é possível afirmar, com precisão, variáveis dessa natureza, uma vez que a matriz curricular por si só não traz elementos sobre a identidade da disciplina. Para tal, é necessário conhecer os planos das disciplinas, que apontarão com maior certeza as possibilidades de identidade partindo da formatação adotada. Nesse sentido, o próximo item se dedica a compreender como os planos de disciplina operam a concretização do saber do Empreendedorismo.

Para que se compreenda melhor o que revelam as categorias analisadas, foi elaborado o quadro 5, apresentado a seguir:

| Fonte \ Categoria | Saber   | Poder  | Identidade   |
|-------------------|---|--|--|
| Matriz Curricular | Aumento de carga horária total de curso e extinção de disciplinas | Manutenção do <i>status quo</i> no que diz respeito às disciplinas do eixo Gestão e Negócios | Nova compreensão da identidade pretendida para o egresso, uma vez que houve aumento de carga horária |

**Quadro 5 – Matriz analítica: Matriz Curricular**

Fonte: Pesquisa direta

O próximo item completa essa ideia, mediante a análise dos planos de ensino das disciplinas “Perfil Empreendedor” e “Gestão de Negócios”, utilizando as mesmas categorias elencadas.

### 5.3 Análise dos planos de ensino das disciplinas de Gestão e Negócios

A fim de conhecer a que se destinam os componentes curriculares intitulados “Perfil Empreendedor” e “Gestão de Negócios”, foram solicitados os planos de ensino para a ministrante de ambas as disciplinas. Os planos de ensino estão disponíveis, respectivamente, nos anexos III e IV deste trabalho.

Conforme mencionado anteriormente, o professor titular das disciplinas está em afastamento para estudos de pós-graduação, sendo suas atividades exercidas pela figura de um professor substituto. A necessidade temporária de excepcional interesse público é prevista pela lei 8.745/1993, que em seu artigo 2º, inciso IV, prevê a admissão de professor substituto.

Ao analisar a dimensão **saber**, foi possível identificar que a disciplina Gestão de Negócios não contempla a temática de Empreendedorismo, sendo mais voltada especificamente a fundamentos de Administração, que devem culminar na elaboração de um plano de negócios. Por essa razão, tal disciplina não será levada em consideração para a finalidade do presente trabalho. A disciplina Perfil Empreendedor, por sua vez, traz em seus conteúdos programáticos vários dos autores abordados na construção do referencial teórico desta dissertação, mostrando estar alinhada conceitualmente com a perspectiva de Empreendedorismo aqui proposta.

Cabe salientar, porém, uma distinção que ficou evidente ao se analisar ambos os documentos: o formato diferente de sua estrutura. O plano de ensino da disciplina de Gestão de Negócios é construído no formato de competências a ser construídas, sendo seu planejamento embasado em uma orientação conceitual distinta do outro documento. Uma situação que me chamou a atenção com relação ao plano da disciplina de Perfil Empreendedor é o fato de que ele não leva o nome dessa disciplina, mas sim de “Empreendedorismo”, que é o nome que esse componente curricular adota em outros cursos. Tal fato pode indicar de que algumas questões específicas da formação de cada área profissional podem estar sendo desconsideradas, pelo menos em nível de registro, uma vez que o documento aparenta ser padrão.

No que diz respeito ao poder e sua relação com o saber, a disciplina de Perfil Empreendedor, ao ser elaborada, revelou a busca de um rompimento com a estrita visão de empreendedor como sinônimo de empresário. Busca discutir questões relativas ao trabalho, às características empreendedoras, e em suas bases bibliográficas utiliza obras de Dornelas e Dolabela, dois grandes expoentes da abordagem de Empreendedorismo enquanto comportamento.

Tais aspectos remetem também à questão da identidade: como objetivo geral, o plano se propõe a proporcionar ao aluno o conhecimento e reflexão de conceitos que embasam o estudo do Empreendedorismo. Não se propõe a formar empresários; antes, busca instrumentalizar o estudante, a fim de que tais entendimentos lhe sejam familiares em sua busca de colocação profissional. A primeira atividade avaliativa proporciona algo puramente pessoal: a identificação do perfil empreendedor do estudante, com base na teoria das características

comportamentais empreendedoras de David McClelland, embora os procedimentos descritos para atribuição de nota possam ser passíveis de argumentações críticas, o que, porém, não é foco da presente dissertação.

Para que se compreenda melhor o que revelam as categorias analisadas, foi elaborado o quadro 6, apresentado a seguir:

| Fonte \ Categoria | Saber   | Poder  | Identidade  |
|-------------------|---|--|---|
| Planos de Ensino  | Apenas uma das disciplinas abrange a temática de Empreendedorismo | Rompimento do saber na visão tradicional de empreendedorismo como formação de empresário | Se propõe a proporcionar ao aluno o conhecimento e reflexão sobre o conceito. |

**Quadro 6 – Matriz analítica: Planos de Ensino**

Fonte: Pesquisa direta

Com base no plano de ensino, é possível perceber que existe uma intenção de que esse saber possa ter reflexos na identidade pretendida no perfil profissional, apresentando consonância com o projeto pedagógico do curso. Porém, cabe salientar que o plano de ensino nem sempre é um reflexo da realidade de como o componente curricular é conduzido. A fim de buscar compreender melhor essa configuração, foram realizadas entrevistas junto aos dois professores anteriormente citados, que serão apresentadas a seguir.

#### **5.4 Entrevistas realizadas com docentes dos componentes curriculares que incluem Empreendedorismo como temática**

Foram realizadas entrevistas, conforme roteiro proposto no Apêndice I, com os dois professores da disciplina de Perfil Empreendedor, o titular e o substituto. As transcrições das entrevistas estão dispostas nos Apêndices VI e VIII, respectivamente. Tais entrevistas buscam evidenciar aspectos presentes nos documentos oficiais anteriormente analisados: projeto pedagógico, matriz curricular e plano de ensino, que possam dar voz às concepções e práticas adotadas por esses professores. Para tal, foram elaboradas perguntas que envolvem o perfil dos

professores, suas concepções teóricas e suas percepções acerca das perspectivas institucionais do IFSul.

No âmbito do **saber**, percebe-se que as questões relacionadas ao segundo bloco de perguntas (concepções teóricas com relação ao Empreendedorismo) estão mais relacionadas com essa dimensão. É possível perceber que ambos os professores compartilham de um mesmo entendimento conceitual: o fato de que não é preciso ser empresário para ser empreendedor. Na fala do professor titular isso fica evidente, no momento em que ele diz “*Pode ser uma ONG ou pode ser simplesmente o plano de tu te formares e estares comprometido com isso. É basicamente isso, é uma questão mais atitudinal do que mesmo em abertura ou não de negócio...*”. Outro aspecto a se destacar é o fato de que os dois entrevistados relataram que abordam o tema do Empreendedorismo em todos os componentes curriculares que ministram, mesmo naquelas em que não faz parte do conjunto de conteúdos a ser abordado.

No que diz respeito às bases teóricas, ambos os docentes utilizam das mesmas fontes: David McClelland, Fernando Dolabela, José Dornelas. Associadas a essas bases, ambos também relataram que usam de recursos auxiliares, como vídeos e similares. São formas de combinar recursos em busca da promoção do saber, o que é muito importante.

Por fim, uma questão relativa ao saber que implica também em uma dinâmica de poder, é a que pergunta a respeito do conhecimento do mundo de trabalho sobre os cursos. Essa questão tem o propósito de investigar de que forma o professor do eixo de Gestão e Negócios tem acesso às especificidades do perfil profissional de cada curso, dada a estrutura organizacional da instituição que congrega os professores de curso separadamente dos professores da área intitulada Formação Geral. As respostas evidenciam que de alguma forma essa estrutura implica em um desconhecimento de algumas questões que são base no processo de preparo de um componente curricular. Porém, cabe lembrar que essa organização adotada pela Instituição também é reflexo de relações de poder entre os saberes.

O bloco de perguntas referente às perspectivas institucionais também se aproxima da discussão de **poder**. De certa forma, a grande estrutura é que define diretrizes maiores, que são fruto de concepções baseadas em disputa de poder, seja de conhecimento, de política, ou de gerenciamento. Nas duas falas aparece a

problemática da disputa de poder que se instaura na medida em que existem os cursos e a área de Formação Geral. A professora substituta inclusive verbaliza tal sentimento na frase “*parece que a Formação Geral não é muito importante*”. Cabe reforçar que na ocasião da entrevista ela havia ingressado na Instituição há apenas um mês, tempo suficiente para que pudesse perceber o conflito de poder sedimentado na instituição.

Um aspecto importante que foi evocado em ambas as entrevistas foi a existência de atividades extracurriculares voltadas ao Empreendedorismo, como um grupo de pesquisa e um núcleo de apoio. Tais evidências demonstram que esses componentes fazem parte do currículo oculto, uma vez que, embora não estejam expressos nos projetos pedagógicos, matrizes de componentes curriculares ou planos de ensino, constituem experiências de conhecimento que são oportunizadas aos estudantes.

Por fim, a perspectiva da **identidade** ganha destaque no bloco de perguntas que busca descrever o perfil do entrevistado. Ambos os professores são jovens, com a única experiência de docência tendo sido no IFSul. As suas formações acadêmicas são de áreas similares, e, se evidenciou também a pluralidade de cursos para os quais ministram aulas do eixo Gestão e Negócios. A tentativa de conhecer alguns aspectos, ainda que poucos, do perfil de cada docente, vem ao encontro da afirmativa de Silva (2010, p. 15): “(...) o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade”. Dessa forma, é possível afirmar que conhecer elementos constitutivos da identidade dos docentes dá pistas sobre a concepção de identidade que pautará suas contribuições na formação do estudante.

Para que se compreenda melhor o que revelam as categorias analisadas, foi elaborado o quadro 7, apresentado a seguir:

| Fonte \ Categoria                  | Saber  | Poder   | Identidade  |
|------------------------------------|--|---|---|
| Docentes do eixo Gestão e Negócios | Ambos partilham do mesmo entendimento conceitual a respeito do tema, o qual é o mesmo adotado nesta pesquisa | Estrutura organizacional do ensino reflete na noção de importância que as disciplinas assumem | Ambos entrevistados são jovens, tendo sido sua única experiência docente no IFSul |

**Quadro 7 – Matriz analítica: Docentes do eixo Gestão e Negócios**

Fonte: Pesquisa direta

A partir das falas dos docentes das disciplinas é possível compreender a realidade do ensino de Empreendedorismo na instituição, bem como no curso em questão, considerando seu envolvimento direto como sujeitos do processo. Essas visões serão complementadas com os dados apresentados a seguir, que dizem respeito aos demais professores do curso e aos alunos.

### **5.5 Entrevistas realizadas com os professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet**

Conforme já explicitado anteriormente, a coleta de dados junto aos professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet se deu em dois momentos: através de grupo focal e através de questionários individualizados. A transcrição da entrevista de grupo focal está disponível no Apêndice VIII.

As marcas de **saber** expressas nas falas do grupo focal são as que evidenciam a concepção de orientação teórica do curso adotada. A preocupação de que os conhecimentos teóricos do curso estejam em consonância com a prática do mundo do trabalho demonstra que, no entendimento desse núcleo docente, o curso deve prezar por esse alinhamento. Outro entendimento de saber que ficou explícito foi a ideia de que para esse grupo de professores, Empreendedorismo está relacionado com a abertura de negócios. Na fala, o grupo relata que houve um entrosamento com a área de Formação Geral na revisão do projeto pedagógico, o que é muito relevante dentro da proposta de que uma nova versão do documento possa refletir conhecimentos atualizados. Isso é uma forma de configuração para o ensino de Empreendedorismo que supera a cisão estrutural (elemento de **poder**) que se apresenta aos dois grupos de professores.

No que diz respeito à **identidade**, no grupo focal foi possível perceber que há uma preocupação com o perfil do egresso, que se materializa nas falas a respeito de atualização de conhecimentos e empregabilidade, porém, com relação ao perfil do aluno ingressante ficou exposta uma lacuna, que pode ser melhor explorada a fim de que se possa conhecer quem é o sujeito (além da informação que ele é um egresso do ensino médio, conforme prevê o projeto pedagógico) que vai “receber” o currículo que está sendo construído.

A seguir, serão apresentados e analisados os dados coletados por meio dos questionários aplicados junto aos professores, na sequência da atividade de grupo focal.

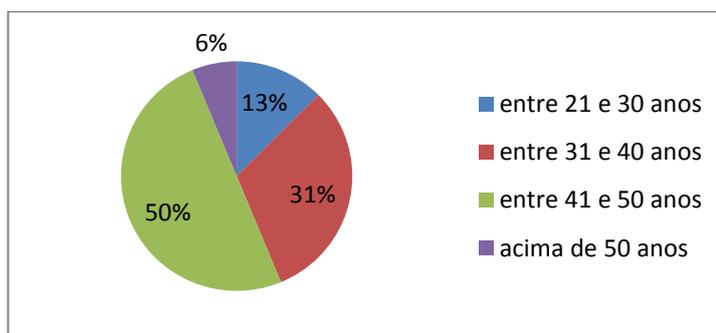
As três primeiras perguntas do instrumento têm como foco conhecer um breve perfil a respeito dos entrevistados, investigando sua faixa etária, seu tempo de docência enquanto profissão e seu tempo de docência na Instituição. Estão apresentadas a seguir.

| Qual sua faixa etária? | Total de respostas |
|------------------------|--------------------|
| Entre 21 e 30 anos     | 2                  |
| Entre 31 e 40 anos     | 5                  |
| Entre 41 e 50 anos     | 8                  |
| Acima de 50 anos       | 1                  |
| <b>TOTAL</b>           | <b>16</b>          |

**Tabela 1 – Faixa etária dos professores respondentes**

Fonte: Pesquisa direta

Tais informações podem ser visualizadas a partir deste gráfico:



**Gráfico 1 – Faixa etária dos professores respondentes**

Fonte: Pesquisa direta

Pode-se observar que o grupo é bem heterogêneo com relação à idade, abrangendo profissionais jovens ao mesmo tempo em que abrange profissionais

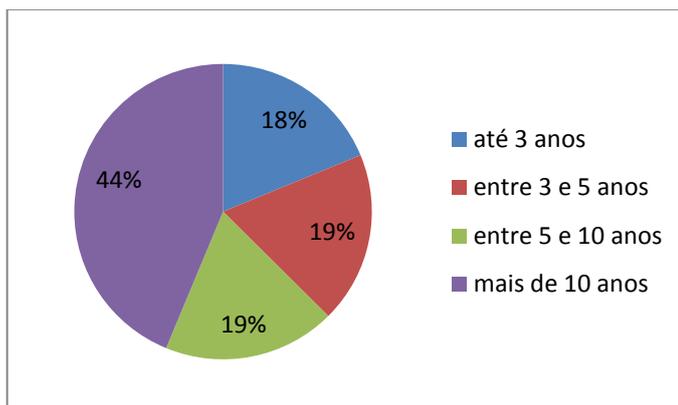
mais experientes. Observar as diferenças de faixas etárias é importante na medida em que, além de caracterizar os respondentes, sugere que podem existir concepções distintas em função dessas diferenças, baseadas em suas experiências profissionais. Buscando complementar esse entendimento, a próxima pergunta busca conhecer o tempo de docência dos entrevistados.

| Há quanto tempo você atua na docência? | Total de respostas |
|--|--------------------|
| Até 3 anos                             | 3                  |
| Entre 3 e 5 anos                       | 3                  |
| Entre 5 e 10 anos                      | 3                  |
| Acima de 10 anos                       | 7                  |
| <b>TOTAL</b>                           | <b>16</b>          |

**Tabela 2 – Tempo de docência dos professores respondentes**

Fonte: Pesquisa direta

O gráfico a seguir organiza visualmente essas informações:



**Gráfico 2 – Tempo de docência dos professores respondentes**

Fonte: Pesquisa direta

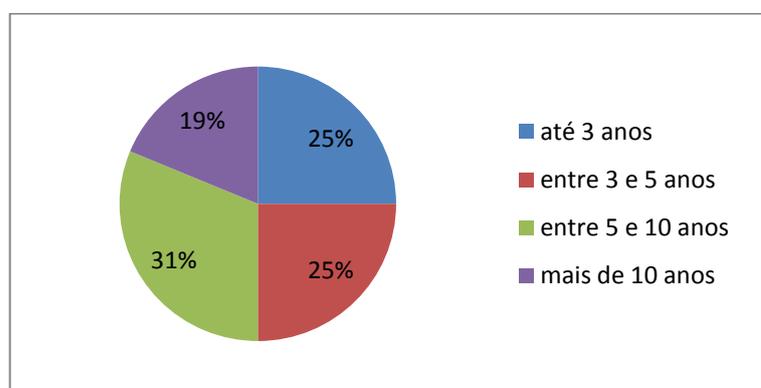
O tempo de docência é uma informação importante, uma vez que os processos de ensino e aprendizagem estão em constante modificação ao longo dos anos, sofrendo influências e sendo modificados. No caso deste grupo, a proporcionalidade entre as distintas faixas de menor experiência contrasta com o montante de sujeitos com experiência relativamente ampla, com período superior a 10 anos. Tais informações são complementadas com os dados a seguir, que dizem respeito a quanto desse tempo de docência foi realizado dentro do IFSul.

| Há quanto tempo você atua na docência no IFSul? | Total de respostas |
|---|--------------------|
| Até 3 anos                                      | 4                  |
| Entre 3 e 5 anos                                | 4                  |
| Entre 5 e 10 anos                               | 5                  |
| Acima de 10 anos                                | 3                  |
| <b>TOTAL</b>                                    | <b>16</b>          |

**Tabela 3 – Tempo de docência dos professores respondentes no IFSul**

Fonte: Pesquisa direta

O gráfico a seguir apresenta os dados de forma mais direta:



**Gráfico 3 – Tempo de docência dos professores respondentes no IFSul**

Fonte: Pesquisa direta

A proporcionalidade dos dados entre todas as opções nessa resposta apresenta outro aspecto sobre a experiência docente dos entrevistados. A experiência docente em outra instituição proporciona ao profissional contato com outras formas didáticas de organização, além de outras concepções de prática e currículo, que certamente influenciam em sua identidade profissional.

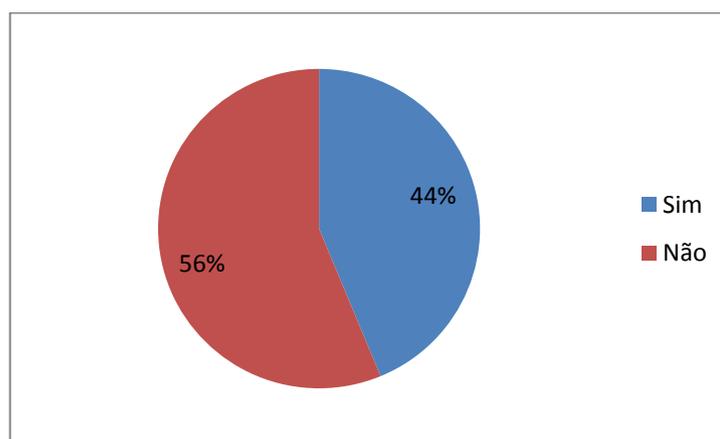
Entrando em uma perspectiva mais relacionada ao saber, a pergunta seguinte busca identificar se o professor respondente participou da criação do curso em questão. Uma vez que o curso é relativamente novo, supõe-se que uma parte do grupo tenha participado desse processo, inclusive em virtude de que já existia um curso na modalidade técnica na mesma área do conhecimento anteriormente na instituição.

| Você participou do processo de criação do curso Superior em Tecnologia de Sistemas para Internet? | Total de respostas |
|---|--------------------|
| Sim   | 7                  |
| Não   | 9                  |
| <b>TOTAL</b>  | <b>16</b>          |

**Tabela 4 – Respondente participou do processo de criação do curso**

Fonte: Pesquisa direta

As informações estão dispostas no gráfico a seguir:



**Gráfico 4 – Respondente participou do processo de criação do curso**

Fonte: Pesquisa direta

A experiência de participar do processo de elaboração de um curso é extremamente importante, uma vez que compromete os agentes com algo que os próprios deverão colocar em prática. Nesse sentido, nota-se que quase a metade dos docentes faz parte do curso desde sua concepção, podendo ser entendidos como responsáveis pelo modelo de curso original. Ainda que tenha havido uma revisão do projeto pedagógico, é a concepção primeira que reflete uma prática específica. De acordo com Eyng (2012, p.96), “é importante assinalar que todo processo pedagógico pauta-se em uma teoria, ainda que os sujeitos envolvidos na ação, em especial o professor, não sejam conscientes da teoria que os orienta”.

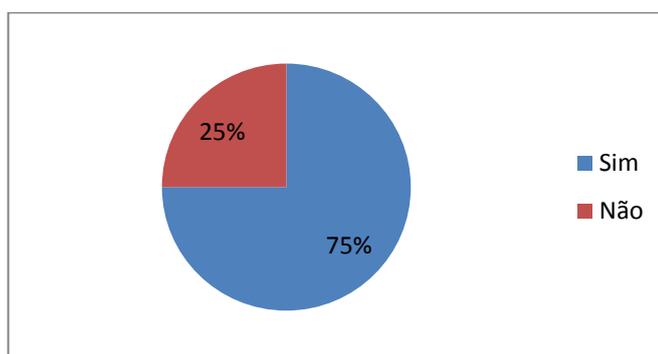
Esses dados ganham maior significado na medida em que são analisados em conjunto com as respostas da próxima pergunta, que busca conhecer quantos dos docentes participaram do processo de revisão do atual projeto pedagógico.

| Você participou do processo de revisão do projeto pedagógico que entrou em vigor em 2015/1? | Total de respostas |
|---|--------------------|
| Sim   | 12                 |
| Não   | 4                  |
| <b>TOTAL</b>  | <b>16</b>          |

**Tabela 5 – Respondente participou do processo de revisão do projeto pedagógico**

Fonte: Pesquisa direta

O gráfico a seguir apresenta os dados da questão 5:



**Gráfico 5 – Respondente participou do processo de revisão do projeto pedagógico**

Fonte: Pesquisa direta

A relevância dessa pergunta se dá na medida em que a revisão do projeto pedagógico é bastante recente, conforme salientado na entrevista no grupo focal. Os dados revelam que aproximadamente  $\frac{1}{4}$  dos docentes do curso é novo no IFSul, pois, considerando que todo o núcleo docente estruturante é composto pela totalidade dos professores de um curso, e que cabe a esse grupo a atribuição de revisar o projeto, é possível concluir que os respondentes que não participaram do processo ainda não faziam parte da instituição. Em contrapartida, a expressiva participação dos atuais docentes revela que o atual projeto é fruto de um entendimento de que o está colocando em prática no momento.

As perguntas 6, 7, 8 e 9 tem estrita relação com o objeto dessa pesquisa. Suas respostas serão apresentadas em conjunto, no quadro 8 a seguir.

| Opções   | Sim | Não | Não sei responder | Parcialmente |
|--|-----|-----|-------------------|--------------|
| Pergunta   |     |     |                   |              |
| Você tem conhecimento sobre o que é ministrado nas disciplinas Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor?   | 3   | 4   |                   | 9            |
| Na sua avaliação, as disciplinas de Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor abordam temáticas que contribuem para as disciplinas que você ministra? | 3   | 1   | 4                 | 8            |
| Você conhece o(s) professor(es) que ministram as disciplinas de Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor?  | 6   | 10  |                   |              |
| Você já planejou alguma atividade conjunta com o(s) professor(es) que ministram as disciplinas de Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor?          | 1   | 15  |                   |              |

**Quadro 8 – Respostas relativas aos componentes de Gestão e Negócios**

Fonte: Pesquisa direta

Esse conjunto de respostas demonstra muitas informações a respeito das questões levadas em consideração nessa pesquisa. Saber e poder se revelam na medida em que se evidencia que os conteúdos das disciplinas de Gestão e Negócios não são de amplo conhecimento por parte do grupo, embora sejam componentes pertencentes ao projeto pedagógico criado e revisado por muitos membros respondentes. Essa falta de pertencimento e entrosamento também se evidencia na última resposta, na qual quase a totalidade dos respondentes afirma nunca ter planejado uma atividade conjunta entre os componentes curriculares.

A última questão, de resposta livre, solicitou aos participantes que explicassem com suas palavras o que entendem por Empreendedorismo. Dentre os 16 respondentes, apenas um deixou a resposta em branco e outro escreveu que não saberia opinar no momento. O quadro 9, abaixo, apresenta as respostas, agrupadas em classificações propostas, com base na teoria anteriormente apresentada, a respeito do entendimento conceitual dos respondentes, a fim de facilitar a exposição dos resultados:

| Classificação                       | Respostas   |
|-------------------------------------|---|
| Entendimento de viés empresarial    | R1) É a capacidade de elaborar e desenvolver seus próprios negócios. R2) Atividade relacionada à criação de sua própria empresa. R3) Acredito que no empreendedorismo os alunos podem ter subsídios para auxiliar no processo de criação de suas empresas. R4) Criar e gerenciar seu próprio negócio. R5) Prática para abrir negócios, criar oportunidades. R6) Construir o próprio negócio. R7) Capacidade do indivíduo para gerir seu próprio negócio aliado ao conhecimento da área de atuação. R8) Capacidade de ver à frente um nicho de mercado a ser atendido e a capacidade de criar algo que atenda a estas necessidades. R9) É uma forma ou atitude proativa que entre outros fatores proporciona/efetiva a criação de um negócio próprio. R10) É ver na frente uma boa ideia e bom negócio e colocá-la em prática. |
| Entendimento de viés comportamental | R1) Empreender é colocar em prática ideias próprias; planejamento e execução de projetos inovadores. R2) Capacidade em investir em algo/alguma ideia. R3) Ao meu ver, empreendedorismo é toda a forma de implementação de alguma inovação, ideia, procedimento, que visem atender a problemas, proporcionando soluções aos mesmos.  |
| Entendimento de viés não explícito  | R1) Em teoria é a capacidade/habilidade/conhecimento para empreender. Nas disciplinas em que fui aluno sobre o tema achei muita enrolação e pouca coisa palpável.   |

**Quadro 9 – O que é Empreendedorismo na visão dos respondentes**

Fonte: Pesquisa direta

As respostas de livre escrita revelam que muitos dos professores associam o conceito de empreendedorismo à abertura de negócios ou similares entendimentos que se aproximam do viés empresarial, situação que já foi relatada anteriormente. Essa diferença de entendimento conceitual entre os professores do curso e os professores da disciplina, conforme entrevistas transcritas, pode ser

responsável por uma lacuna na formação dos estudantes, no que diz respeito à integração dos componentes curriculares.

Para que se compreenda melhor o que revelam as categorias analisadas, foi elaborado o quadro 10, apresentado a seguir:

| Fonte \ Categoria  | Saber  | Poder   | Identidade  |
|--|--|---|---|
| Docentes do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet | Preocupação de alinhamento com o mercado;<br>Entendimento de Empreendedorismo como abertura de negócios. | Tentativa de superar a cisão estrutural que divide os grupos de professores envolvidos no curso | Preocupação com o perfil do egresso, porém lacuna quanto à essa preocupação no que diz respeito ao aluno ingressante. |

**Quadro 10 – Matriz analítica: Docentes do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet**

Fonte: Pesquisa direta

As informações coletadas com o grupo de professores do curso em questão demonstraram que existe um espaço para o ensino de Empreendedorismo, assegurado por documentos importantes para o currículo, porém, que a configuração para esse espaço nem sempre se dá em nível de integração entre os ministrantes das disciplinas do eixo e os demais. Revela-se uma oportunidade a ser trabalhada entre os grupos, a fim de que possa ser passada para o estudante a certeza de que todos os componentes curriculares tem sua pertinência e estão integrados em prol de uma completa formação profissional proporcionada por aquele espaço acadêmico.

## 5.6 Questionários aplicados com os alunos da disciplina Perfil Empreendedor

A última fonte de dados aqui apresentada são os resultados coletados junto aos alunos da disciplina de Perfil Empreendedor, selecionada para esta pesquisa em virtude de ser a disciplina do curso que explicitamente aborda o tema do Empreendedorismo em seu plano de ensino.

Com relação à faixa etária dos estudantes, é possível observar:

| Qual sua idade?    | Total de respostas |
|--------------------|--------------------|
| Até 18 anos        | 0                  |
| Entre 19 e 21 anos | 3                  |
| Entre 21 e 30 anos | 2                  |
| Entre 31 e 40 anos | 1                  |
| Entre 41 e 50 anos | 0                  |
| Acima de 50 anos   | 0                  |
| <b>TOTAL</b>       | <b>6</b>           |

**Tabela 6 – Faixa etária dos estudantes**

Fonte: Pesquisa direta

A turma, embora pequena, é composta por diferentes faixas etárias, caracterizando um grupo bem heterogêneo. É um componente de **identidade** por parte dos alunos que deve ser levado em consideração no sentido de caracterizar o grupo.

No processo do grupo focal, um dos falantes relatou que percebe que dentre os alunos ingressantes alguns já estudaram na Instituição em outros cursos, outro elemento de identidade. Tal informação se confirma no caso desse grupo de alunos, como é possível observar:

| Você já cursou outro curso além do TSI no IFSul? | Total de respostas |
|--|--------------------|
| Sim  | 2                  |
| Não  | 4                  |
| <b>TOTAL</b>                                     | <b>6</b>           |

**Tabela 7 – Alunos que já haviam estudado na Instituição**

Fonte: Pesquisa direta

Dos dois respondentes, um indicou que havia cursado o curso técnico em Eletromecânica e outro indicou que havia cursado o curso técnico em Eletrônica. Os estudantes que já tiveram experiência com a Instituição já estão mais familiarizados com elementos do currículo oculto que são presentes ao ambiente como um todo, independente do curso em questão.

Ao serem questionados sobre a cidade em que residem, cinco respondentes informaram que residem em Pelotas, e um informou que reside em São Lourenço do Sul. A cidade de residência é mais um elemento de identidade

revelado, embora o foco da pesquisa não esteja voltado para uma definição de perfil mais completa dos estudantes.

Ao serem solicitados para conceituar com suas próprias palavras o que entendem por Empreendedorismo, as respostas informadas foram: “é a capacidade de buscar alternativas em meio a um mercado concorrido, implementando novos métodos e buscando excelência no que se faz”; “habilidade que uma pessoa possui em criar e/ou administrar um negócio”; “metodologia de negócios”; “uma metodologia aplicada na vida e nos negócios”; “um conjunto de características de uma pessoa dentro de um plano de negócios/mercado de trabalho”; e, “capacidade de enfrentar desafios com persistência”. Nas narrativas apresentadas, foi possível perceber que, ainda que estejam cursando a disciplina que tem como foco o entendimento de Empreendedorismo enquanto atitude, concepção que foi reforçada pelos professores titular e substituto, essa noção não é tão clara para os estudantes, da mesma forma que se mostrou para os professores do curso, caracterizando um inusitado elemento da categoria **saber**.

A pergunta seguinte buscou evidenciar o contato prévio que os estudantes tiveram (ou não) com o tema antes de cursar a disciplina.

| Você já havia ouvido falar sobre Empreendedorismo antes de cursar essa(s) disciplina(s)? | Total de respostas |
|--|--------------------|
| Sim, e compreendi do que se tratava  | 1                  |
| Sim, mas não compreendi do que se tratava  | 4                  |
| Não  | 1                  |
| <b>TOTAL</b>   | <b>6</b>           |

**Tabela 8 – Alunos que já haviam ouvido falar sobre o tema**

Fonte: Pesquisa direta

As respostas para esse questionamento evidenciam que a compreensão do tema é algo novo para grande parte do grupo, ainda que as respostas anteriores não revelem um domínio desse entendimento no âmbito do que o professor se propõe conceitualmente a trabalhar.

Os alunos foram questionados também a respeito do seu grau de interesse sobre o tema, cujas respostas são apresentadas a seguir:

| Atualmente, qual seu grau de interesse pelo tema Empreendedorismo? | Total de respostas |
|--|--------------------|
| Alto   | 3                  |
| Moderado   | 1                  |
| Baixo  | 2                  |
| Indiferente  | 0                  |
| <b>TOTAL</b>   | <b>6</b>           |

**Tabela 9 – Grau de interesse dos alunos sobre o tema**

Fonte: Pesquisa direta

O grau de interesse dos estudantes sobre a temática pode ser um dos determinantes no sentido da significação que eles conseguirão atribuir aos conteúdos trabalhados nesse componente curricular para sua formação profissional.

Foi apresentado aos alunos o questionamento a respeito de se considerarem ou não empreendedores, solicitando que justificassem sua escolha em uma resposta livre. O resultado é apresentado no quadro 11, a seguir:

| Respondente | Se considera empreendedor? | Justificativa  |
|-------------|----------------------------|--|
| 1           | Não                        | Não considero que possuo as características de um perfil empreendedor.         |
| 2           | Não                        | Creio não ter muitas das características que definem uma pessoa empreendedora. |
| 3           | Sim                        | Por tomar algumas atitudes que se enquadram no perfil de empreendedor.         |
| 4           | Sim                        | Gosto de trabalhar em grupos, consigo motivar as pessoas.                      |
| 5           | Sim                        | Me identifico com grande parte das características de um empreendedor.         |
| 6           | Sim                        | Visão de descobrir oportunidades e persistência.                               |

**Quadro 11 – Me considero um empreendedor? Justificativa.**

Fonte: Pesquisa direta

A identificação com os conteúdos trabalhados, da mesma forma que o interesse pelo tema, podem ter impacto no significado que o estudante atribuirá à experiência. Considerando as justificativas, e considerando que características comportamentais empreendedoras são uma temática trabalhada em sala de aula, percebe-se que existe um entendimento por parte dos estudantes a respeito de princípios conceituais sobre o tema, embora não tenham sido amplamente abordados na questão anterior que os questionou a respeito de uma conceituação sobre Empreendedorismo.

A questão seguinte instigou os estudantes a responder se nas demais disciplinas de seu curso são discutidos tópicos sobre Empreendedorismo. Todos os respondentes afirmaram que sim, porém um estudante assinalou que essas discussões eram com frequência, ao passo que quatro indicaram que as discussões ocorriam às vezes. Essa questão teve uma não resposta. A integração entre os temas trabalhados nos diversos componentes curriculares é algo necessário, a fim de que todos os elementos indicados como necessários para a formação profissional contribuam de forma unificada para o processo. Nesse sentido, a existência de integração entre os conteúdos revela também um aspecto de **poder**; na medida em que alguns conteúdos se sobrepõem a outros, no caso de não haver integração, revela que um saber exerce poder sobre outro.

Por fim, os estudantes foram questionados se consideravam importante aprender sobre Empreendedorismo considerando a atuação profissional do formado no curso. A totalidade dos respondentes afirmou que sim. Embora a justificativa para a resposta não fosse solicitada, ao observar as conversas informais que aconteciam enquanto respondiam os questionários, percebi que a resposta de alguns para esse questionamento foi em virtude de entenderem que a área deles está em desenvolvimento, e muitos acabam trabalhando de forma autônoma, sem necessariamente ser empregados. Essa realidade também revela que o reconhecimento da relevância desse saber lhe atribui **poder** dentro do currículo.

Para que se compreenda melhor o que revelam as categorias analisadas, foi elaborado o quadro 12, apresentado a seguir:

| Fonte \ Categoria                        | Saber   | Poder   | Identidade   |
|--|---|---|--|
| Alunos da disciplina Perfil Empreendedor | Não explicitam o entendimento conceitual adotado pelos professores do eixo; a maioria já havia ouvido falar sobre o tema; | Existência de integração entre conteúdos; a totalidade dos estudantes considera que é importante aprender sobre o tema em sua formação. | Diferentes faixas etárias entre os alunos; alguns já estudaram na instituição; a maioria residente nesta cidade; mais da metade se considera empreendedor. |

**Quadro 12 – Matriz analítica: Alunos da disciplina Perfil Empreendedor**

Fonte: Pesquisa direta

As contribuições dos estudantes evidenciaram o que foi identificado nas fontes de dados anteriores: embora haja o espaço para o ensino de

Empreendedorismo, a sua configuração assume diferentes formas de acordo com o grupo envolvido. A diferença de percepções e entendimentos por parte dos professores da disciplina, dos professores do curso e dos alunos mostra que as conexões entre saber, poder e identidade assume formas distintas, de acordo com a realidade de cada grupo, embora todos estejam interagindo, formando e sendo formados pelo mesmo currículo.

A análise dos dados desenvolvida nas seções deste capítulo revelaram alguns aspectos a respeito do espaço e das configurações para o ensino de Empreendedorismo no curso em questão. No que diz respeito à categoria **saber**, existe uma divergência de entendimentos sobre uma possível conceituação para Empreendedorismo. Os professores das disciplinas afirmam trabalhar em uma perspectiva comportamental, os demais professores do curso associam o tema à abertura e gerenciamento de negócios, e os alunos oscilam entre esses dois entendimentos, o que pode se esperar, dado que existe uma interação sistemática entre os sujeitos. Os documentos formais (projeto pedagógico, matrizes curriculares e planos de ensino) revelam a existência do espaço para esse saber.

No que diz respeito à categoria **poder** se evidenciou a forte influência que a estrutura de ensino da instituição exerce nas práticas e concepções. Adicionalmente, se evidenciou que na disputa de poder relacionada ao saber, as disciplinas do eixo Gestão e Negócios se mantiveram com a mesma carga horária nas duas versões do projeto pedagógico, o que sugere a existência de um entendimento favorável em relação à relevância da disciplina. Por fim, na categoria **identidade** se identifica uma forte orientação de esforços por parte dos documentos e dos sujeitos em busca da concretização do perfil de egresso expresso no projeto pedagógico.

Os dados analisados demonstraram que a temática do Empreendedorismo é muito importante para o curso em questão, e que essa relevância se percebe não somente nas falas dos sujeitos como nos postulados pelos documentos formais que norteiam as atividades de ensino.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente investigação buscou identificar quais são os espaços e as configurações existentes em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, realizando, para tal, um estudo de caso no curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet, oferecido no campus Pelotas.

Na introdução foram apresentados os objetivos da pesquisa, a caracterização da sua problematização e o ambiente no qual o estudo seria realizado. No capítulo referente ao estado da arte, foi apresentado um resgate de estudos que vem sendo realizados envolvendo as temáticas chaves deste trabalho, com base em critérios definidos de tempo e idioma. A pesquisa de estado da arte evidenciou o caráter inédito deste trabalho, uma vez que o estudo de Empreendedorismo enquanto componente curricular não foi evidenciado em nenhum dos trabalhos identificados no levantamento e análise.

As bases teóricas que conduziram o presente estudo foram apresentadas no capítulo 3, ressaltando o entendimento de Currículo e o conceito de Empreendedorismo adotados, embora seja necessário salientar que foram adotadas perspectivas específicas sobre os temas. Ambos os conceitos são infinitamente polissêmicos, apresentando variedade de usos e entendimentos de acordo com o contexto em que são evocados. No capítulo 4 foi apresentada a metodologia utilizada para a realização do trabalho, que consistiu no procedimento de estudo de caso, de acordo com as argumentações explanadas. Foram apresentados também os instrumentos de coleta de dados, para que fosse possível envolver as distintas fontes identificadas: documentos formais, professores do curso de Tecnologia em Sistemas para Internet, professores das disciplinas do eixo Gestão e Negócios e alunos das disciplinas do eixo dentro do curso. O capítulo posterior apresentou os dados, bem como uma análise e discussão a respeito do que eles representam dentro daquilo que a pesquisa se propõe a investigar e das bases teóricas adotadas.

Considerando que a pesquisa se propôs a realizar sua abordagem a partir de uma investigação com base no currículo, foi possível compreender, através da análise de documentos formais que registram as atividades acadêmicas, que existe um espaço assegurado para essa finalidade. Porém, as configurações que esse

espaço assume apresentam modificações de acordo com a origem dos dados utilizados na pesquisa.

No que diz respeito aos documentos formais, se percebe que o espaço está assegurado no projeto pedagógico e na matriz dos componentes curriculares, tendo respaldo na medida em que o curso se propõe a formar indivíduos com perfil empreendedor. Essa intenção está reforçada também no projeto pedagógico institucional. No plano de ensino, ficou evidente que o espaço existe formalmente dentro da disciplina de Perfil Empreendedor, embora haja relatos dos ministrantes a respeito de inserção da temática também na disciplina de Gestão de Negócios.

As falas dos professores do curso são permeadas de um entendimento a respeito da relevância do tema, porém, apresentam algumas distorções conceituais quando comparadas às concepções adotadas pelos professores das disciplinas. Ficou evidente que a organização estrutural da instituição proporciona um distanciamento entre os dois grupos de professores, de acordo com a forma que as coordenadorias e departamentos são estruturados. Algumas barreiras desse distanciamento foram transpostas, como, por exemplo, a participação conjunta de ambos na revisão recente do projeto pedagógico do curso. Porém, a afirmação de expressiva parte dos professores do curso de nunca ter planejado nenhuma atividade conjunta com os professores do eixo, bem como de alguns relatos de que ambos professores sequer se conhecem, demonstra a existência de algumas barreiras a serem superadas, visando a integração de todos os componentes curriculares de forma unificada para a formação completa do aluno, uma vez que há a previsão destes saberes no projeto pedagógico do curso.

No que diz respeito aos alunos, percebe-se que a configuração que os engloba é um misto de ambas as visões, o que é natural, uma vez que são o elo em comum da interação entre os dois grupos.

Nesse sentido, identificou-se que a afirmação de Silva (2013) ao definir que o currículo envolve uma questão de saber, de poder e de identidade é verdadeira, uma vez que esses três elementos estão constantemente em ação, sendo significados e ressignificados, na teoria e na prática, pelos sujeitos envolvidos no processo. Reconhecer as dimensões de saber, de poder e de identidade é um exercício que demonstra o que o currículo faz, evidenciando significados que vão muito além dos registros encontrados nos documentos formais. O resultado das

operações de seleção, realizadas por aqueles que constroem o currículo, demonstram o quanto um **saber** foi privilegiado a partir de um exercício de **poder**, buscando constituir uma determinada **identidade**.

As formas como o currículo (explícito ou oculto) revela a existência do ensino de Empreendedorismo, e as diferentes configurações que esse ensino assume, a partir do que foi possível observar, revelam que nesse contexto há o reconhecimento da necessidade dessa temática dentro dos componentes curriculares. A necessidade da formação que torne o egresso como alguém que, dentre outras habilidades, também é empreendedor, não está restrita aos documentos formais. Está revelada nas falas dos docentes das disciplinas do eixo, nas respostas dos docentes do curso e na percepção a respeito da importância por parte dos alunos.

Porém, o questionamento que pode – e deve – acontecer com mais frequência entre esses sujeitos seria “que empreendedorismo é esse?”, em uma perspectiva para além dos documentos formais. A necessidade de interação entre docentes do curso e docentes da disciplina foi explicitada por várias vezes, e caso consiga ser tornada real, pode promover uma transversalidade entre os assuntos, de forma que o estudante possa perceber também nos conteúdos mais técnicos da área a relação entre esses saberes e o Empreendedorismo.

Nesse sentido, pode-se concluir que a presente pesquisa contribuiu para que se provoque esse tensionamento entre as partes envolvidas, na medida em que trouxe à tona o tema para reflexão. Os sujeitos envolvidos no processo necessitam de espaços (sejam proporcionados ou criados por eles mesmos) para refletir sobre as questões provocadas a partir desse trabalho, dentre outras tantas relativas ao currículo e seus desdobramentos.

Como futura possibilidade de pesquisa, esse exercício apresentado aqui pode ser levado a outros cursos dentro da Instituição, a fim de que possa ampliar o debate a respeito da importância do ensino de Empreendedorismo, que é previsto através de normativas internas, a partir das disciplinas do eixo Gestão e Negócios. Outra possibilidade de pesquisa poderia ser empreendida no sentido de proporcionar futuros momentos de discussão entre os mesmos sujeitos aqui envolvidos, a fim de avaliar se essa reflexão proposta pela presente pesquisa gerou

algum desdobramento em suas práticas e entendimentos, sistematizando o processo de discussão a respeito da temática.

Algumas limitações também foram identificadas durante o processo de realização da pesquisa. O fato de não poderem ser feitas entrevistas individuais com os alunos que estão cursando as disciplinas do eixo Gestão e Negócios dentro do curso pesquisado, tendo sido necessário trabalhar com questionários, pode ter impedido a compreensão mais ampla a respeito do ponto de vista desses sujeitos sobre o fenômeno. Adicionalmente, pode-se considerar que a realização de um estudo envolvendo comparativo entre outros cursos superiores do Campus Pelotas, nos quais fossem coletadas as mesmas informações, evidenciaria com mais precisão quais são os espaços e as configurações existentes para o ensino de Empreendedorismo.

Além de seu ineditismo, as contribuições trazidas por esse estudo se centram em torno do quanto um mesmo fenômeno é polissêmico de acordo com a quantidade de subjetividades de grupos envolvidos. Observando as fontes de dados para análise, pode-se identificar que tanto os sujeitos quanto os documentos formais tem leituras distintas a respeito da compreensão do que é Empreendedorismo, sua finalidade e pertinência. A identidade de empreendedor, preconizada pelos documentos formais, não é única: o entendimento conceitual apresentado do que é ser empreendedor não foi uníssono, evidenciando a multiplicidade de conhecimentos envolvidos.

Foi possível compreender, a partir desta pesquisa, que a teoria está intrínseca à prática: o currículo é múltiplo, o currículo forma, o currículo dá significados, o currículo é um território. O currículo revela marcas de saber, de poder e de identidade, sendo que o Empreendedorismo, enquanto temática, está presente como fruto dessas marcas no curso em que o estudo de caso foi realizado.

## 7 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV, V.] **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. [1930]. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BERTICELLI, Ireno Antonio. Currículo: tendências e Filosofia. *In* COSTA, Marisa Vorraber (org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

BEYER, Landon. LISTON, Daniel. **Curriculum in Conflict: Social Visions, Educational Agendas, and Progressive School Reform**. New York: Teachers College Press, 1996.

BOGDAN, Roberto C. BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Código civil. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Publicada no Diário Oficial da União em 10 de janeiro de 2002.

BRASIL. Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993. Publicada no Diário Oficial da União em 10 de dezembro de 1993.

CEA, Georgia Sobreira dos Santos. LUZ, Antonio Santos. Empreendedorismo e Educação: Reflexões sobre um Velho Sonho Liberal *in* Revista Espaço Acadêmico, nº. 63, s.p., ago 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: Dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2007.

COAN, Marival. “Educação para o Empreendedorismo como *slogan* do capital”. In EVANGELISTA, Olinda. (org.) **O que revelam os slogans na política educacional**. 1ª ed. Araraquara/SP: Junqueira&Marin Editores, 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. Diferença pura de um pós-currículo. In LOPES, Alice. MACEDO, Elizabeth (Orgs.) **Currículo: debates contemporâneos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, Marisa Vorraber. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In LOPES, Alice. MACEDO, Elizabeth (Orgs.) **Currículo: debates contemporâneos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CRISOSTIMO, A.; SCABENI, N. A importância da educação empreendedora na formação inicial do administrador. Ed. 6, Revista Eletrônica Lato Sensu, Unicentro, 2008.

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM SISTEMAS PARA INTERNET. Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Sistemas para Internet, 2014.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

EUGENIO, Benedito Gonçalves. Michael Apple e o campo do currículo *in* VI Colóquio do Museu Pedagógico, 2006, Vitória da Conquista, Anais. Vitória da Conquista: UESB, 2006, 929 páginas.

EYNG, Ana Maria. **Currículo Escolar**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o mini dicionário da língua portuguesa. 7ª Ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FILION, Jacques. Empreender: um sistema ecológico de vida. *In* FILION, Jaques. DOLABELA, Fernando e seus colaboradores. **Boa ideia! E agora?** São Paulo: Cultura, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss Conciso**. [Editor responsável Mauro de Salles Villar]. São Paulo: Moderna, 2011.

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE. Projeto Pedagógico Institucional. 2006. Disponível em <[www.ifsul.edu.br](http://www.ifsul.edu.br)>, acessado em 01 mai 2015.

JULIÁ, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. *In* LOPES, Alice. MACEDO, Elizabeth. **Disciplinas e integração curricular**: História e Políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MALTA, Shirley Cristina Lacerda. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando à compreensão e mudança *in* Espaço do Currículo, v.6, n.2, p.340-354, mai-ago 2013.

MARCO, Rejane. O uso de multimeios no processo de aprendizagem.184p. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ªed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEZES, Marília Gabriela. SANTIAGO, Maria Eliete. Um estudo sobre a contribuição de Paulo Freire para a construção crítica do Currículo. *Espaço do currículo*, João Pessoa, v.3, n.1, p.395-402, mar-set 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parecer do Conselho Nacional da Educação. 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0436.pdf>>, acesso em 01 mai 2015.

MOREIRA, Antonio Flavio. Sociologia do Currículo: origens, desenvolvimento e contribuições. *Em aberto*, Brasília, ano 9, nº 46, abr-jun 1990.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXIII, no 78, Abril/2002.

PACHECO, José Augusto. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PARAISO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 34, nº. 122. São Paulo, mai-ago 2004.

PARASKEVA, João M. Resenhas educativas – Bobbitt, John Franklin: O currículo. *Resenhas Educativas/Education Review*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://www.edrev.info/reviews/revp36.pdf>>, acesso em 14/05/2014.

PERRENOUD, P. **La construcción del éxito y del fracaso escolar**. Madrid: Morata, 1996.

RESSEL, Lucia Beatriz. BECK, Carmem Lucia Colome. GUALDA, Dulce Maria Rosa. HOFFMANN, Izabel Cristina. SILVA, Rosangela Marion. SEHNEM, Graciela Dutra. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa *in* Texto Contexto Enferm. 2008. Nº 17(4). Out-dez 2008.

RIBAS, Raul. O saber empreendedor: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey. 17out2011. 176p. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. ENS, Romilda Teodora. AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO “ESTADO DA ARTE” EM EDUCAÇÃO *in* Revista Diálogo Educacional, v.6, nº 19, 2006.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo**. Uma reflexão sobre a prática. Tradução: Ernani F. da Fonseca Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Maria Cristina Ferreira. A noção de experiência em John Dewey, a educação progressiva e o currículo de ciências *in* VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2011, Campinas, Atas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011, edição eletrônica.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, currículo e didática**: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

\_\_\_\_\_. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 1ª ed. 4ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna *in* SILVA, Tomaz Tadeu. MOREIRA, Antonio Flavio (orgs.) **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOUZA, Adriano Mohn. Jovens e educação empreendedora: que discurso é esse? 2006, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás/GO, 2006.

YIN, Robert. **Estudo de Caso - Planejamento e Métodos**. 5ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

## **ANEXOS**

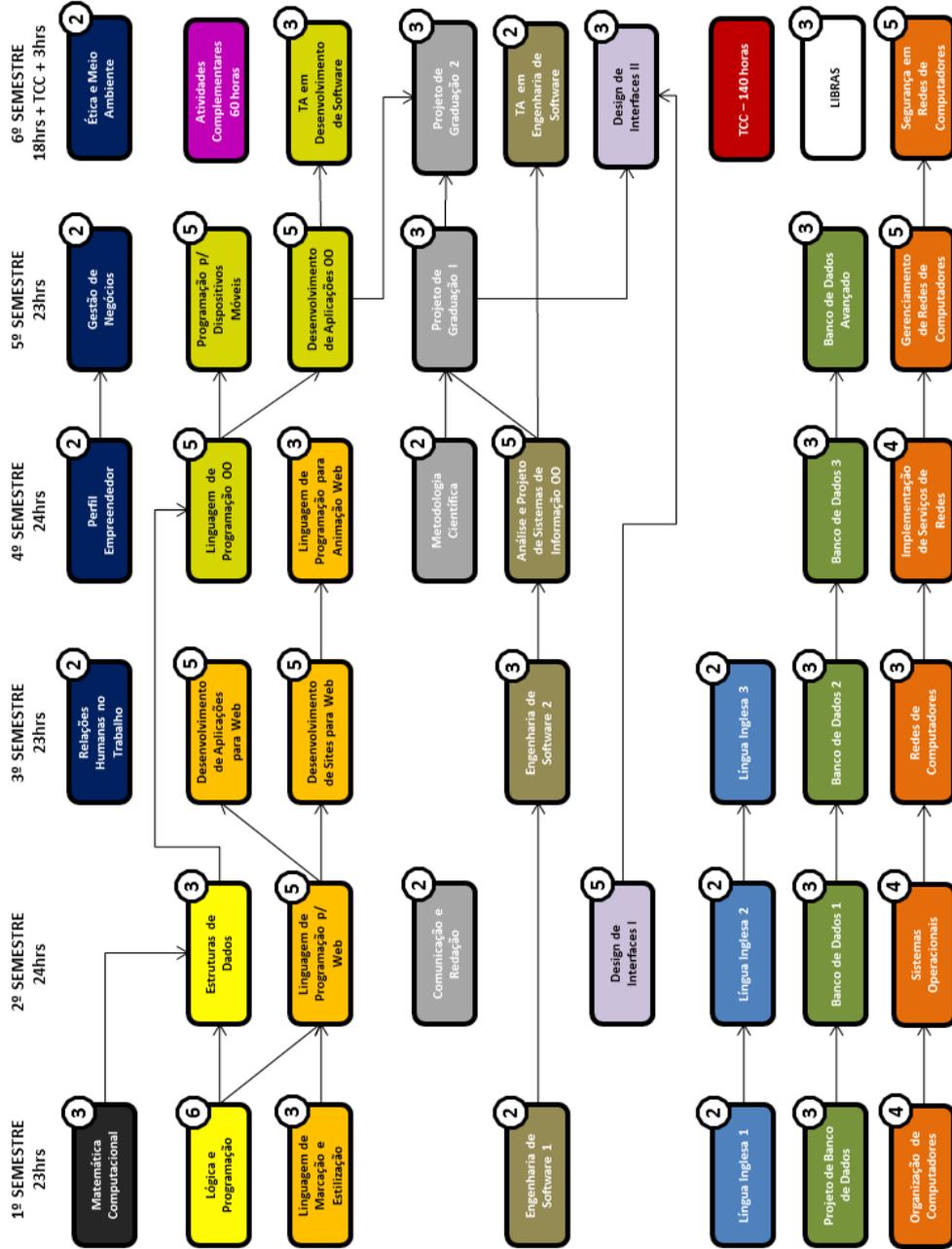
## ANEXO I

### MATRIZ CURRICULAR DO PROJETO PEDAGÓGICO 2008/2

| Módulo   | Horas        | Disciplinas   | Carga Horária                   |
|----------|--------------|---|---------------------------------|
| MÓDULO 1 | 24hrs        | Matemática Discreta<br>Física e Eletricidade<br>Lógica de Programação<br>Sistemas Operacionais<br>Hardware de Computadores<br>Elaboração de Projetos<br>Língua Inglesa 1  | 2<br>2<br>6<br>5<br>5<br>2<br>2 |
| MÓDULO 2 | 24hrs        | Relações Humanas no Trabalho<br>Linguagem de Programação p/ Web<br>Design e Projeto de Sites<br>Projeto de BD Relacional<br>Análise e Projeto de Sistemas de Info Estruturados<br>Comunicação e Redação<br>Língua Inglesa 2 | 2<br>5<br>5<br>5<br>3<br>2<br>2 |
| MÓDULO 3 | 24hrs        | Desenvolvimento de Aplicações p/ Web<br>Desenvolvimento de Sites para Web<br>Redes de Computadores<br>Implementação de Serviços de Redes<br>Gerência de Projetos de Sistemas<br>Língua Inglesa 3                            | 5<br>5<br>5<br>5<br>4<br>2      |
| MÓDULO 4 | 24hrs        | Perfil Empreendedor<br>Linguagem de Programação OO<br>Linguagem de Programação Visual<br>Gerenciamento de Redes de Computadores<br>Análise e Projeto de Sistemas de Informação OO<br>Metodologias do Estudo e da Pesquisa   | 2<br>5<br>5<br>5<br>5<br>2      |
| MÓDULO 5 | 24hrs        | Gestão de Negócios<br>Linguagem de Programação p/ Animação Web<br>Desenvolvimento de Aplicações OO<br>Segurança em Redes de Computadores<br>Projeto de BD OO<br>Projetos de Pesquisa  | 2<br>5<br>5<br>5<br>5<br>2      |
| MÓDULO 6 | 24hrs + 3hrs | Ética e Meio Ambiente<br>Linguagens e Tecnologias<br>Tecnologias em Redes de Computadores<br>Teoria de Banco de Dados<br>Engenharia de Software<br>Projeto de Graduação<br>LIBRAS   | 2<br>5<br>5<br>5<br>2<br>5<br>3 |

## ANEXO II

### MATRIZ CURRICULAR DO PROJETO PEDAGÓGICO 2015/1



## ANEXO III

### PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PERFIL EMPREENDEDOR

|  |                                    |                  |
|--|------------------------------------|------------------|
| PLANO DE ENSINO                                    |                                    | Semestre: 2012/1 |
| Disciplina: <b>EMPREENDEDORISMO</b>                | Código: <b>EE.153</b>              |                  |
| Pré-Requisito(s): -----                            |                                    |                  |
| Professor(es): xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx |                                    |                  |
| Número de Créditos: 02                             | Número Total de Horas: 30 (40 h-a) | Documento:       |

#### Ementa

Empreendedorismo e espírito empreendedor. Habilidades, atitudes e características dos empreendedores - fatores psicológicos e sociológicos. Início e ciclo de vida de uma empresa. Oportunidades de negócios: identificação, seleção e definição do negócio. Elementos essenciais para iniciar um novo negócio: o plano de negócio. Informações ambientais, estratégias de marketing, plano operacional e gerencial e plano financeiro.

#### Objetivos

Proporcionar ao aluno o conhecimento e reflexão de conceitos que embasam o estudo do empreendedorismo, baseado nos seguintes objetivos: Caracterizar a situação do mercado de trabalho e o empreendedorismo no mundo e no Brasil. Conhecer a Teoria de David McClelland. Identificar as Características Comportamentais Empreendedoras. Identificar os Comportamentos Empreendedores. Conhecer a Teoria de Louis Jacques Filion. Identificar a Síndrome do Empregado. Conhecer os Valores da Sociedade Brasileira em relação ao Trabalho. Caracterizar o Perfil Empreendedor. Reconhecer as Oportunidades e a Criatividade como variáveis do empreendedorismo. Caracterizar Formas Jurídicas das Empresas e seu Registro. Caracterizar Plano de Marketing Empresarial. Conceituar Marketing Pessoal. Caracterizar Sistema de Franquia.

#### Conteúdo Programático

|            |  |          |
|------------|--|----------|
| Unidade 1. | Aula inaugural da disciplina e entrega do Plano de Ensino e arquivos | (2 h-a)  |
| Unidade 2. | Situação do Mercado de trabalho e empreendedorismo                   | (2 h-a)  |
|            | 2.1. Empreendedorismo no Brasil e no mundo                           |          |
|            | 2.2. Definições básicas no empreendedorismo                          |          |
|            | 2.3. Mortalidade das empresas no Brasil                              |          |
| Unidade 3. | Características comportamentais empreendedoras                       | (14 h-a) |
|            | 3.1 Teoria de David McClelland                                       |          |
|            | 3.2 Características comportamentais empreendedoras                   |          |
|            | 3.3 Comportamentos empreendedores                                    |          |
| Unidade 4. | O empreendedor e a empresa   | (10 h-a) |
|            | 4.1 Teoria de Jacques Filion   |          |
|            | 4.2 Síndrome do empregado  |          |
|            | 4.3 Valores da sociedade brasileira em relação ao trabalho           |          |

|  |          |
|--|----------|
| 4.4 Perfil empreendedor  |          |
| 4.5 Oportunidade e criatividade como variáveis do empreendedorismo |          |
| Unidade 5. Formas das empresas e marketing                         | (08 h-a) |
| 5.1. Formas jurídicas das empresas e seu registro                  |          |
| 5.2. Marketing pessoal   |          |
| 5.3. Sistema de franquia   |          |
| 5.4. Plano de marketing empresarial                                |          |
| Unidade 6. Tópicos especiais em empreendedorismo                   | (4 h-a)  |
| 6.1. Cases de empreendedorismo                                     |          |

---

### **Metodologia**

Serão utilizadas aulas expositivo-dialogadas, estudos de casos, autoanálise comportamental dos alunos, leitura de textos e discussão e trabalhos de campo, técnicas e dinâmicas vivenciais, quando possível. Ao longo da abordagem dos conteúdos, com o objetivo de obter contextualização e conhecimento prático aos alunos, poderá ter a participação com palestras e apresentações, por parte de empreendedores locais.

---

### **Avaliação**

Ainda que a disciplina tenha apenas uma avaliação ao final do semestre, para fins de controle e distribuição ao longo do tempo, o semestre será dividido em duas etapas, como segue:

#### 1ª Etapa:

A avaliação individual na primeira etapa será realizada para que o aluno identifique seu potencial empreendedor (comportamentos empreendedores da teoria de David McClelland).

O aluno deverá descrever em instrumento específico, situações vivenciadas (na área familiar, empresarial, estudantil, profissional, etc.) de uso de pelo menos um dos três comportamentos de cada característica comportamental empreendedora (são dez CCEs).

Será considerada a nota 6,0 (seis) para o aluno que participar e realizar o exercício ao longo do período para tal, em sala de aula e fora de aula, e entregar o mesmo no prazo estipulado ao final da primeira etapa.

Adicionalmente, a nota será estipulada conforme segue:

- nota 7,0 (sete), se descrever sete comportamentos corretamente;
- nota 8,0 (oito), se descrever oito comportamentos corretamente;
- nota 9,0 (nove), se descrever nove comportamentos corretamente;
- nota 10,0 (dez), se descrever dez comportamentos corretamente.

#### 2ª Etapa:

Na segunda etapa, a nota será obtida através da média aritmética simples, da realização de duas atividades, relativas às unidades 4 e 5 (uma atividade para cada unidade).

A média geral da disciplina será a média aritmética simples das duas etapas. Será considerado aprovado o aluno que obtiver, no mínimo, média geral igual a seis e frequência mínima de 75% das aulas ministradas. O aluno com frequência suficiente e média das avaliações do período (etapa) menor que seis, terá direito a uma avaliação de substituição da etapa com menor nota. A nota dessa avaliação substituirá a nota da etapa.

---

## Bibliografia

---

### Básica:

- DOLABELA, Fernando. *Oficina do Empreendedor*. 6. ed. Cultura, 1999.
- DOLABELA, Fernando. *Empreendedorismo de Base Tecnológica*. Elsevier, 2010.
- MAYER, Verônica Feder; MARIANO, Sandra. *Empreendedorismo - Fundamentos e Técnicas para Criatividade*. LTC, 2011.

### Complementar:

- AIDAR, Marcelo Marinho. *Empreendedorismo - Col. Debates em Administração*. Thomson, 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. *Apostila sobre elaboração de planos de negócios*. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. *Apostila sobre empreendedorismo, incubadoras empresariais e parques tecnológicos*. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. *Apostila sobre gestão de marketing*. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. *Apostila sobre qualidade e produtividade*. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. *Apostila sobre teoria comportamental empreendedora*. 2007.
- BARON, Robert A.; SHANE, Scott Andrew. *Empreendedorismo – Uma Visão do Processo*. Thomson, 2006.
- DOLABELA, Fernando; FILION, Louis Jacques. *Boa Idéia! E Agora?*. Cultura Editores, 1999.
- DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo – Transformando Idéias em Negócios*. Campus, 2008.
- FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. SEBRAE. *Curso Aprender a Empreender* (fita de vídeo e manuais do curso).
- SABBAG, Paulo Yazigi. *Gerenciamento de Projetos e Empreendedorismo*. Saraiva, 2009.
- STARTA. *Manual do usuário do software de plano de negócio MAKEMONEY*, 2004.  
< <http://doctorsys.locaweb.com.br/starta/Guia%20do%20Usuario.zip>>. Acesso em 17/05/2011.
- STARTA. *Documento técnico do software de plano de negócio MAKEMONEY*, 2004.  
< [http://doctorsys.locaweb.com.br/starta/Artigo\\_Tecnico.doc](http://doctorsys.locaweb.com.br/starta/Artigo_Tecnico.doc)>. Acesso em 17/05/2011.

## Observações

---

## ANEXO IV

### PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA GESTÃO DE NEGÓCIOS

#### PLANO DE ENSINO

#### CURSO DE TECNOLOGIA EM SISTEMAS PARA INTERNET

|  |                                      |  |
|--|--------------------------------------|--|
| <b>Disciplina:</b> Gestão de Negócios  |                                      | <b>Código:</b>                             |
| <b>Semestre:</b> 5º                    | <b>Nº de aulas semanais:</b> 2 (H/A) | <b>Nº de aulas semestrais:</b><br>40 (H/A) |
| <b>Professor(a):</b> XXXXXXXXXXXXXXXXX |                                      |  |

#### Competências

- Compreender os processos e relações pertinentes a gestão de negócios na área de informática.

#### Habilidades

- Caracterizar os diferentes tipos de empresas;
- Reconhecer os procedimentos básicos para abertura e manutenção de empresas;
- Identificar a trajetória da administração empresarial ao longo da história;
- Identificar e utilizar tecnologias voltadas para a gestão de negócios.
- Desenvolver estudos e pesquisas de mercado
- Compreender as estratégias empresariais contemporâneas da Internet.
- Concluir a evolução natural dos negócios virtuais e distinguir seu estágio atual.
- Compreender o funcionamento do e-business e suas estratégias.
- Compreender a relação entre a empresa e seu e-customer.
- Associar os modelos de economia empresarial do mundo real e sua transposição para o virtual.
- Assimilar as transformações evidenciadas pelos desafios da modernidade e pelos avanços tecnológicos.

#### Bases Tecnológicas

- Mercado de Trabalho.
- Funções gerenciais: Planejamento, Organização, Direção, Coordenação e Controle.
- Mudança de paradigmas (Velho mundo X Novo mundo) dos negócios.
- Ciclo da transação comercial.
- Conceito de e-business.
- Plano de negócios para Web.
- Gerenciamento de recursos humanos: perfil dos profissionais, montagem de equipes, avaliação de desempenho e motivação
- Terceirização

## **OBJETIVOS:**

- O aluno será estimulado para que possa, reconhecendo seu próprio potencial empreendedor e de crescimento, bem como de visualização de oportunidades pessoais, profissionais e empresariais, traçar seu próprio caminho, auxiliado pelo professor, mediante a utilização da ferramenta de plano de negócios, como uma ferramenta-eixo de atividades durante o semestre. Assim, através da elaboração do plano de negócio, o aluno obterá a profundidade necessária e de suporte com o professor, em temas teóricos gerais e ligados à informática, como gestão estratégica, administrativa, de marketing, comercial, econômico-financeira, qualidade, etc.
- Os alunos obterão uma visão abrangente de um plano de negócios, bem como estarão aptos a elaborá-lo, por meio de interesse (motivação) do próprio aluno, sendo esta empresa (negócio ou um empreendimento de qualquer natureza), real ou hipotética.
- Basicamente a metodologia e os conteúdos abordados servem de suporte para o aluno desenvolver suas atividades seja como empregado, seja como empresário, ou seja, tanto na condição de líder do processo, assumindo os riscos inerentes de um empreendimento, ou na condição de colaborador (empregado, funcionário, etc). A competência na elaboração de um plano de negócio em regime acadêmico, permite não apenas lançar os alunos interessados na abertura de uma empresa, com robustez e segurança, como também auxiliar o aluno que deseja atuar na condição de empregado, propiciando, neste último caso também, a capacidade de pensamento sistêmico e analítico de uma empresa (ou uma organização qualquer), e proporcionando a ele uma excelente capacidade de atuação horizontal e vertical na estrutura hierárquica da organização.

## **RELAÇÃO DA DISCIPLINA COM AS DEMAIS:**

Através do conhecimento da estrutura e da realização de um plano de negócio, e seus conhecimentos teóricos e conceituais, o aluno desenvolve sua capacidade crítica, analítica e sistêmica, de entender processos complexos, o que tem utilidade e vantagem no seu desempenho, para as demais disciplinas do curso. Planejamento (técnicas e métodos) em si, tem utilidade em todas as áreas inclusive acadêmicas.

## **METODOLOGIA:**

Serão utilizadas aulas expositivo-dialogadas, estudos de casos, leitura de textos e discussão e trabalhos de campo, técnicas e dinâmicas vivenciais, podendo se utilizar também de depoimentos de empresários locais.

As aulas que abrangem planos de negócio e seus conteúdos teóricos, tanto terão abordagens teóricas pelo professor, como exercícios práticos pelos alunos, para descreverem seus próprios planos de negócios (descrição de tópicos qualitativos e quantitativos, ou seja, textuais e dados financeiros).

Os conteúdos teóricos e conceituais, e que são instrumentais à elaboração do plano de negócio, serão abordados conjuntamente e seqüencialmente aos tópicos do plano de negócio.

Basicamente as aulas para abordagem de plano de negócios, são realizadas com o uso de apostila, retroprojetor, laboratório de informática com acesso à Internet e uso de software de planos de negócios.

## **RECURSOS DIDÁTICOS E EQUIPAMENTOS:**

Apostila, livros, quadro, marcador para quadro, retroprojektor, lâminas de retroprojektor, tela de projeção, projetor multimídia, televisão, videocassete, DVD player, fitas VHS e DVDs, software de planos de negócios MAKEMONEY, laboratório de informática com acesso banda larga à Internet.

## **AVALIACÃO:**

### **1º Período:**

A avaliação individual (as atividades devem ser desenvolvidas preferencialmente em grupos de 2 ou 3 componentes) será a apresentação do plano de negócios (descrição textual de tópicos do plano de negócio), para aqueles tópicos que forem vencidos, dentro deste primeiro período. Neste instrumento (o próprio plano de negócio), os conteúdos e pressupostos teóricos e conceituais, serão avaliados na medida em que se inserem dinamicamente nas descrições dos tópicos do plano de negócio.

Neste instrumento, o aluno poderá obter avaliação máxima, se todos os tópicos do plano de negócio forem apresentados corretamente e com qualidade mínima, inclusive no que se refere aos pressupostos teóricos e conceituais envolvidos. Contrariamente, sua avaliação será proporcional ao número de tópicos descritos corretamente e com qualidade mínima. O professor elabora um parecer descritivo sobre a aprendizagem do aluno no meio do semestre. Este parecer será entregue aos alunos para que os mesmos possam desenvolver na direção da aprendizagem.

### **2º Período:**

No segundo período, a metodologia será a mesma do primeiro período, porém, será cumulativa, ou seja, a avaliação envolverá o plano de negócios completo (tópicos textuais e financeiros). O plano de negócios, além de ser entregue impresso, deverá ser apresentado oralmente pelo grupo, ao final do semestre, através do tópico “resumo executivo”, com os recursos que os alunos julgarem necessário.

O resultado final da avaliação será expresso em forma de conceitos.

#### Conceitos

Ao final do período letivo serão atribuídos os seguintes conceitos:

A - Atingiu com excelência os objetivos previstos para a unidade curricular;

B - Atingiu plenamente os objetivos da unidade curricular;

C - Atingiu os objetivos mínimos previstos para a unidade curricular;

D – Não atingiu os objetivos mínimos previstos;

E – Infrequente/Desistente

#### Condições de aprovação

Será considerado aprovado o aluno(a) que, em cada unidade curricular, obtiver, conceitos A, B ou C e apresentar percentual de frequência igual ou superior a 75% da carga horária trabalhada na unidade curricular.

## **RESGATE DE APRENDIZAGENS E REAVALIACÃO:**

O professor deverá acompanhar constantemente os alunos nas tarefas propostas, visando o resgate de aprendizagens, atendendo os alunos, propondo novos exercícios, caso a caso, e durante o período letivo. A reavaliação, caso seja necessária, será realizada junto com os alunos, na re-descrição dos tópicos do plano de negócios, mediante prazo para estas tarefas que será acordado com os alunos. A não entrega pelos alunos, dos trabalhos em datas pré-agendadas com os mesmos, permitirá ao professor diminuir a sua nota, devido ao atraso, em uma regra a ser estabelecida juntamente com os alunos.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ALLEMAND, Renato Neves. APOSTILA SOBRE ELABORAÇÃO DE PLANOS DE NEGÓCIOS. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. APOSTILA SOBRE EMPREENDEDORISMO, INCUBADORAS EMPRESARIAIS E PARQUES TECNOLÓGICOS. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. APOSTILA SOBRE GESTÃO DE MARKETING. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. APOSTILA SOBRE GESTÃO ESTRATÉGICA EM INFORMÁTICA. 2007.
- ALLEMAND, Renato Neves. APOSTILA SOBRE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE. 2007.
- FOINA, Paulo Rogério. TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO: PLANEJAMENTO E GESTÃO. 1ª Ed. Rio de Janeiro. Atlas. 2001.
- STARTA. Manual do Usuário do software de plano de negócio MAKEMONEY.
- STARTA. Documento técnico do software de plano de negócio MAKEMONEY.

### **BIBLIOGRAFIA E INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:**

- DOLABELA, Fernando. OFICINA DO EMPREENDEDOR. 6ª Ed. SP. Editora de Cultura. 1999. 280p.
- DOLABELA, Fernando. O SEGREDO DE LUIZA. CULTURA EDITORES, 1999, 320p.
- DOLABELA, Fernando e FILION, Louis Jacques. BOA IDÉIA! E AGORA? CULTURA EDITORES, 1999, 352p.
- DRUCKER, Peter. ADMINISTRANDO PARA O FUTURO. ADMINISTRANDO PARA O FUTURO. 1ª Ed. São Paulo. Pioneira. 1999.
- MACÊDO, Ivanildo e outros. Aspectos COMPORTAMENTAIS DA GESTÃO DE PESSOAS. Série Gestão Empresarial. 3ª Ed. RJ. Editora FGV. 2004. 148p.
- MANAS, Antonio Vico. ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO. 1ª Ed. São Paulo. Érica. 1999.
- PINTO, Sandra Regina da Rocha e outros. DIMENSÕES FUNCIONAIS DA GESTÃO DE PESSOAS. Série Gestão Empresarial. 3ª Ed. RJ. Editora FGV. 2004. 132p.
- RAMAL, Andréa Cecília, SALIM, César Simões, HOCHMAN, Nelson et al. CONSTRUINDO PLANOS DE NEGÓCIOS, CAMPUS, 2001, 238p.
- SIEGEL, David. FUTURIZE SUA EMPRESA. ESTRATÉGIAS DE SUCESSO NA ERA DO E-CUSTOMER, E-BUSINESS E E-COMMERCE. São Paulo. Futura. 2000.
- Diversos sites, artigos, monografias, dissertações e teses disponíveis na Internet.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE I**

### **Roteiro de entrevista a ser aplicada com docentes dos componentes curriculares que incluem Empreendedorismo como temática**

Primeiramente, será procedida a leitura e assinatura do termo de consentimento do entrevistado.

#### **Parte 1 – Perfil do entrevistado**

Qual sua idade?

Qual seu vínculo de trabalho com o IFSul?

Há quanto tempo você atua na área de docência?

Há quanto tempo você atua na área de docência no IFSul?

Qual sua formação acadêmica?

Quais disciplinas – e para quais cursos – você ministra (tenha como referência o último semestre já que estás em afastamento)?

#### **Parte 2 – Concepções teóricas**

Que concepção de Empreendedorismo tu adota nas tuas disciplinas?

Quais são os principais autores que tu usas para trabalhar a temática do Empreendedorismo?

Tu conheces o mercado de trabalho de todas as áreas dos cursos para os quais tu ministra aulas?

Em todas as disciplinas tem esses trabalhos, tanto nos técnicos quanto nos superiores?

Durante as aulas você estimula seus alunos a serem empreendedores?

#### **Parte 3 – Perspectivas institucionais**

Considerando as características e as finalidades dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, como você avalia que o Empreendedorismo pode se relacionar nesse cenário?

Você avalia que o IFSul considera o Empreendedorismo importante? Porquê?

Você acredita existe um fomento ao Empreendedorismo por parte da instituição?

Que ações para o fomento do Empreendedorismo você acha que teriam mais efeito junto aos estudantes?

## APÊNDICE II

### Questionário aplicado junto aos estudantes

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “Espaços e Configurações para o Ensino de Empreendedorismo no Campus Pelotas/Instituto Federal Sul-rio-grandense” respondendo a esse breve questionário, que tem como objetivo conhecer um pouco sobre você e sobre sua opinião a respeito do tema.

Sua participação é muito importante! Obrigada!

1) Qual sua faixa etária?

( ) até 18 anos ( ) entre 19 e 21 anos ( ) entre 21 e 30 anos

( ) entre 31 e 40 anos ( ) entre 41 e 50 anos ( ) acima de 50 anos

2) Você já cursou outro curso além do TSI no IFSul?

( ) Não

( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_

3) Em qual cidade você reside? \_\_\_\_\_

4) Assinale qual disciplina do eixo Gestão e Negócios você cursa atualmente:

( ) Perfil Empreendedor ( ) Gestão de Negócios

5) Por favor, diga com suas palavras o que você entende por Empreendedorismo:

6) Você já havia ouvido falar sobre Empreendedorismo antes de cursar essa(s) disciplina(s)?

( ) Sim, e compreendi do que se tratava

( ) Sim, mas não compreendi do que se tratava

( ) Não

7) Atualmente, qual seu grau de interesse pelo tema Empreendedorismo?

( ) Alto ( ) Moderado ( ) Baixo ( ) Indiferente

8) Você se considera Empreendedor?

( ) Sim ( ) Não

9) Por favor, explique porquê você assinalou a opção que escolheu na questão 8:

10) Nas demais disciplinas do seu curso são discutidos tópicos sobre Empreendedorismo?

( ) Sim, com frequência ( ) Sim, às vezes ( ) Nunca

11) Os professores do seu curso lhe dão informações sobre o mercado de trabalho da área de atuação profissional?

Sim, muitas       Sim, mas poucas       Não

12) Você considera importante aprender sobre Empreendedorismo considerando a atuação profissional do formado em TSI?

Sim       Não       Indiferente       Não tenho opinião formada

Obrigada!

## **APÊNDICE III**

### **Roteiro utilizado para condução do grupo focal junto aos professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet**

- Apresentação pessoal;
- Apresentação da pesquisa;
- Apresentação da perspectiva de currículo adotada no presente trabalho, de acordo com Silva (1995, p.184): o currículo é “entendido como o conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas aos/às estudantes”.
- Apresentação e assinatura dos termos de compromisso;
- Questionamento a respeito do perfil de aluno ingressante no curso, se tem sido observado, e, caso sim, quais as características;
- Questionamento a respeito do perfil de egresso no curso;
- Questionamento sobre a causa da reformulação do projeto pedagógico;
- Questionamento sobre a pertinência das disciplinas do eixo Gestão e Negócios, uma vez que foram mantidas no novo projeto pedagógico;
- Encaminhamento para os questionários individuais.

## APÊNDICE IV

### **Questionário aplicado junto aos professores do curso superior de Tecnologia em Sistemas para Internet**

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “Espaços e Configurações para o Ensino de Empreendedorismo no Campus Pelotas/Instituto Federal Sul-rio-grandense” respondendo a esse breve questionário, que tem como objetivo conhecer um pouco sobre você e sobre o curso em que ministra aulas.

Sua participação é muito importante! Obrigada!

1) Qual sua faixa etária?

entre 21 e 30 anos  entre 31 e 40 anos  entre 41 e 50 anos  acima de 50 anos

2) Há quanto tempo você atua na docência?

até 3 anos  entre 3 e 5 anos  entre 5 e 10 anos  mais de 10 anos

3) Há quanto tempo você atua na docência no IFSul?

até 3 anos  entre 3 e 5 anos  entre 5 e 10 anos  mais de 10 anos

4) Você participou do processo de criação do curso Superior em Tecnologia de Sistemas para Internet?

sim  não

5) Você participou do processo de revisão do projeto pedagógico que entrou em vigor em 2015/1?

sim  não

6) Você tem conhecimento sobre o que é ministrado nas disciplinas Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor?

sim  não  parcialmente

7) Na sua avaliação, as disciplinas de Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor abordam temáticas que contribuem para as disciplinas que você ministra?

sim  não  parcialmente  não sei responder

8) Você conhece o(s) professor(es) que ministram as disciplinas de Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor?

sim       não

9) Você já planejou alguma atividade conjunta com o(s) professor(es) que ministram as disciplinas de Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor?

sim       não

10) Explique com suas palavras o que você entende por Empreendedorismo.

Obrigada!

## APÊNDICE V

### Termo de consentimento

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro estar de acordo em participar da pesquisa intitulada “Espaços e Configurações para o Ensino de Empreendedorismo em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: uma investigação a partir do currículo”, desenvolvida pela mestrandia Érica Pereira Martins, aluna do curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Campus Pelotas, sob coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Helena Sauer Guimarães Rostas. Outrossim, declaro estar ciente da finalidade da pesquisa, bem como que fui informado que minha identidade será preservada.

Pelotas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Assinatura do participante:

Assinatura da pesquisadora:

Assinatura da coordenadora:

## APÊNDICE VI

### Entrevista realizada com o professor titular da disciplina de Perfil Empreendedor

#### PERFIL DO ENTREVISTADO

Qual sua idade? *35 anos.*

Qual seu vínculo de trabalho com o IFSul? *Efetivo com D.E.*

Há quanto tempo você atua na área de docência? *3 anos e meio.*

Há quanto tempo você atua na área de docência no IFSul? *3 anos e meio também.*

Qual sua formação acadêmica? *A graduação é em Economia, a especialização é um MBA em Gestão Empresarial, e agora mestrando em Política Social.*

Quais disciplinas – e para quais cursos – você ministra (tenha como referência o último semestre já que estás em afastamento)? *As disciplinas são distribuídas na parte técnica com o nome de Gestão, Gestão Empresarial, Gestão Industrial (na Química), Organizações e Normas (na Mecânica)... via de regra são esses os nomes no ensino técnico. No ensino superior, no TSI é Gestão de Negócios e Perfil Empreendedor, e na Engenharia Elétrica são Empreendedorismo e Engenharia Econômica.*

#### CONCEPÇÕES TEÓRICAS COM RELAÇÃO AO EMPREENDEDORISMO

Que concepção de Empreendedorismo tu adota nas tuas disciplinas? *Eu trabalho Empreendedorismo em um sentido diferente do senso comum, pelo menos o que a gente vê. O Empreendedorismo muito mais como atitude, como uma ideologia de vida, e muito menos com uma visão de abertura de negócios. Da forma com que eu estruturo as minhas disciplinas, eu sempre parto do que a gente chama de teorias do Empreendedorismo. Via de regra, eu tento partir do que está constituído enquanto teórico; referencial teórico do Empreendedorismo, depois comportamento empreendedor, que é uma segunda unidade que eu abordo. Eu faço muita questão em especial quando se trabalha com o ensino técnico, que é usar a pedagogia através do exemplo, através de vídeo, através de trazer uma pessoa que se entenda, que se reconheça como empreendedora (que não todas as vezes é um empresário, muitas vezes não é). Então, o Empreendedorismo da forma como eu procuro trabalhar é um Empreendedorismo mais na formação, tentar viabilizar a formação de uma pessoa que tenha iniciativa, que queira correr risco mas que saiba que esse risco tem que ser meio que estudado (até que ponto eu tenho que correr esse risco?), pessoas que venham a se formar no sentido de estar comprometidas com alguma ideia, e dissociar essa história de que tal ideia que temos que estar comprometido é a empresa. Não é. Pode ser uma ONG ou pode ser simplesmente o plano de tu te formares e estares comprometido com isso. É basicamente isso, é uma questão mais atitudinal do que mesmo em abertura ou não de negócio, ou seja lá do que for, empresa.. Em todas as disciplinas de gestão e negócios tu trabalhas o conceito de Empreendedorismo? *Sim.* Ok, é que nas*

disciplinas em que o nome é “gestão de tal coisa”, daqui a pouco a ementa é mais voltada para ferramentas de gestão em si... *Não... as ementas dos cursos técnicos, muito embora os nomes sejam diferentes, na parte técnica do ensino integrado, por exemplo, é tudo igual. Pelo menos todas que já ministrei aulas, não vou dizer todas porque não dei aulas para todos os cursos. São todas iguais as que eu já ministrei, e o que há de diferente é uma possibilidade de se trabalhar mais profundamente no ensino superior, nos cursos de TSI, em especial, e Engenharia Elétrica, porque ambos os cursos abrem a possibilidade de nós trabalharmos com duas disciplinas. Aí sim, aí as ementas desses cursos, dessas disciplinas nos cursos, elas trabalham, no TSI: Perfil Empreendedor, que vem no quarto módulo, trabalha basicamente teoria sobre Empreendedorismo, dá as diversas teorias, comportamentalistas, econômicas, sociológicas, do Empreendedorismo, passando, além desse referencial teórico, por um apanhado histórico “de onde surge?”, “porque surge?”, “porque em determinado momento tem determinado sentido e hoje o termo tem outro sentido?” e trabalhando comportamento. Isso é o Perfil Empreendedor, e isso acontece também em Empreendedorismo na Engenharia. Ementas semelhantes, não são iguais, mas são semelhantes. Visam, então, dar uma introdução ao assunto Empreendedorismo. Tanto a Engenharia Econômica, na Engenharia, quanto Gestão de Negócios, em TSI, trabalham com uma parte de Empreendedorismo mais voltado para negócio. Eu gosto de chamar de Empreendedorismo Empresarial. Aí trabalham mais com gerenciamento? Sim, com planejamento de negócio aplicado, através basicamente da ferramenta plano de negócios.*

Quais são os principais autores que tu usas para trabalhar a temática do Empreendedorismo? *José Dornellas, Dolabela ... nos dois níveis básicos eu trabalho esses dois. Tem o Ronald Degen, é um americano, eu comecei a trabalhar com ele no último semestre, eu usava em aula, foi em 2014/1. O livro dele comprei agora há pouco e achei bem bacana. É um dos primeiros professores que vem dos Estados Unidos e começa a dar aula, se não me engano, na FGV-SP, (se eu não estou enganado), e aí ele tem umas passagens legais também, o livro; mas ele já tem uma queda bem explícita nisso de um Empreendedorismo no sentido de empresário. Mas, tem também, umas passagens legais no que fala da história do Empreendedorismo no Brasil, que ele participou em 84/85 que é mais ou menos quando começa o Dolabela também na UFMG. Mas basicamente eu trabalho Dornelas e Dolabela.*

Tu conheces o mercado de trabalho de todas as áreas dos cursos para os quais tu ministra aulas? *Conhecer o mercado de trabalho eu vou mais pela resposta não, porque nessas disciplinas da área de Empreendedorismo, da área nossa de Gestão e Negócios, a gente acaba dando aula pra muitos cursos. Basicamente um ou dois, ou três, talvez, que não tenham Empreendedorismo, então é muito complicado ter um conhecimento profundo sobre o mercado de trabalho. Mas, ao mesmo tempo, essa disciplina nos dá uma outra possibilidade. Quando se trabalha na perspectiva de que o aluno, o estudante, é dono do seu próprio nariz, ele tem que ser uma pessoa autônoma, que tem que buscar as informações, tem tudo isso dentro das características do empreendedor, a gente acaba aprendendo com o próprio aluno. Pelo menos na perspectiva que eu trabalho, porque quando tu vai entregar a parte de planejamento, depois que tu faz um apanhado geral sobre o que é planejamento financeiro, o que é planejamento de marketing, essas questões mais estratégicas, enfim, os alunos vão trazendo as suas realidades nos trabalhos em grupo que depois eles vem a apresentar. Então, de alguma forma, como eu direciono os trabalhos finais que são de planejamento de algum empreendimento ... Em todas as disciplinas tem*

esses trabalhos, tanto nos técnicos quanto nos superiores? *Sim, à exceção daquelas dos superiores que só são de comportamento, que eu falei: Perfil Empreendedor (TSI) e Empreendedorismo (Engenharia Elétrica). Nos demais, o trajeto que eu faço é sempre esse: referencial teórico do Empreendedorismo, história, comportamento empreendedor, e aí, depois, a gente trabalha, na última terça parte, eu procuro trabalhar com plano de negócios; o plano de negócio tentando sempre direcionar pra área de formação deles, mas eu não fecho na área de formação deles porque tem muitos alunos que tão ali e que não é por vontade própria apenas e tão somente. Então eu acho que se eu fechar na área deles eu vou estar colaborando pra que a pessoa se torne infeliz pro resto da vida, então acho que não... Não é incomum eu ter gente da eletrônica, por exemplo, que vai montar uma fábrica de bolachinha ou uma empresa de marketing... então é isso, a gente tenta direcionar quando faz duas aulas, mais ou menos, de brainstorming, pra que eles comecem a pensar sobre ideias que podem viabilizar e sempre fazendo o seguinte, também: olha, se você tem alguma ideia de montar negócio, utilize esse espaço aqui para planejar, pra que depois, em algum determinado momento, tu possa usar esse planejamento pra alguma coisa, não fazer uma coisa só pra ficar engavetado. Então acho que isso ajuda a dar um pouco de sentido pra construção do aluno.*

Durante as aulas você estimula seus alunos a serem empreendedores? *Olha, eu acredito que sim. Primeiro: é muito complicado, eu acho, complicado, complexo, trabalhar Empreendedorismo nesse sentido de comportamento. É um desafio, mas é um desafio que é valioso, no sentido de que quando tu atinge, o aluno percebe significado em algumas coisas que antes não, então, como eu tento trabalhar? Uma é a questão de que nem todo o conhecimento tá no livro, na apostila, tá escrito. Então, um dos exercícios que eu faço é que eles entrevistem pessoas que eles supõem empreendedoras. Depois de a gente já ter visto quais são as principais características, conforme o David McClelland (que é um dos referenciais que esqueci de citar que nós usamos, e que é o mesmo referencial que o SEBRAE usa), depois de nós vermos a parte teórica é que eles entrevistam essa pessoa e que devem conseguir, a partir da entrevista (uma coisa bem sintética, bem sucinta), indicar: “bom, essa pessoa eu consegui perceber que tem a característica tal, porque falou determinada coisa”. Outra coisa que eu gosto de fazer é levar os alunos pra conhecer ambientes que são ditos de Empreendedorismo e de Inovação Tecnológica. A gente já foi conhecer o TECNOPUC, o TECNOSINOS, aqui, quando teve agora a pouco em Pelotas, há um ano e pouco atrás, o Digital Cities. Quando não dá pra sair, porque nem sempre dá, aí eu normalmente convido alguém pra vir conversar com eles. Eu acho que a questão de tu te espelhar em alguém, não na íntegra, mas em determinada atitude, é que vai valorizar, e, principalmente pro mais jovem, vai dizer “bah, é possível mesmo!”. Ninguém nasceu Steve Jobs, já dono da Apple. Ninguém nasceu Bill Gates, ninguém nasceu... Eike Batista agora tá meio difícil de falar! (risos) Mas é isso... em especial mostrando que o conhecimento não tá só aqui dentro da academia, os conhecimentos podem vir de fora também, se agregar e complementar aquela questão ou aquela parte teórica que a gente já viu. Gosto de trabalhar com vídeo também, mas não só com o vídeo. Uma das coisas que eu faço sempre em sala de aula (eu gosto de citar isso): os primeiros 5 minutos de sala de aula, são 5 minutos de discussão. Como é que eu proponho a discussão? Eu trago vídeo de 1 ou 2 minutos, 30 segundos, reportagens.. hoje mesmo saiu uma reportagem super bacana no Jornal do Almoço mostrando que 58% dos empreendedores do RS tem até 35 anos, entre 18 e 35 anos, saiu uma reportagem super boa. Então pego essa reportagem, vou lá no G1, baixo, e trago pra sala de aula, porque eu sei que muitos deles não veem jornal, não veem mesmo, e*

*acham uma chatice. Então eu trago pra eles, e aí a gente discute por 5 ou 10 minutos. E se tiver que ir aos 15 minutos, eu prefiro essa discussão e atrasar um pouco o cronograma porque é nisso aqui que eles vão dando sentido ao nosso conteúdo. Tem toda essa questão: o nosso conteúdo é um pouco marginal, no sentido de ficar à margem da formação técnica ou da formação superior. Ele vem por fora. Então alunos que estão no 8º semestre, os caras respiram eletrônica, respiram comunicação visual, respiram edificações, respiram eletrotécnica, e: “ah, o que eu quero com Empreendedorismo?”. Se a gente não fizer isso, fica mais uma daquelas disciplinas que os alunos chegam no final e dizem “pra que eu vi essa porcaria?”. Então é uma das coisas que eu acho bacana de fazer que eu acho que mostra que o professor não é maluco (eu falo isso seguido), um professor que inventou de dar Empreendedorismo, que é uma coisa dissociada do mundo real. Não, eu procuro mostrar que o mundo real é que não é só eletrônica ou edificações.. (risos)*

## PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS

Considerando as características e as finalidades dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, como você avalia que o Empreendedorismo pode se relacionar nesse cenário? *Eu penso que os Institutos Federais hoje eles estão abrindo mão de uma importantíssima, mas importantíssima, missão, que seria difundir a cultura empreendedora. Isso consta nas finalidades da lei que cria os Institutos Federais, de fomentar, não lembro qual é o termo, fomentar ou difundir, o Empreendedorismo. Então isso lá na lei de criação já era pensado, e eu vejo que os Institutos têm um potencial gigantesco, e não aproveitam esse potencial. A gente fica pensando: os Institutos, pelo menos as antigas Escolas Técnicas e CEFET’s, eram vistos como criadores, formadores: vamos dizer, mas em alguns lugares até criadores, de mão de obra. Mão de obra pra assumir postos de trabalho já criados. Ou seja: nós criamos pessoas pra serem passivas, não construtoras dos seus destinos; pra ser mais um, pra ser aquele que não se destaca na fila. Ao passo que as possibilidades que nós temos nos últimos anos, em especial a questão de investimento, de estrutura, nós temos uma vantagem gigantesca frente às universidades (federais, por exemplo). Os Institutos estão em todos os estados, super ramificados, super fluídos, estão em qualquer lugar do interior, eles são criados pra isso e poderiam estar trabalhando Empreendedorismo também, claro, no sentido de formação de qualidade da mão de obra, sem dúvida nenhuma, mas não só pra isso. Como a gente tem essa distribuição mais capilar do que as universidades, a gente tá em pontos em que as universidades não estão e não vão chegar, nós poderíamos trabalhar com aquele aluno lá do interior que tem uma perspectiva bem pequenininha de trabalhar em uma empresa em que o pai trabalhou, a mãe ou o avô trabalha, e mostrar pra esse estudante que também tem outra possibilidade. O grande acúmulo de conhecimento que ele tem e que é acima da média em determinada área, é acima da média. Nosso aluno de eletrônica, o pior aluno em termos de nota, ele sabe muito mais eletrônica do que qualquer um fora daqui. A gente nivela internamente, mas às vezes o melhor aluno de eletrônica nem quer eletrônica, quer Medicina. Daqui a pouco a gente não valoriza aquele aluno que é mediano, não dá possibilidade. Isso eu também acredito que deva acontecer nos Institutos menores. Se nós trabalhássemos Empreendedorismo em uma forma de comportamento, a forma de trabalhar de algum jeito essa questão por projeto, com coisas que façam sentido pro aluno, ele ia se entregar mais à sua produção, ia produzir mais, muito mais do que atender demandas só. Não digo que isso seja uma tarefa fácil, mas hoje os Institutos Federais abrem mão disso, não fazem isso, via de regra. Quantos têm uma incubadora de empresas, quantos tem algum programa que*

viabilize isso? Conheço bem poucos. Não só na questão de empresa, mas... Quantos tem Empreendedorismo na sua grade.. aqui no nosso campus, aqui no nosso Instituto, do pouco tempo que estou aqui dentro, já várias vezes tentaram tirar o Empreendedorismo de dentro da formação geral, o que está garantido pela Resolução 14, que é uma resolução interna. Tá, mas tirar de dentro da formação geral ou tirar do currículo? Tirar do currículo e da formação geral. Falo da formação geral porque alguns se utilizam daquela possibilidade “não se preocupem, nós daremos”. Como tem o curso de Edificações, que não dá Empreendedorismo porcaria nenhuma, dá planejamento de obra. Ou seja, tem outros cursos que tem também. “Ah, quem é que dá Empreendedorismo?”. “Ah é o professor do curso.”. “Ah e você dá o que?”. “Ah eu dou marketing.”. Marketing não é Empreendedorismo. Então, por isso que estou dizendo: uma das brigas, que inclusive o prof. Renato fez um arrazoado antes de eu estar aqui como professor, ele até me mostrou, porque queriam tirar Empreendedorismo da grade curricular. Depois disso, eu já como coordenador participei de discussões em que os cursos diziam “ah não, deixa que Empreendedorismo nós vamos dar”. E aí qual é a garantia de que vão seguir mesmo a ementa, que não vão mudá-la? Os Institutos tem toda a possibilidade de fazer a diferença mas acho que hoje, infelizmente, a gente ainda tá preocupado em formar mão de obra pro mercado de trabalho apenas e tão somente. Se a gente começar a usar esse outro potencial, pela capilaridade, pelo público que a gente atinge, pra tentar viabilizar outras saídas, a abertura de negócios dentre elas... Até inclusive na própria formação de mão de obra, trabalhar Empreendedorismo é trabalhar que o colaborador tenha algum diferencial, seja um cara diferenciado, que seja um cara que na hora que vai escolher onde vai trabalhar, ou vai ser escolhido, enfim, que seja uma área que ele seja apaixonado, que ele curta... porque senão ele vai ser um infeliz! Aí do jeito que a gente trabalha parece que assim: “já tá no curso tal, vai até o final”. A gente condena a pessoa a trabalhar 35 anos infeliz pra querer gozar a aposentadoria 35 anos depois, quando já está velhinho, com dor.. ele tem que ser feliz durante o trajeto dele! Se a gente trabalhar Empreendedorismo a gente vai tentar mostrar pra ele que ele tem que ter autoconfiança; o conhecimento dele não é o conhecimento de qualquer um ele é diferente. Todos, cada um de nós, é diferente. Nesse sentido, o Empreendedorismo enquanto comportamento, enquanto atitude, ele nos ajuda.

Você avalia que o IFSul considera o Empreendedorismo importante? Porquê? *Eu penso que o Instituto Federal Sul-rio-grandense, ele... ele considera o Empreendedorismo. Mas como importante, assim, de botar peso, daí é mais complicado... Mas tem atitudes bacanas, de preservação, por exemplo essa resolução, que eu acho que é 14, não sei se estou errado... Ela prevê que o Empreendedorismo vai ter dentro da formação geral, vão ter 4 horas aula no ensino técnico. Isso eu acho que é uma forma bacana de preservar. Outras disciplinas não foram reconhecidas nessa resolução. No nosso caso, do Campus Pelotas, a gente não tem nada, assim, basicamente, para reclamar. No caso, na minha condição de pertencente ao Grupo de Pesquisa em Educação Empreendedora e do Núcleo de Apoio do Desenvolvimento do Empreendedorismo, a gente basicamente não tem portas fechadas com a gestão. Mas, eu vejo o Instituto não só como gestão, eu vejo o Instituto com pessoas, e muitas pessoas, docentes, que trabalham no cotidiano com aluno não veem como uma disciplina ou como conteúdo importante. Isso, claro, acaba tocando os alunos, acaba sensibilizando e formando esses alunos no sentido de não valorizar também. E aí por isso que eu disse que é meio difícil quantificar esse tipo de coisa se é importante ou não. Mas o que eu vejo é o seguinte: existem possibilidades, existem potencialidades pra desenvolver e existe um trabalho forte de conscientização, de esclarecimento frente aos recursos humanos*

*do Instituto. Mas a nossa realidade aqui no Campus Pelotas é muito positiva, a gente não tem porta fechada... sempre se dá uma oportunidade e as coisas vem acontecendo, os exemplos vem acontecendo, a própria criação do Núcleo de Apoio ao Desenvolvimento do Empreendedorismo é uma sinalização positiva de que a equipe de gestão entende o assunto por importante.. e aí claro, água mole em pedra dura, tanto bate até que fura... então a gente tem que ir batendo, devagar, mostrando nosso trabalho, que, aos poucos, as coisas vão acontecendo.*

**Você acredita existe um fomento ao Empreendedorismo por parte da instituição?** *Mais uma vez eu vou dizer: por parte do Campus Pelotas eu vejo. Eu desconheço as outras realidades do Instituto, outros campus, a não ser de conversar um pouco com professores, mas nada muito profundo. Sei, por exemplo, que no Campus CAVG a questão de se trabalhar Empreendedorismo é trabalhada com um viés bem diferente, então fica difícil dizer... porque não tem um Empreendedorismo só. Não se fala uma língua só de Empreendedorismo. Então eu dizer: “ah o Empreendedorismo é valorizado no IFSul!”, mas daqui a pouco o que se está dizendo como Empreendedorismo nem verdade não é, nessa concepção que nós trabalhamos aqui. Não fazendo julgamento, né, se existe um Empreendedorismo melhor ou pior, certo ou errado. Mas, enquanto não há um nivelamento, porque pra muitos, Empreendedorismo é abertura de empresa. Aí tu vai conversar com alguns professores e eles vão dizer: “essa não é a função do Instituto!”, então, portanto, se não é a função do Instituto não precisa ter Empreendedorismo? Essa relação é que é maluca, uma relação dentro da academia mas que se trabalha com uma ideia de senso comum, sem aprofundar. Todo mundo diz que Empreendedorismo é o que o SEBRAE faz. O SEBRAE faz abertura de empresa. Se é abertura de empresa, não é o que o Instituto faz, o Instituto vem pra criar mão de obra; então, se Empreendedorismo é abrir empresa e o Instituto tem a missão de formar mão de obra, um está dissociado do outro – que é um equívoco. Acho que é por aí.. enquanto não se tiver uma linha só do que é Empreendedorismo... isso é uma coisa: tem muita gente falando sobre muitas coisas que a gente dá o mesmo nome, mas que não é a mesma coisa. Mas, mais uma vez: eu não vejo portas fechadas, eu vejo potencial pra ações tanto de ensino, quanto de pesquisa e de extensão. Mas o Instituto não tem uma linguagem só do que é Empreendedorismo, não tem um conceito. O que eu acho super complicado. Não que tu precise sempre fechar um conceito, não é isso, absolutamente, mas tu tem que saber que conceito pro IFSul de Empreendedorismo é esse e não é aquilo. Minimamente tu tem que dizer o que não é, porque senão tu corre o risco de tudo virar Empreendedorismo e nada virar Empreendedorismo.*

**Que ações para o fomento do Empreendedorismo você acha que teriam mais efeito junto aos estudantes?** *Bom, primeiro, imagino que todos os cursos, pelo menos em técnico em qualquer das modalidades, concomitante, subsequente e integrado, e os superiores, em qualquer das modalidades, bacharelado, licenciatura e tecnológico, todos deveriam trabalhar Empreendedorismo. Acho que é a primeira coisa, porque aí, quando não se tem uma cultura criada, aonde o público vem atrás do Empreendedorismo, tu tem que criar um ambiente, mesmo que seja compulsório, que é a sala de aula, de o Empreendedorismo se lincar com esses estudantes. Então, acho que a primeira grande ação seria todos os cursos superiores e técnicos, e quem sabe, um dia, talvez, as pós-graduações, mas, todos os cursos terem alguma disciplina de Empreendedorismo. Mais importante do que ter plano de negócios, pra mim, é o conhecimento do Empreendedorismo como eu disse: quanto ao histórico, quanto ao que tem de referencial teórico que defende o ponto de vista mais antigo que hoje já está*

meio desmistificado, mas um referencial que venha a trabalhar com atitude e comportamento, que é o que mais está presente hoje... essa ação de ensino acho que é básica. Outra possibilidade é uma questão que é apontada já pelo Tribunal de Contas da União em auditoria feita nos Institutos Federais, que é a abertura de espaços onde se possa por em prática esse Empreendedorismo, que pode ser através de uma incubadora, se a gente quiser fomentar o Empreendedorismo empresarial, mas ao passo que nós podemos ter um espaço que hoje é bem comum, por exemplo, a questão do trabalho compartilhado, do coworking. Nós também podemos fomentar outro tipo de iniciativas. Nada proíbe de se ter outro tipo de iniciativa, daqui a pouco um curso em que se possa trabalhar com os alunos, com público interno e externo, sobre comportamento empreendedor, sobre Empreendedorismo de forma geral. Depois sim, visto que existe um público com potencial, com vontade de abrir empresa, então a gente pode contribuir através de incubadora de empresas, através de, como eu disse, um espaço compartilhado, mais barato, enfim, hoje o custo é uma coisa importante, que é a questão do coworking. Ações de pesquisa são bacanas também, que são essas ações que a gente desenvolve aqui no grupo de pesquisa, porque também tu vai te aprofundando... Eu vejo o Instituto como qualquer instituição que se propõe a formação: ele tem que dar possibilidade dos alunos e dos outros públicos, docentes, enfim, técnico-administrativos, se agruparem pra discutir sobre determinado assunto, é só assim que vai se criar uma cultura. Não é só com canetaço, não é isso. Criar espaços de discussão, fóruns, seminários, eventos, trazer gente de fora valoriza, porque parece que santo de casa nunca faz milagre... tu pode sair daqui e ser a melhor pessoa pra falar na cidade do lado, agora, na tua cidade, tu é só mais um, então, traz alguém de fora. Esse tipo de investimento eu vejo que pode fomentar a cultura empreendedora, que é, mais uma vez, uma coisa difícil de se mensurar, é uma coisa difícil, complexa de se trabalhar. Mas, através do evento, do que já deu certo, e hoje tá muito na moda trazer pessoas que deram errado também pra conversar, que digam "deu errado por causa disso, daquilo, daquele outro". Até porque a gente não fica passando pro aluno que a vida é um moranguinho, que é tudo merengue.. que é só fazer isso e isso.. não tem receita de bolo: "é só fazer isso, isso e isso que tu vai dar certo". Isso não existe. Também trazer essa realidade não tão positiva, também é um dever nosso. Se nós conseguimos fazer isso, implantando aos poucos essa questão de que se tem que ter autoconfiança, tem que buscar tua independência frente à tua realidade de hoje, tu tens que ser comprometido, tu tens que ser persistente porque uma hora tu vai perder, e perder uma batalha não quer dizer que tu vá perder a guerra... todas essas coisas. Planejar, monitorar, estabelecer metas, são todas características do comportamento empreendedor que elas não são... as vezes quando a gente entra na sala de aula os alunos ficam pensando: ah o professor vai trazer alguma coisa que só o Bill Gates tem.. se fosse isso eu não ia trazer!! A pessoa é um super humano, eu vou trabalhar com a média, com o pessoal que é só humano... todo mundo é capaz. O professor é capaz de ser empreendedor em sala de aula trazendo ferramentas diferentes. Ele tem que entender seu público que é o aluno. Aí tem um pouco de administração do negócio, tem um pouco também de entender o teu público. As vezes o teu público não quer exatamente fazer leitura e tu não pode perder esses caras. Dali pode sair um cérebro destacado, uma ideia maravilhosa. Então mescla o texto, mescla com a entrevista, com uma reportagem, com uma resenha, com um vídeo... isso também tem a ver com a questão do fomento. Na formação de formadores também isso é bacana proporcionar... traz pessoas que trabalham nessa linha, que não se contentam em ir ali pra sala de aula: "hoje vamos aprender sobre o oriente médio. O oriente médio é um lugar que

*fica em tal lugar, latitude tal, longitude tal” e os alunos não sabem nem o que é latitude e longitude! Daqui a pouco se tu trouxer um vídeo, trouxer alguém que morou no oriente médio, que vá falar: “lá é muito deserto...” esses caras vão saber muito mais do que decorando. É isso também: o professor tem que ter na sua veia um pouco de empreendedor. Ele não pode perder aquele público, não pode perder o público. Ele tem que chamar a atenção toda hora, tem que ser palhaço, - isso particularmente eu sou contra -, mas ele tem que ser criativo. Um dia ele usa a lousa digital que ele não sabe usar direito, outro dia ele usa projetor, outro dia ele usa música.. pra contextualizar o conhecimento; ele só tem valor contextualizado. Ao meu ver só tem valor contextualizado. O conhecimento pelo conhecimento nos faz ficar como está a academia brasileira: a gente produz conhecimento pra publicar e engavetar. Agora a gente não engaveta mais, a gente coloca no HD. Aí esse conhecimento foi super importante: pra quem? A descoberta foi super importante pro pesquisador e pro orientador porque agregou no currículo Lattes. Mas e a pesquisa aplicada? Aquela, de verdade, pra trazer algum resultado, alguma mudança no cenário? Então, se tu consegue contextualizar esse conhecimento, ele fica muito mais bacana, toca mais o estudante.*

## APÊNDICE VII

### Entrevista realizada com o professor substituto da disciplina de Perfil Empreendedor

#### PERFIL DO ENTREVISTADO

Qual sua idade? *29 anos.*

Qual seu vínculo de trabalho com o IFSul? *Substituta.*

Há quanto tempo você atua na área de docência? *Um mês! (risos)*

Há quanto tempo você atua na área de docência no IFSul? *Da mesma forma! (risos)*

Qual sua formação acadêmica? *Em Administração de Empresas. Tenho MBA em Gestão Empresarial pela FGV. Terminei agora em julho, na verdade entrego o artigo, que é só o que falta pra conclusão de outra especialização, que é em Didática e Metodologia do Ensino Superior na Anhanguera.*

Quais disciplinas – e para quais cursos – você ministra? *Os técnicos: cursos de Mecânica e Química, Eletrotécnica (concomitante, subsequente, integrado). Pro superior, Engenharia Elétrica e TSI; as disciplinas do prof. Renato que acabei assumindo. Dentro da Mecânica a disciplina é Organizações e Normas, pra Química chamam de Gestão Industrial.. na verdade é o mesmo currículo, o mesmo plano de ensino. Pra Engenharia Elétrica é Engenharia Econômica e o Projeto Integrador III. No TSI eu pego o Perfil Empreendedor pra uma turma e pra outra turma o Planejamento, a parte de gestão que faz o plano de negócios.. não lembro bem o nome da cadeira.*

#### CONCEPÇÕES TEÓRICAS COM RELAÇÃO AO EMPREENDEDORISMO

Que concepção de Empreendedorismo tu adota nas tuas disciplinas? *Então... o que eu tenho falado muito? Na questão da importância de tu ter um perfil empreendedor independente de tu ter o sonho de ter uma empresa, ou mesmo de atuar como empregado. Eu uso essa questão porque eu notei que nas primeiras aulas, quando eu vim muito com o assunto de “ser empreendedor”, eles já ligavam a empresário. Até que um aluno falou: “lá vem ela dizer que eu tenho que ser empresário!”. Daí eu disse: “Pera aí, então tá tudo errado! Vamos voltar! Empreendedor não significa que o cara tem que ser empresário, mas sim que tem algumas características que é o que a gente vai trabalhar, dois encontros depois...” Enfim, então seria o perfil. Eu trabalho muito com isso, com a necessidade dessas pessoas que tão se formando de ter um perfil diferenciado da maioria, de sempre aceitar tudo, de sempre fazer tudo pela mesma forma, sem questionar, sem entender o que eu posso fazer de melhor, tentar entender, ter ideias, dentro daquelas 10 características que a gente utiliza da teoria comportamental do David “macland”. Em todas as disciplinas que tu ministras aula tu falas sobre Empreendedorismo? *Sim. Mesmo aquelas disciplinas que já vou trabalhar direto o plano de negócios, tipo no TSI, a disciplina de gestão... eles já tiveram o perfil empreendedor, então eles já trabalharam isso, mas acabo fazendo o link, lembrando,**

*pois pra montar o plano de negócios tu acaba citando elas [as características]... mas a questão do Empreendedorismo eu trabalho em todas elas [as disciplinas].*

Quais são os principais autores que tu usas para trabalhar a temática do Empreendedorismo? *Em princípio eu estou usando a teoria do David “macland”, e aí eu peguei mais bibliografia que o Renato [professor que está em afastamento] tem utilizado, ele quem me passou todo o material. Como eu falei, eu estou iniciando a carreira docente e não tenho material nenhum, aí ele me passou o que estava trabalhando. Ele tem uma apostila dele, ele tem bastante material dele mesmo, e ele já tinha começado essas disciplinas. Também tem algumas coisas do Fernando Dolabela que ele tem passado, tem alguns trechos que eu venho lendo... na verdade eu estou me atualizando muito, né? Eu me formei em 2007, enfim... e dentro da Administração a gente não teve nada direcionado ao Empreendedorismo, então acaba que eu falo isso muito em sala de aula: “que bacana que vocês todos, do técnico mesmo, tem uma cadeira específica pra tratar desse assunto, porque, imagina, eu na graduação de Administração, que seria o princípio de tudo trabalhar Educação Empreendedora, não foi falado em nenhuma disciplina!” Não tinha disciplina [de Empreendedorismo] no meu currículo... era tudo muito técnico. Administração disso, Administração daquilo... mas o Empreendedorismo como base não”. Mas eu to gostando bastante, o pessoal tem me recebido bem... tem apenas uma turma da Química em que eles são mais falantes, mas aí eu dou uma puxadinha e eles voltam, participam, dão exemplos... bem legal.*

Tu conheces o mercado de trabalho de todas as áreas dos cursos para os quais tu ministra aulas? *Não, e isso que foi minha maior preocupação no início né? Eu pensava: como é que eu vou tratar com exemplos específicos pra Química? Específicos pra Mecânica? Que são os cursos que eu trabalho! Eletrotécnica? Eu não conheço o curso!! Então, nas minhas primeiras aulas, nos dois primeiros encontros, eu fui questionando muito eles: “onde vocês querem trabalhar, qual é a ideia?”, “no quê vocês tem trabalhado?”, e fui fazendo as minhas anotações pra dentro disso tentar buscar exemplos mais ligados às áreas deles. Não adianta eu fazer uma aula padrão e achar que eu vou utilizar em todos os técnicos da mesma forma que não vai funcionar. Uma aula que dá certo em um curso já não dá em outro, né? Eu gosto muito de trabalhar com vídeos curtos, dando exemplos. Por exemplo: eu olho o Pequenas Empresas Grandes Negócios no domingo porque a minha filha me acorda cedo.. aí eu deixo a TV ligada e vou olhando. Às vezes eu vejo um exemplo bacana e penso: bah, que legal! Depois eu vou lá, baixo o vídeo ou entro na internet pra mostrar: “olha pessoal, que legal esse projeto”. Daí o pessoal acaba se empolgando mais: “ah é mesmo, que bacana!” Às vezes tem projetos do IF que também aparecem, tipo o do bafômetro, que foi pro Luciano Huck. Acaba que eles acham bacana isso, começam a entender que não é tão difícil muitas vezes... Se a gente trabalha só com exemplos de grandes empresários, começa a parecer que é difícil o trajeto pra conseguir chegar lá.*

Durante as aulas você estimula seus alunos a serem empreendedores? *Sim, bastante! E aí agora, no plano de negócios, eu tenho mais ideia de que a coisa vai começar a ferver mais. Vamos trabalhar com grupos, e eles tem que inventar, criar algum plano de negócios, seja de serviço ou produto, ou empresa mesmo, dentro da área deles. Aí sim que eles vão começar a botar no papel, esboçar o projeto. Aí acho que vai ser mais bacana ainda.*

## PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS

Essas perguntas tem a ver com a tua percepção com relação ao IF. Tu deves te sentir bem à vontade caso não saiba responder algo, já que estás recém chegando.

Considerando as características e as finalidades dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, como você avalia que o Empreendedorismo pode se relacionar nesse cenário? *O que eu tenho entendido nesse primeiro momento... o porquê de elas estarem no quadro dos técnicos, nas turmas de formandos. Eu pego todas as turmas de formandos. É bem isso: a questão de estimular eles, já que estão saindo com uma formação técnica, um diploma que muitas vezes dá um título que muitas vezes eles não precisam nem da graduação para estar se inserindo no mercado de trabalho, eles utilizarem esse conhecimento pra realmente ir a campo e entender: eu posso, eu não preciso imaginar que eu tenho que ficar largando 'currículozinho' em empresa pra começar. Pera aí, daqui a pouco eu, técnico químico, posso prestar serviço pra uma empresa grande como terceirizado mesmo, tendo a minha empresa, eu trabalho muito essa questão. Os meninos da Mecânica vários falam "ah, eu já vi quanto sai pra montar aquela máquina... não sei o nome (risos)... pra fazer manutenção de veículos". Eles começam a dar exemplos deles e eu tenho que entrar na onda, porque eu também não tenho conhecimento deles! Aí eu vou fazendo as minhas anotações pra isso. A ideia mesmo das cadeiras de Educação Empreendedora dentro dos cursos é isso, pra estimular eles que o quanto antes caminhem pelas próprias pernas e não precisem, necessariamente, depender de ser funcionário. Ou ainda: querem ser funcionários? Não tem problema nenhum, de repente não me acho ainda preparado pra iniciar a minha empresa, nem que seja pequena, de repente não tenho perfil, nem todo mundo tem, mas que pelo menos eu entenda que pra garantir meu bom emprego ou conseguir um emprego em uma empresa diferenciada, que tenha um plano de carreira melhor que eu desenvolva essas características dentro das que a gente tá trabalhando. Que elas sejam mais aguçadas do que na grande maioria das pessoas. Eu trabalho muito a questão de ser diferenciado, enfim. Tento dar uma injeção de ânimo neles e motivação.*

Você avalia que o IFSul considera o Empreendedorismo importante? Porquê? *Depende. Se eu parar pra pensar em quando eu cheguei. Cheguei hoje, alguém me diz: amanhã tu tem aula, tá aqui tua grade de horários e vai. A ideia que eu tinha era: poxa, to chegando, ainda mais eu que nunca tive na docência, esperava algo do tipo "pera aí, tu tens que trabalhar tais temas, trabalha com esses livros..." o máximo que me fizeram foi mandar os planos, aí eu tenho que agradecer ao Renato, que mandou os planos de ensino. A gente se encontrou porque foi uma semana antes de ele sair que a gente conseguiu conversar, mas, assim, esboçando mais ou menos o que ele trabalhava com a Engenharia Elétrica só, porque os técnicos ele já não estava mais atendendo. Ele tinha uma turma de Eletrotécnica só. A importância que eu digo é assim: até entendo que é dada alguma importância no momento em que se põe na grade curricular dos cursos, em especial nos formandos de técnicos, pra eles saírem daqui formados com essa ideia fervilhando, pensando no que eles podem fazer pra andar com as próprias pernas, mas em contrapartida, aquela base pra quem tá chegando, pra Instituição, parece que não é necessária. Aí eu sinto, por estar dentro da COCIHTEC, que é da Formação Geral, parece que a Formação Geral não é muito importante. Eu não sei, nunca trabalhei em órgão público. Minha vida inteira foi na iniciativa privada. Aqui ninguém quer saber se tu está ou não trabalhando, como tu estás fazendo, se é bom ou não, aí converso com o meu esposo e ele diz: "mas o quê, tu tá querendo a*

*pressão do banco em cima de ti?”. Mas não é isso, é que não tem acompanhamento. Por isso que eu digo que as vezes parece que não tem importância por isso, porque não tem nenhum acompanhamento, não tem monitoramento pra ver se está bem feito.. não é questão de querer ter pressão, mas sinto falta daquele acompanhamento pra saber se está sendo bem feito. Não sei também se em algum momento não vamos ter avaliação, tô chegando, não sei se existe isso. Por exemplo: minhas turmas no Q Acadêmico. Metade das turmas só estão lá. Eu cobro e ninguém faz nada. Daqui a pouco já terei notas pra lançar e não estou nem com as turmas. As turmas que eram do prof. Renato eu consegui que o pessoal do TSI fizesse, das turmas do técnico, tenho 3 Químicas, 3 Mecânicas... e nada aparece pra mim. Parece que falta controle... pra mim é um choque de cultura. Mas... a gente acostuma.*

Você acredita existe um fomento ao Empreendedorismo por parte da instituição? *Não sei responder... estou chegando, vou saber daqui a algum tempo.*

Que ações para o fomento do Empreendedorismo você acha que teriam mais efeito junto aos estudantes? *Acho que esse tipo de ação que o NADE faz, curso, semana do empreendedorismo, faz o aluno ter mais interesse. Senti por um aluno meu da Mecânica, ele falou com brilho no olho: professora, a senhora sabia que tem um tal de grupo NADE aqui? Vou lhe mandar o material, porque é muito bacana! E também nós, professores, dentro das disciplinas, temos que instigar eles a pensar. Eu noto que parece que existe uma preguiça de pensar, sabe? As coisas estão muito prontas hoje pra nós.. e até me incluo nisso. As vezes parece tão mais prático pegar pronto o material... mas porque a gente não questiona, não faz o trabalho por a gente mesmo? Porque a gente não chega em uma empresa e não questiona porque as coisas são feitas desse jeito e não de outro? Porque a gente aceita que é feito sempre assim? São ações que fazem a gente pensar e que dão efeito. É isso. De repente eu estou divagando porque estou chegando (risos).*

## APÊNDICE VIII

### Transcrição da entrevista no grupo focal

Vocês têm observado qual é o perfil de aluno, quem são os ingressantes no curso de TSI na modalidade presencial?

*Falante 1 - Lá em Passo Fundo tinha um trabalho que eles mapeavam isso e diziam para os professores quem era o aluno, feito pelo próprio curso, por uma pedagoga. Aqui a gente não tem isso, nunca vi isso aqui.*

*Falante 2 – Eu geralmente pergunto de onde eles vêm, e [observo que] a gente tem uns 20% que são alunos daqui mesmo, principalmente do curso [técnico] de Eletrônica, alunos do Ensino Médio que já tem algum contato ou estágio na área, e outros vão por eliminatória: o que mais eu me encaixaria? Muito pela questão da informática hoje ser bem difundida... eles são usuários então eles acham que querem fazer o curso, mas pensando como usuário... é isso que eu identifico.*

Eu percebi que vocês tiveram recentemente uma revisão de projeto de curso, e acredito que tenha um pouco a ver com a questão que vou fazer agora: qual é o perfil do profissional que esse curso quer formar? Quem é o tecnólogo em sistemas para internet formado por esse curso, no que ele pode trabalhar? Como o curso se organiza pra formar esse profissional?

*Falante 3 – Eu acho que é mais pra atender demanda de mercado mesmo, demandas imediatas. A gente fez a reforma da grade pensando nisso. Entrei em contato com vários colegas de empresas que relataram que um problema que eles tinham era falta de desenvolvedor de front end, então foi uma coisa que a gente buscou trabalhar bastante nessa nova grade. O foco foi pegar áreas que estão carentes dentro do mercado e focar nelas, dar um diferencial tecnológico nesse sentido. Quando o grupo começou a pensar era nisso, tentar ver o que era a demanda. Não adianta ensinar coisas que não se usa no mercado. Extinguimos muita coisa que se vinha estudando, apresentando pros alunos, exatamente para trazer experiência de mercado. Algumas coisas passaram a ser vistas como tópicos, como histórico de informática, e não disciplinas inteiras. A gente está buscando trazer essas coisas de fora, de mercado mesmo, de experiência profissional, falando com o pessoal que já trabalhou no mercado, pra retratar isso. Nosso curso muda muito rápido, então a gente tem que se adequar. Nós, como curso, temos que fazer uma revisão a cada quatro anos, cinco estourando, pra se adequar às tecnologias, às novas metodologias de desenvolvimento... Então é mais pra adequar o perfil ao mercado, é o que eu acho.*

*Falante 2 – É, e eles podem atuar como empreendedores também.*

Falante 3 – *Com certeza.*

Falante 2 – *Estávamos falando de mercado, mas eles [alunos] são bem autônomos. Tem disciplinas de Gestão que auxiliam eles a também criar sua própria empresa, seu próprio negócio, trabalhar em casa... eles podem fazer isso.*

Falante 3 – *Eu dou disciplinas do meio para o final do curso, então eu consigo perceber; quando eles chegam pra mim, já consigo distinguir quem vai pra academia, quem vai pro mercado, quem quer ser empreendedor... Essa questão de incubação, acho que aqui no IF caberia porque tem várias que querem, mas não sabem, não tem suporte jurídico.*

Falante 4 – *Os alunos do TSI a maioria já estão no mercado de trabalho do curso deles, ou estão trabalhando em alguma empresa como estágio, ou já estão efetivados ou estão tentando abrir a própria empresa.*

Falante 2 – *Depois do segundo semestre a gente nota muito isso, que eles já vão se alocando rapidamente.*

Falante 4 – *Ou eles trabalham em projetos próprios, ou se juntam entre dois ou três colegas e tentam montar a própria empresa, acontece muito dentro do curso também. Alguns inclusive até desistem do curso por já estarem trabalhando na área.*

Quando vocês falam em buscar no mercado informações para atualizar o curso, é em um sentido local, regional, faz diferença?

Falante 3 – *Eu fiz mestrado fora, tenho contato com uma galera do norte e nordeste, tenho colegas de empresas de fora do país, então o que eu faço? Geralmente pergunto: “o que vocês tão usando?”. Todo o semestre eu vou conversando. Eu encho o saco deles pra saber o que estão usando de fato, pra saber se a gente tá atualizado.*

Falante 5 – *Diferença sempre vai ter, porque uma das grandes [empresas] a produção está aqui. A AG2 mesmo, a produção está aqui; é uma empresa grande de São Paulo que a produção está em Pelotas porque a mão de obra sai daqui. Gestum, Cigam, a produção toda está aqui em Pelotas... a mão de obra está aqui, eles vem buscar aqui.*

Falante 3 – *É que Pelotas é um polo de desenvolvedores. Quando eu trabalhei em Porto Alegre via muito pelotense e rio grandino e pensava: “como é que a gente não aproveita, tem que sair de Pelotas porque não tem emprego?”. Várias empresas aqui estão crescendo, prestando serviços pra fora do país.*

Com essa revisão atual do projeto, eu acho que vocês estão vivendo um momento bem particular que é essa transição, vocês entendem que essa nova versão ficou atendendo o propósito de formar esse novo profissional que vocês se propõem ou ainda ficou alguma limitação ou lacuna?

*Comentário geral – Acho que sempre dá pra melhorar.*

*Falante 1 – A primeira turma está entrando agora com a grade nova.*

*Falante 5 – Com o tempo vai ser avaliado isso, eu acho.*

*Falante 3 – Vai demorar um pouquinho pra ter essa certeza.*

*Falante 6 – O pessoal tá recém no primeiro semestre da grade nova...*

*Falante 3 – Eu acredito que aparentemente ficou bem mais próximo da realidade do que o pessoal quer.*

*Falante 5 – Melhorar sempre é possível*

*Falante 3 – Claro, melhorar sempre é possível, expandir, trazer coisas novas. Quando integralizar já deve ter coisa nova, aí vão faltar essas coisas novas, por isso que eu digo, a gente tem que estar sempre revisando. O nosso curso acho que tem que ter uma coisa que não tem muito ainda, que é disciplina eletiva. Fica mais fácil pra trabalhar com coisas novas e buscar sempre as últimas tendências e jogar em eletivas.*

*Falante 6 – Fica mais fácil de mexer na grade, que aí tu adiciona ou remove a disciplina sem mexer na estrutura básica*

*Falante 3 – Acho que uma tendência do nosso curso é isso, estabilizarmos o corpo, que eu acredito que vai ficar um corpo bom, e puxar essas coisas como disciplinas eletivas que a gente vai vendo na medida em que for andando o tempo, vão aparecer mais coisas... Por exemplo, mobile, a gente tem uma disciplina, mas é capaz de ter que ter mais outra, para complementar. A gente vai ir vendo conforme for o andamento mesmo.*

Uma última pergunta, pra encerrar essa parte de grupo: eu vi que as duas disciplinas que são da área de gestão e negócios se mantiveram na revisão. Estavam na versão anterior e se mantiveram; como vocês acham que essas duas disciplinas, dentro do conhecimento que vocês tem, contribuem pra formação desse egresso que o curso se propõe a formar?

*Falante 3 – Eu acho que ela ajuda especialmente esses caras que tem esse espírito empreendedor*

*Falante 7 – Que querem abrir um negócio.*

*Falante 3 – Eu não sei se na grade... por exemplo, quando eu fiz minha graduação, eram disciplinas opcionais, eletivas. Nós não temos ainda essa estrutura de poder escolher: “não quero academia, então vou mais pra esse nicho aqui de disciplinas, eu quero mais o mercado, então vou pra esse...” Eu acho que é importante manter elas porque tem muita gente que busca, no 3º e 4º semestre abrir empresa: “como*

*eu faço pra abrir empresa?”... acho que tem que ter essa visão de mercado. Acho que eles não tem ideia, em geral, de como funciona essa questão empresarial, de todo o suporte que tem que ter por trás do empreendedor, que não é uma coisa simples. Eu sei porque já estudei também a questão de incubadoras, já me informei, mas sei que tem muita coisa, e é difícil estabelecer a incubação. Mas eu acho que é importante, tanto que a gente manteve, a gente conversou com o pessoal da COCIHTEC [coordenadoria do Departamento de Formação Geral em que abrange as disciplinas do eixo Gestão e Negócios] durante essa transição, pedimos pra eles revisarem os conteúdos: “está atualizado? É isso que precisa?” Eles responderam: “é isso aqui, ok” e a decisão foi por manter. Mais por causa disso, por causa desse perfil de alunos que a gente enxerga do 3º semestre em diante que a gente forma... pelo menos é como eu enxergo.*

Alguém gostaria de acrescentar mais alguma coisa? [Silêncio]

Gostaria de agradecer a participação de todos.